

Convergência

Agosto, Setembro e Outubro • 2021 • ANO LVI



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Padre Paulo Alessandro, oar
Padre Jaldemir Vítório, sj
Irmão Lauro Daros, fms
Irmã Nivalda Milak, fdz
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp

Projeto Gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb
Revisão Geral: Prof. Romulo Ramos Ximenes (especialista)
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário



Editorial

Sonho, Serviço e fidelidade! 5

Mensagem do Papa

Mensagem para o 58º Dia Mundial de
Oração pelas Vocações 10

Mártires e Santos

Venerável Madre Ília Corsaro..... 15

Informes

Jubileu dos Passionistas 19

Tesemunhas da Beleza de Deus 26

O Dom da Fidelidade - A Alegria da Perseverança 31

Inspetoria São João Bosco 33

Artigos

A Vida Religiosa e os processos de iniciação à
Vida Cristã 36

Luiz Alves de Lima

Santa Paulina: Um mulher no coração do cordeiro 54

Irmã Luzia Cândido dos Santos, CIIC

Fragmentos Pastorais do Sínodo Pan-Amazônico após
um ano de sua realização..... 62

Padre Paulo Suess

Releitura do Carisma da Congregação das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresa do Menino Jesus à luz da teologia da missão contemporânea.....	76
<i>Irmã Cecília Tada</i>	
Fratelli Tutti: ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém	91
<i>Padre Ronaldo Zacharias, sdb</i>	
Os votos religiosos na perspectiva do Sínodo para a Pan-Amazônia.....	108
<i>Frei Vanildo Luiz Zugno</i>	
 <i>Resenha</i>	
Riscos da Vida Religiosa.....	118



SONHO, SERVIÇO E FIDELIDADE!

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB

Caríssimos irmãos e irmãs. A revista *Convergência* continua sua missão e com isso, alegra-nos imensamente o aumento de assinaturas. Isso significa que os artigos e as informações que compõem toda edição estão agradando. Graças a Deus, temos muitos artigos na espera de avaliação e publicação. Agradeço aos autores e autoras que colaboram com a reflexão sobre a VRC, com seus desafios e compromissos neste momento da história.

Assim, a revista continua, como bem nos motivou Papa Francisco na mensagem para o Dia Mundial das Vocações, a viver o sonho de ser presença animadora da VRC no Brasil,

num serviço aberto às realidades deste tempo a fim de interpretar a presença da VRC e sua riqueza carismática, na fidelidade criativa como guardião de nossa missão mística-profética-sapiencial.

Esta edição, de agosto a outubro, abraça um período de intensas atividades na Igreja do Brasil: o mês vocacional e a 2ª semana da VRC; o mês da Bíblia e o mês missionário. Tudo interligado, porque as vocações são sempre um Dom de Deus para o anúncio da Palavra e o compromisso com a missão evangelizadora.

Com a sensibilidade e a competência de quem conhece profundamente o tema, Pe. Luiz Alves de Lima, SDB, reflete sobre o processo de Iniciação Cristã a

partir do catecumenato até seu resgate no Concílio Vaticano II. Com o título “A Vida Religiosa e os processos de Iniciação à vida cristã,” o autor chama em causa a VRC e propõe novas abordagens que necessitam da força profética dos religiosos e religiosas inseridos na catequese.

A santa brasileira, Madre Paulina do Coração agonizante de Jesus, foi uma religiosa mística identificada com Jesus Cristo na sua paixão pelo mundo. Para nos ajudar no conhecimento desta união de fé, que encontra na Eucaristia um manancial de espiritualidade, a Irmã Luzia Cândido dos Santos, CIIC, apresenta a reflexão “Santa paulina: uma mulher no Coração do Cordeiro.” Oxalá a perseverança e fidelidade de santa Paulina nos ajude a rejuvenescer a esperança.

O Sínodo Pan-Amazônico completou um ano de sua realização. Aos poucos, o sonho sinodal e a conversão pastoral tornam-se realidade nas igrejas particulares da vasta região Amazônica e em todo o Brasil. No entanto, ainda temos muito caminho para percorrer. Não podemos perder o impacto positivo desse evento eclesial. Com o artigo “Fragmentos pastorais do Sínodo Pan-Amazônico após uma no de sua realização,” o padre Paulo Sueses, missionário Fidei Donum, apresenta diversos aspectos que

foram suscitados nesse processo sinodal e que ainda precisam ser amadurecidos à luz das expectativas do Povo de Deus.

Voltar às fontes do carisma fundacional, como pediu o Vaticano II, é uma tarefa que requer sensibilidade aos novos tempos e aos apelos da Igreja num mundo em profunda e rápida transformação. Com o artigo “Releitura do carisma da Congregação das Irmãs Carmelitas missionárias de Santa Teresa do Menino Jesus à luz da teologia da missão contemporânea,” a Irmã Cecília Tada, Carmelita, apresenta o caminho de atualização que a Ordem está realizando em busca de corresponder ao sopro do Espírito.

A Encíclica Fratelli Tutti, do Papa Francisco, sofreu a campanha do negacionismo que ronda a sociedade brasileira e o mundo. O impacto na prática cristã, com um tema tão atual, não foi o esperado, o “mundo fechado”, como afirma Francisco, rejeita a fraternidade. Com o objetivo de aproximar o leitor e a VRC do cerne da questão, o padre Ronaldo Zacharias, SDB, com o artigo “Fratelli Tutti: ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém,” resgata os principais elementos que podem nos ajudar como VRC a abrir os olhos para o valor transcendente da fraternidade. Como bem defende o Papa: “Guerra não se responde

com guerra, mas com fraternidade e solidariedade”.

A última parte do valioso artigo do Frei Vanildo Luiz Zugno, OFMCap, “uma castidade solidária,” na perspectiva do Sínodo Pan-Amazônico, chega numa hora difícil no Brasil. A pandemia gerou um colapso no sistema de saúde e na economia. A fome, o desemprego, a indigência de numerosas pessoas e famílias nos inquietam. Ser castos e castas não pode ser apenas uma questão sexual, mas de liberdade do

coração para adorar a Deus e amar concretamente o próximo. A castidade cultural e militante nos impele a doar a vida e não a nos fechar para a caridade ativa.

Este é um tempo de grande provação para todos nós, e a VRC não pode e nem deve ficar à margem do compromisso pelo bem viver e o bem querer. A Revista Convergência quer ser um ponto de união, em Cristo, para tudo aquilo que está dividido.

Boa leitura.

"Fazei tudo o que
ele vos disser"
(Jo 2,5)



Triênio
2019 a 2022



CRB NACIONAL

Consagradas e consagrados em missão

Horizonte

Nós consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

Prioridades



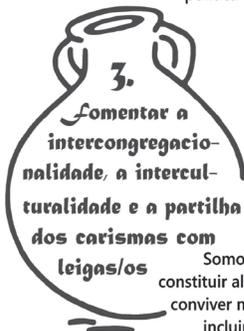
1.
**Cultivar a
mística
profético-
sapiencial**

Inspirados em Maria, queremos escutar a voz de Deus nos pequenos sinais da vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino na noite escura da realidade socioeconômica e política dos nossos povos.



2.
**Ouvir o
clamor dos
pobres e
da terra**

Comprometemo-nos a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum. Optar em favor dos mais pobres nos empenha a enfrentar a injustiça ambiental, porque tudo está interligado.



3.
**Fomentar a
intercongregacio-
nalidade, a intercul-
turalidade e a partilha
dos carismas com
leigos/os**

Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão.



4.
**Promover
relações humani-
zadoras e atenção
diferenciada à
cada geração
na VRC**

Precisamos tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade e de sinodalidade como expressão de uma nova forma de convivência capaz de superar o individualismo e a dominação.



MENSAGEM PARA O 58º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

25 de abril de 2021 - IV Domingo da Páscoa

«São José: o sonho da vocação»

Q *ueridos irmãos e irmãs!*
No dia 8 de dezembro passado, teve início o Ano especial dedicado a São José, por ocasião do 150º aniversário da declaração dele como Padroeiro da Igreja universal (cf. Decreto da Penitenciaria Apostólica, 8 de dezembro de 2020). Da parte minha, escrevi a carta apostólica *Patris corde*, com o objetivo de «aumentar o amor por este grande Santo» (concl.). Trata-se realmente duma figura extraordinária e, ao mesmo tempo, «tão próxima da condição humana de cada um de nós» (introd.). São José não sobressaía, não estava dotado de particulares carismas,

não se apresentava especial aos olhos de quem se cruzava com ele. Não era famoso, nem se fazia notar: dele, os Evangelhos não transcrevem uma palavra sequer. Contudo, através da sua vida normal, realizou algo de extraordinário aos olhos de Deus.

Deus vê o coração (cf. 1 Sam 16, 7) e, em São José, reconheceu um coração de pai, capaz de dar e gerar vida no dia a dia. É isto mesmo que as vocações tendem a fazer: gerar e regenerar vidas todos os dias. O Senhor deseja moldar corações de pais, corações de mães: corações abertos, capazes de grandes ímpetos, generosos na doação, compassivos para

consolar as angústias e firmes para fortalecer as esperanças. Disto mesmo têm necessidade o sacerdócio e a vida consagrada, particularmente nos dias de hoje, nestes tempos marcados por fragilidades e tribulações devidas também à pandemia que tem suscitado incertezas e medos sobre o futuro e o próprio sentido da vida. São José vem em nossa ajuda com a sua mansidão, como Santo ao pé da porta; simultaneamente pode, com o seu forte testemunho, guiar-nos no caminho.

A vida de São José sugere-nos três palavras-chave para a vocação de cada um. A primeira é sonho. Todos sonham realizar-se na vida. É justo nutrir aspirações grandes, expectativas altas, que objetivos efêmeros como o sucesso, a riqueza e a diversão não conseguem satisfazer. Realmente, se pedíssemos às pessoas para traduzirem numa só palavra o sonho da sua vida, não seria difícil imaginar a resposta: «amor». É o amor que dá sentido à vida, porque revela o seu mistério. Pois só se tem a vida que se dá, só se possui de verdade a vida que se doa plenamente. A este propósito, muito nos tem a dizer São José, pois, através dos sonhos que Deus lhe inspirou, fez da sua existência um dom.

Os Evangelhos falam de quatro sonhos (cf. Mt 1, 20; 2, 13.19.22). Apesar de serem chamadas

divinas, não eram fáceis de acolher. Depois de cada um dos sonhos, José teve de alterar os seus planos e entrar em jogo para executar os misteriosos projetos de Deus, sacrificando os próprios. Confiou plenamente. Podemos perguntar-nos: «Que era um sonho noturno, para o seguir com tanta confiança?» Por mais atenção que se lhe pudesse prestar na antiguidade, valia sempre muito pouco quando comparado com a realidade concreta da vida. Todavia São José deixou-se guiar decididamente pelos sonhos. Porquê? Porque o seu coração estava orientado para Deus, estava já predisposto para Ele. Para o seu vigilante «ouvido interior» era suficiente um pequeno sinal para reconhecer a voz divina. O mesmo se passa com a nossa vocação: Deus não gosta de Se revelar de forma espetacular, forçando a nossa liberdade. Transmite-nos os seus projetos com mansidão; não nos ofusca com visões esplendorosas, mas dirige-Se delicadamente à nossa interioridade, entrando no nosso íntimo e falando-nos através dos nossos pensamentos e sentimentos. E assim nos propõe, como fez com São José, metas elevadas e surpreendentes.

Na realidade, os sonhos introduziram José em aventuras que nunca teria imaginado.

O primeiro perturbou o seu noivado, mas tornou-o pai do Messias; o segundo fê-lo fugir para o Egito, mas salvou a vida da sua família. Depois do terceiro, que ordenava o regresso à pátria, vem o quarto que o levou a mudar os planos, fazendo-o seguir para Nazaré, onde precisamente Jesus havia de começar o anúncio do Reino de Deus. Por conseguinte, em todos estes transtornos, revelou-se vitoriosa a coragem de seguir a vontade de Deus. Assim acontece na vocação: a chamada divina impele sempre a sair, a dar-se, a ir mais além. Não há fé sem risco. Só abandonando-se confiadamente à graça, deixando de lado os próprios programas e comodidades, é que se diz verdadeiramente «sim» a Deus. E cada «sim» produz fruto, porque adere a um desígnio maior, do qual entreveremos apenas alguns detalhes, mas que o Artista divino conhece e desenvolve para fazer de cada vida uma obra-prima. Neste sentido, São José constitui um ícone exemplar do acolhimento dos projetos de Deus. Trata-se, porém, de um acolhimento ativo, nunca de abdicação nem capitulação; ele «não é um homem resignado passivamente. O seu protagonismo é corajoso e forte» (Carta ap. Patris corde, 4). Que ele ajude a todos, sobretudo

aos jovens em discernimento, a realizar os sonhos que Deus tem para cada um; inspire a corajosa intrepidez de dizer «sim» ao Senhor, que sempre surpreende e nunca desilude!

Uma segunda palavra marca o itinerário de São José e da vocação: serviço. Dos Evangelhos, resulta como ele viveu em tudo para os outros e nunca para si mesmo. O Povo santo de Deus chama-lhe castíssimo esposo, desvendando assim a sua capacidade de amar sem nada reservar para si próprio. Libertando o amor de qualquer posse, abriu-se realmente a um serviço ainda mais fecundo: o seu cuidado amoroso atravessou as gerações, a sua custódia solícita tornou-o patrono da Igreja. Ele que soube encarnar o sentido oblativo da vida, é também patrono da boa-morte. Contudo o seu serviço e os seus sacrifícios só foram possíveis, porque sustentados por um amor maior: «Toda a verdadeira vocação nasce do dom de si mesmo, que é a maturação do simples sacrifício. Mesmo no sacerdócio e na vida consagrada, requer-se este género de maturidade. Quando uma vocação matrimonial, celibatária ou virginal não chega à maturação do dom de si mesmo, detendo-se apenas na lógica do sacrifício, então,

em vez de significar a beleza e a alegria do amor, corre o risco de exprimir infelicidade, tristeza e frustração» (Ibid., 7).

O serviço, expressão concreta do dom de si mesmo, não foi para São José apenas um alto ideal, mas tornou-se regra da vida diária. Empenhou-se para encontrar e adaptar um alojamento onde Jesus pudesse nascer; prodigalizou-se para O defender da fúria de Herodes, apressando-se a organizar a viagem para o Egito; voltou rapidamente a Jerusalém à procura de Jesus que tinham perdido; sustentou a família trabalhando, mesmo em terra estrangeira. Em resumo, adaptou-se às várias circunstâncias com a atitude de quem não desanima se a vida não lhe corre como queria: com a disponibilidade de quem vive para servir. Com este espírito, José empreendeu as viagens numerosas e muitas vezes imprevistas da vida: de Nazaré a Belém para o recenseamento, em seguida para Egito, depois para Nazaré e, anualmente, a Jerusalém, sempre pronto a enfrentar novas circunstâncias, sem se lamentar do que sucedia, mas disponível para dar uma mão a fim de reajustar as situações. Pode-se dizer que foi a mão estendida do Pai Celeste para o seu Filho na terra. Assim não pode deixar de ser modelo para todas as vocações, que a isto mesmo são chamadas: ser

as mãos operosas do Pai em prol dos seus filhos e filhas.

Por isso gosto de pensar em São José, guardião de Jesus e da Igreja, como guardião das vocações. Com efeito, da própria disponibilidade em servir, deriva o seu cuidado em guardar. «Levantou-se de noite, tomou o menino e sua mãe» (Mt 2, 14): refere o Evangelho, indicando a sua disponibilidade e dedicação à família. Não perdeu tempo a cismar sobre o que estava errado, para não o subtrair a quem lhe estava confiado. Este cuidado atento e solícito é o sinal duma vocação realizada. É o testemunho duma vida tocada pelo amor de Deus. Que belo exemplo de vida cristã oferecemos quando não seguimos obstinadamente as nossas ambições nem nos deixamos paralisar pelas nossas nostalgias, mas cuidamos de quanto nos confia o Senhor, por meio da Igreja! Então Deus derrama o seu Espírito, a sua criatividade sobre nós; e realiza maravilhas, como em José.

Além da chamada de Deus – que realiza os nossos sonhos maiores – e da nossa resposta – que se concretiza no serviço pronto e no cuidado carinhoso –, há um terceiro aspeto que atravessa a vida de São José e a vocação cristã, cadenciando o seu dia a dia: a fidelidade. José é

o «homem justo» (Mt 1, 19) que, no trabalho silencioso de cada dia, persevera na adesão a Deus e aos seus desígnios. Num momento particularmente difícil, detém-se «a pensar» em tudo (cf. Mt 1, 20). Medita, pondera: não se deixa dominar pela pressa, não cede à tentação de tomar decisões precipitadas, não segue o instinto nem se cinge àquele instante. Tudo repassa com paciência. Sabe que a existência se constrói apenas sobre uma contínua adesão às grandes opções. Isto corresponde à laboriosidade calma e constante com que desempenhou a profissão humilde de carpinteiro (cf. Mt 13, 55), pela qual inspirou, não as crônicas da época, mas a vida quotidiana de cada pai, cada trabalhador, cada cristão ao longo dos séculos. Porque a vocação, como a vida, só amadurece através da fidelidade de cada dia.

Como se alimenta esta fidelidade? À luz da fidelidade de Deus. As primeiras palavras recebidas em sonho por São José foram o convite a não ter medo, porque Deus é fiel às suas promessas: «José, filho de David, não temas» (Mt 1, 20). Não temas: são estas as palavras que o Senhor dirige também a ti, querida irmã, e a ti, querido irmão, quando, por entre incertezas e hesitações, sentes como inadiável o desejo de Lhe doar a vida. São as palavras que te repete quando no lugar onde

estás, talvez no meio de dificuldades e incompreensões, te esforças por seguir diariamente a sua vontade. São as palavras que descobres quando, ao longo do itinerário da chamada, retornas ao primeiro amor. São as palavras que, como um refrão, acompanham quem diz sim a Deus com a vida como São José: na fidelidade de cada dia.

Esta fidelidade é o segredo da alegria. Como diz um hino litúrgico, na casa de Nazaré reinava «uma alegria cristalina». Era a alegria diária e transparente da simplicidade, a alegria que sente quem guarda o que conta: a proximidade fiel a Deus e ao próximo. Como seria belo se a mesma atmosfera simples e radiosa, sóbria e esperançosa, permeasse os nossos seminários, os nossos institutos religiosos, as nossas residências paroquiais! É a alegria que vos desejo a vós, irmãos e irmãs que generosamente fizestes de Deus o sonho da vida, para O servir nos irmãos e irmãs que vos estão confiados, através duma fidelidade que em si mesma já é testemunho, numa época marcada por escolhas passageiras e emoções que desaparecem sem gerar a alegria. São José, guardião das vocações, vos acompanhe com coração de pai!

*Roma, São João de Latrão,
19 de março de 2021,
Solenidade de São José*



VENERÁVEL MADRE ÍLIA CORSARO

IRMÃ LUCELÃINE PONTES RIBEIRO¹

Ília Corsaro nasceu em Resina (Nápoles), no dia 04 de outubro de 1897. É a quarta filha de sete irmãos, seus pais eram Ângelo Corsaro e Maria Trotta. Filha de pai maçom, em casa não se falava de Deus, mas quando seu irmão Ítalo, aos 15 anos, muda de escola, encontra professores preparados e companheiros de classe que creem em Deus. Já na universidade, pelo testemunho de um padre apóstolo da juventude universitária, declara-se vencido, mas na derrota se vangloria de ter sido conquistado por Cristo.

Ília tem ainda 13 anos e será envolvida lentamente, juntamente com toda sua família. O último

¹ Pequenas Missionárias Eucarísticas



a ser conquistado por Cristo será seu pai que, diante do túmulo de São Francisco, rompe a dura pedra que tinha na alma e se sente ofuscado pela luz da verdade.

Ília, aos 16 anos, impulsionada por um grande amor, na manhã de domingo de Ramos, apresenta-se a um padre que, impressionado favoravelmente pela sede de Deus que tinha percebido nela, permite-lhe comungar, embora

não soubesse de cor nenhuma oração. No dia 19 de maio de 1918, recebe com profunda devoção o Sacramento da Crisma.

Quem a observa nestes anos, vê nela uma moça como tantas outras. Viva e bastante independente vai se abrindo cada vez mais a uma vida interior, tanto que aos 18 anos escreve a uma amiga: “Sinto em mim mesma a necessidade de uma vida nova, cheia de atividades, sinto a necessidade de chorar, de gritar, de amar, também de entregar-me, de doar-me inteiramente a uma única coisa, a fim de consumir toda, e a fim de viver senão por aquela mesma coisa”. Assim, Ília dá os primeiros passos nos caminhos do Espírito e, vai caminhando até se tornar dócil como uma criança, essa docilidade permanecerá durante toda sua vida, mesmo quando mais tarde deverá agir como uma mulher enérgica, de grande força de vontade e de grande capacidade de comando, depois da fundação.

Em agosto de 1920, Ília conhece Pe. Luiz Zaccaleoni, um diretor espiritual iluminado que, com constante paciência, vence as resistências de Ília, porque entre os dois há um combate contínuo: Ília deseja uma vida de silêncio e adoração e sonha com o Carmelo, enquanto padre Luiz repete-lhe que deve fundar uma obra catequética em Bagnoli. Ela,

perturbada pela dúvida, numa vigília noturna, pede a Deus um sinal do alto. No coração da noite, imprevisivelmente, acendem-se as luzes como que por milagre, e diante de seus olhos se delineia uma grande cruz, enquanto interiormente por três vezes ouve: sozinha, sozinha, sozinha. A cruz desaparece somente quando ela diz: Senhor, abandono-me vós, certamente me ajudareis.

Assim, no dia 03 de novembro de 1928, numa noite de outono, uma modesta casa de aluguel abre suas janelas para o pequeno jardim que a circunda. Nasce, assim, a Congregação das Pequenas Missionárias Eucarísticas, cujo carisma é velar às sombras dos sacrários para regenerar no amor à humanidade. Os vizinhos, na sua maioria operários, olham pasmos aquelas quatro moças com roupa escura que saem à noitinha para a adoração noturna e voltam de manhã depois da celebração da missa.

Ília demonstrou, desde sua juventude, uma grande sensibilidade religiosa. De fato, era dedicada à oração, à meditação e à adoração Eucarística. Sabia ver tudo à luz da fé, alimentada pela sua piedade eucarística. De fato, a Eucaristia era o centro de sua vida e conseguia transmitir esta centralidade a todas as pessoas que a cercavam. A sua oração era uma verdadeira

experiência de comunhão com o Senhor e era particularmente devota de São Francisco de Assis, como testemunhava a sua vida simples, sóbria e pobre. Além disso, meditava muito o mistério da anunciação, manifestação da sua devoção à Maria.

Ela viveu à luz da fé o seu relacionamento, nem sempre fácil, com as autoridades eclesásticas, esperando confiadamente a aprovação diocesana da congregação por ela fundada. Tinha uma forte confiança na providência de Deus. O que lhe movia era unicamente a glória de Deus e o bem dos irmãos. Provava um verdadeiro horror ao pecado, mas tinha verdadeira misericórdia pelo pecador. Soube abandonar-se ao Senhor durante a experiência da doença. No dia 23 de março de 1977 às 5:30, fez sua páscoa definitiva em fama de santidade.

No 23 de março de 1994, aconteceu a trasladação dos seus restos mortais do cemitério à capela da casa da mãe em Bagnoli (Nápoles), ao lado do altar da Anunciação, lugar particularmente querido por ela.

No dia 19 de junho de 1997, inicia-se o processo diocesano para a causa de beatificação. No 23 de março de 2001, a congregação para a causa dos santos, declarou a validade do processo diocesano. A “Positio super virtutibus”

(documento sobre as virtudes heroicas) foi apresentado em Roma em 2007. No 02 de setembro de 2014, o grupo de teólogos consultores da congregação para a causa dos santos pronunciou positivamente sobre as virtudes heroicas da serva de Deus. Tal afirmação foi confirmada pelo Cardeal Ângelo Amato e pelos bispos membros da congregação para a causa dos santos. Em 26 de abril de 2016, o Papa Francisco recebeu, em audiência, o cardeal Ângelo Amato (prefeito da congregação para a causa dos santos) autorizando a promulgação do decreto com o qual madre Ília é declarada venerável. Em 07 de maio de 2016, o mesmo cardeal leu o decreto durante a liturgia solene na capela de Santa Cruz (casa mãe), onde descansa os restos mortais da venerável Madre Ília Corsaro.

Prece de Intercessão à Venerável Madre Ília Corsaro

Senhor Jesus, luz radiosa da eterna glória do pai, tu acendeste no coração da tua serva madre Ília Corsaro um profundo amor pela Eucaristia e a tornaste com a graça do teu Espírito, testemunha audaz da tua caridade para com os pequenos e os perdidos de coração. Fazei-nos participantes da sua fé ardente e da sua ternura de mãe e, por sua intercessão concede-nos a graça que imploramos com confiança. Amém.

Venerável Madre Ília: Rogai por nós.

Com aprovação eclesiástica.

Frases da venerável madre Ília Corsaro:

- “Difundamos o bem e o sorriso ao redor de nós, para fazer conhecer que Deus é caridade”.
- “Põe o sorriso nos teus lábios, o canto no teu coração, a afeabilidade nos teus atos, a simplicidade nas tuas palavras e a confiança na tua oração”.
- “Ponho Senhor nas tuas adoradas mãos, o meu tempo e a minha eternidade”.
- “Que a percepção da tua miséria, seja para ti incentivo para confiar na misericórdia do Senhor”.
- “Que a nossa meta, o fim de todos os nossos sacrifícios,

não seja a nossa santidade, mas a sua glória, a glória da Eucaristia”.

- “Que nós nunca possamos dizer-lhe basta, que nada nos pareça demasiado duro se for por Ele”.
- “Demo-nos ao amor e encontraremos todas as virtudes”.
- “Sê humilde, sê dócil, sê obediente e encontrarás sempre e em todos os lugares a paz”.
- “Uma palavra de amor conquistada, transforma e eleva”.
- “Sejam humildes nos sucessos e serenas nas humilhações”.

Venha, Jesus, o teu Reino Eucarístico

Maria Nossa Senhora da Eucaristia, ensina-me a amar a Cristo Jesus, Hóstia de Amor.

Coração Eucarístico de Jesus, eu vos adoro em todos os tabernáculos do mundo inteiro.



JUBILEU DOS PASSIONISTAS

Trezentos anos anunciando a 'Glória da Cruz'.

PE. GIOVANNI CIPRIANI, CP
PE. JOSÉ CARLOS PEREIRA, CP

Paulo da Cruz, ainda jovem, foi inspirado a fundar a Congregação Passionista com a finalidade de «promover nos corações dos fiéis a grata memória da Paixão de Jesus» e incendiar o mundo de “santo amor”. Repetia continuamente: esta Congregação “é fruto da Cruz, Paixão e Morte de Jesus”, “é a grande maravilha de Deus”; ela é “plantada pela Misericórdia do Altíssimo na vinha da sua Igreja e no seu campo evangélico nestes tempos tão perigosos em que tanto triunfa o vício... para que com maior prosperidade e felicidade se espalhe por toda a

terra e haja em toda parte santos Operários, que, como trombetas animadas pelo Espírito Santo, despertem as almas adormecidas no pecado, mediante a santa pregação da Santíssima Paixão do Filho de Deus, Cristo Jesus”.

E aos Religiosos passionistas dizia: «A vocação à vida Passionista é a maior graça após a do Batismo». «A santidade dos religiosos fará crescer e expandir a Congregação».

Os passionistas estão celebrando o terceiro cen-tenário da fundação. A data de abertura das celebrações foi 22 de novembro

de 2020. Naquele dia, de fato, há 300 anos, Paulo Danei, um jovem de 26 anos, foi a Alexandria (Itália) e o bispo diocesano, Dom Francesco A. Gattinara, o vestiu de um hábito de eremita. No retorno a Castellazzo (AL), onde residia, retirou-se por 40 dias em uma cela da igreja de São Carlos.

O Bispo e diretor espiritual pediu que ele escrevesse um diário sobre o que se passava em seu ânimo. Pelo texto, sabemos que ele passou os 40 dias entre momentos de grande aridez e desolação e outros de consolações e elevações místicas. Entre os dias 2 e 7 de dezembro ele escreve as Regras da Congregação que pretendia fundar, à qual dá, como primeiro nome, Os pobres de Jesus. «Eu escrevia tão rápido como que havia alguém que estivesse ditando para mim», ele nota em seu diário. O retiro termina em 1º de janeiro de 1721. Os Passionistas consideram esta experiência de retiro de 40 dias como o momento carismático criativo, fundante da nova Congregação, e por isso as datas do Jubileu vão de 22 de novembro de 2020 – ao dia primeiro de janeiro de 2022.

Tema do Jubileu

“Renovar a nossa missão: gratidão, profecia, esperança” é o tema do Jubileu. “A nossa missão

está integralmente ligada à nossa vida em comunidade. A nossa vida comunitária e a nossa missão não podem ser separadas: são as duas faces da mesma moeda... Juntas, ambas formam e nos dão a identidade e autenticidade de ser Passionistas. O ‘quem somos’ e o ‘o que fazemos’ estão interligados e inter-relacionados... Portanto, quando falamos em ‘renovar a nossa missão’, trata-se principalmente de renovar nós mesmos” (Pe. Joaquim Rego, Superior geral, 2018). O ponto de partida é o espírito do carisma do Fundador, que deve ser aprofundado, reinterpretado na fidelidade criativa (VC 37).

O Jubileu coincidiu com a explosão da crise do Covid-19, que nos está obrigando a cancelar quase todos os eventos programados: romarias, encontros, celebrações etc. Isso, porém, não nos impede de viver o carácter espiritual de tal evento, comemorando-o como um Ano Jubilar: um momento kairós, uma oportunidade de graça para a renovação espiritual. A renovação da nossa missão pressupõe a renovação de nós mesmo.

Inspiramo-nos no lema “Renovar a nossa missão: Gratidão, Profecia e Esperança a partir da Memória da Paixão de Jesus,” não queremos celebrar a nossa grandeza e os nossos sucessos, a nossa autocomplacência,

mas as bênçãos de Deus durante estes três séculos e a fidelidade de inúmeros Passionistas que, pela sua vida e missão, mesmo na sua fraqueza e fragilidade humana, mantiveram viva a “Grata Memória da Paixão de Cristo”, “a maior e mais maravilhosa obra do amor de Deus” (S. Paulo da Cruz).

Centralidade da Paixão de Jesus

Desde jovem e durante toda sua vida, Paulo tinha uma clara consciência da sua vocação: anunciar a Paixão de Jesus como a “obra mais estupenda do amor de Deus Pai” e o “remédio mais eficaz contra todos os males do nosso tempo”. “A Paixão de Jesus é um mar de amor e um mar de dor”. É isso que Paulo comunicava às pessoas que dirigia espiritualmente; que pregava nas missões populares.

Ele via a eficácia desse anúncio, sobretudo no confessionário e na pregação: a Paixão de Jesus, dizia, “é o meio mais eficaz para exterminar os vícios e crescer na virtude”; “os homens vivem no pecado porque não meditam a Paixão de Jesus”; “converti tantos pecadores com o Crucifixo, que não sei mais o número”.

A partir dessa experiência pessoal, dizia aos missionários

passionistas: “Procurem incutir nas almas um grãozinho de amor à meditação do Crucifixo e farão delas o que quiserem”, pois “a devoção à Paixão de Jesus Cristo é a maneira mais fácil de se salvar”.

E aos leigos dizia: «Façam um pouco de meditação todos os dias. Meditem especialmente a Paixão de Nosso Senhor. Os primeiros pensamentos do dia devem ser formados pela leitura deste livro, o Crucifixo, se quiser vivê-lo bem».

Fazer Memória da Paixão de Jesus (Memoria Passionis)

Ainda sobre a Paixão de Jesus, Paulo fala de “Memoria Passionis” (Memória da Paixão) e de ‘esquecimento’ para opor-se a uma maneira sentimental, moralista ou cultual de se lembrar da Paixão. Para ele ‘memória’ é experiência, algo vivido pessoalmente; ‘fazer memória da Paixão’ é viver em si a ‘experiência’ de Jesus na sua Paixão. Então, é uma memória transformadora. Por isso, dizia que a “Paixão de Jesus é a escola para aprender todas as virtudes”.

Ele repetirá, em todos os tons, a convicção da eficácia de ‘fazer memória da Paixão de Jesus’: “O meio efficacíssimo para a conversão dos pecadores e para

a santificação das almas é a frequente memória da paixão de Jesus Cristo, de cujo esquecimento provêm deploráveis males e desordens. Por isso, o misericordiosíssimo Deus, por sua infinita bondade dignou-se dar-me fortes e suaves inspirações para fundar na santa Igreja, esta pobre congregação... para implantar nos povos as virtudes e para abater o vício com a potentíssima arma da mencionada paixão”.

Em todos os documentos e cartas, apresenta a Congregação como desejada por Deus, a fim de que surgisse na Igreja um “despertador” da Memória da Paixão de Jesus para renovar a vida cristã; pois, na intuição de Paulo, os males da sociedade e da própria Igreja derivam do esquecimento do amor infinito de Deus revelado no Verbo encarnado, “que sofreu e ressuscitou pela salvação do gênero humano. Quem com amor e piedade recorda este mistério de misericórdia divina, não pode continuar a pecar e, convertendo-se, persevera no bem, pratica a caridade divina até o heroísmo, e se torna santo”.

Carisma da Congregação passionista

O “nascente Instituto tem como fim primário, pro-mover nos corações dos fiéis a grata memória

da paixão Santíssima de Jesus, tanto nas Missões como nos outros exercícios fazendo para isso o quarto voto” (PAULODA CRUZ, primeira Regra passionista).

Este é o solene empenho que Paulo da Cruz assume diante de Deus e da Igreja na basílica de Santa Maria Maior, em Roma. É isso o que ele recomenda aos passionistas antes de morrer. Esse é o carisma da Congregação passionista. Na história da Vida Consagrada (ativa e contemplativa) não se encontra um carisma tão cristológico, claro, límpido, central e atual como este.

Com esta finalidade a Congregação Passionista assume na Igreja sua personalidade carismática própria e sua missão específica.

Para Paulo da Cruz, os religiosos da Congregação devem ser “trombetas da divina palavra” para “despertar os pobres pecadores” mediante a Paixão Santíssima de Jesus Cristo, a fim de que Deus seja glorificado em tantas almas convertidas e em muitas outras que se entregarão à santa oração e a meditação da paixão de Jesus, “meio principal para chegar à santidade”.

A atualidade da espiritualidade de Paulo da Cruz

“A radicalidade da mística de Paulo da Cruz, não pertence apenas ao passado, mas é um bem

de que o mundo atual necessita profundamente... Ao iniciar o terceiro milênio cristão, o mundo tem ainda necessidade de olhar com fé para Jesus Crucificado. Pregai a Cruz. Ofereçam aos leigos/as, sobretudo aos que sofrem e aos oprimidos, a grande mensagem nela contida” (Papa São João Paulo II, aos Passionistas, 24/10/1994).

Apesar de São Paulo da Cruz ter mais de trezentos anos, ele é um homem e um santo do nosso tempo pelo carisma, pela espiritualidade e pelo ensinamento.

Seus ensinamentos são mais atuais hoje do que no seu tempo. Ele nos fala da ilusão de sermos felizes em um mundo sem Deus. Hoje, nós nos tornamos mais ricos que no passado, mas morremos de fome de valores e significados. Invadimos o cosmo de comunicação, mas encontramos muita solidão e individualismo ao nosso redor. Pretendemos provar cientificamente que se pode viver sem Deus, mas reduzimos a mãe terra a uma lixeira. E assim por diante.

Paulo da Cruz vive na história e repete a palavra que queimava sua vida: Deus nos ama, qualquer que seja a condição em que nos encontremos. Seu amor é chamado de Crucifixo: um mar, um oceano de amor. Todo o resto está certo na medida em que não nos desligamos desse amor que é o equilíbrio de nossa vida. Por

isso, devemos cuidar da nossa interioridade, da relação com Deus e da oração como elementos construtivos da nossa vida.

O mais belo elogio sobre a atualidade do carisma passionista vem do Papa Bento XIV (1741), conhecido pela erudição e retidão. Quando lhe foram apresentadas as Constituições da nova Congregação para serem aprovadas, passando o olho nelas, ele exclama: “Esta Congregação devia ser a primeira a ser fundada e veio por último!”, reconhecendo a atualidade do carisma e sua necessidade na história, como é fundamental e perene o mistério da morte e ressurreição de Cristo.

A Congregação Passionista continuará a ser uma Congregação atual enquanto se mantiverem no mundo as causas que levaram Paulo a fundá-la: “...os males do mundo”. E, infelizmente, como o sofrimento e o mal, o pecado e a dor, a injustiça e a opressão nunca abandonarão a humanidade, a Congregação terá sempre um espaço muito específico de ação na cura desses males. Por isso as Constituições afirmam: “Conscientes de que a Paixão de Cristo continua no mundo... Com o poder da cruz - Sabedoria de Deus -, animamo-nos a iluminar e superar as causas dos sofrimentos em que se debatem os homens. Esta é a razão pela qual a nossa missão se dirige para a

evangelização, mediante o mistério da Palavra da Cruz, a fim de que todos conheçam a Cristo e o poder da Sua Ressurreição, participem dos Seus sofrimentos e se assemelhem a Ele na Morte para estarem com Ele na Glória” (n. 3).

“Para muitos jovens que estão em busca de Deus, a Paixão de Jesus pode ser fonte de esperança e de coragem, mostrando-lhes que cada qual é amado pessoalmente e até ao fim. Possam o vosso testemunho e o vosso apostolado continuar a enriquecer a Igreja, e que possais permanecer sempre próximos de Cristo crucificado e do seu povo sofredor” (Papa Francisco, aos Passionistas, 22/10/2018).

Como viver hoje, 300 anos depois, o Carisma da Paixão

O Carisma da Paixão não é propriedade da Congregação Passionista, mas é algo de toda a Igreja, e a Congregação Passionista tem a missão de vivê-lo e propagá-lo com mais radicalidade no mundo de hoje, dando testemunho frente a tantos desafios.

Como passionistas, vemos na Teologia da Cruz que a Paixão de Cristo é o remédio mais eficaz para os males da humanidade. Um remédio atemporal, que

serve para todas as pessoas, de todos os tempos e em todas as situações de cruz, isto é, todas as formas de enfermidades e desafios que afetam a vida humana e o seu entorno. É um remédio que se mostra sempre atual e por isso é necessário a todo momento.

Dentre as tantas enfermidades do corpo e da alma no mundo de hoje, o Carisma da Paixão se mostra eficaz, apontando caminhos e soluções que, se atendidas, ajudarão a todos a terem vida em plenitude (Jo 10, 10). Dentre os desafios a serem enfrentados com a Cruz de Cristo estão os de uma sociedade líquida, que dissolve valores e instala a insegurança. Um mundo dito moderno, que tudo descarta, inclusive as pessoas, clama por valores sólidos, imutáveis e eternos, esses só serão encontrados nas propostas cristãs que passam pela Cruz de Cristo e pelas cruces de ontem e de hoje que continuam a crucificar inocentes.

Resultado dessas incertezas chegam até nós através de discordâncias sociais e eclesiais beligerantes, em que cada um se fecha no seu “mundo” e nas suas “verdades” impermeabilizadas, inviabilizando qualquer forma de diálogo. Posturas intransigentes esvaziam a proposta cristã e a sua Cruz, e dificultam que Cristo seja, de fato, conhecido e amado, como propôs Paulo da Cruz

quando desejou reunir companheiros para esse fim. Cristo se deixa conhecer pelo diálogo racional, respeitoso e amoroso. Sem esse procedimento, partimos para a barbárie que em nada contribui para as propostas cristãs. Assim sendo, viver o carisma da Paixão hoje é se esforçar para compreender as diferenças e encontrar nelas sinais da presença de Deus que quer a vida para todos. As misérias humanas estão por toda parte e, para combatê-las, precisamos primeiro tomar consciência das nossas próprias fraquezas e misérias e empreendermos um processo constante de conversão pessoal.

Assim, nesses 300 anos de Fundação da Congregação, a Família Passionista, fiel às propostas do Santo Fundador, São Paulo da Cruz, busca, por meio das suas diversas ramificações, e formas distintas de agir, promover no mundo os meios para que a Cruz de Cristo não seja ignorada, porque dela emanam as respostas para a maior chaga da humanidade que é a falta de amor. Você pode viver esse propósito de amor enxergando na “Cruz de Cristo a mais estupenda obra do amor de Deus”. Um amor que o levou a esvaziar-se de si mesmo e assumir a nossa condição, exceto o pecado, possibilitando assim que tivéssemos acesso a Ele. Sem esse

esvaziamento kenótico, não nos colocaremos no lugar do outro e, portanto, não compreenderemos a sua dor. Para entender a dor do outro é preciso que sintamos a sua dor, e isso só será possível se permitirmos que a compaixão se apodere de nós. A compaixão é sofrer com aquele que sofre, e nisso consiste a essência do carisma da Paixão. Toda pessoa passionista, consagrada ou leiga, é aquela que se deixa comover e, portanto, mover pela compaixão, como nos mostra com tanta clareza a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37).

Viver o carisma da Paixão hoje é ter a sensibilidade teológica de enxergar Cristo Crucificado nos mais diferentes tipos de sofredores e, como Simão, o Cireneu, ajudá-lo a carregar a sua cruz (Mt 27,32). É ter a atitude do samaritano que viu e teve compaixão do seu próximo caído à margem do caminho; é dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, acolher o estrangeiro, ajudar a vestir quem está nu, visitar os enfermos e os aprisionados (Mt 25, 35-40), é fazer algo para diminuir ou dirimir o sofrimento alheio, e isso está ao alcance de todos nós. Se assim o fizerdes, estarás vivendo o carisma da Paixão.



CONGREGATIO
PRO INSTITUTIS VITAE CONSECRATAE
ET SOCIETATIBUS VITAE APOSTOLICAE

TESTEMUNHAS DA BELEZA DE DEUS

25 anos após a Exortação Apostólica Vita Consecrata

Aos irmãos e irmãs, consagrados,

Rendemos graças a Deus continuamente a vosso Respeito, “por causa da graça que vos concedeu em Cristo Jesus, no qual fostes enriquecidos com todos os dons” e “chamados à comunhão com o seu Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor” (1Cor 1,4). Neste momento dramático sentimo-nos solidários com todos e todas “na tribulação e na perseverança” (cf. Ap. 1,9), não somente por causa do evento pandêmico, mas especialmente pelas suas consequências que nos afetam de perto nos acontecimentos cotidianos da comunidade civil e eclesial. Os consagrados e consagradas são pessoalmente chamados a despertar em todos o sentido da esperança.

Não gostaríamos que passasse despercebido o 25º aniversário (25 de março de 1996) da publicação da Exortação Apostólica de São João Paulo II Vita Consecrata, fruto da reflexão da IX Assembleia do Sínodo dos Bispos, celebrada em outubro de 1994. Nela os Bispos confirmaram repetidamente que “a vida consagrada está colocada no coração da Igreja como elemento decisivo de sua missão [...]. Um dom precioso e necessário também para o presente e o futuro do Povo de Deus” (Vita Consecrata, 3).

Nesta ocasião, fazemos nossa invocação e a ação de graças expressas mediante as palavras do Papa Francisco: “Senhor, minha salvação vem de Ti, minhas mãos não estão vazias, mas cheias de Tua graça. Saber ver a graça é o ponto de partida” (Homilia, 1º

de fevereiro de 2020). Voltar-se para trás e reler a própria história não apenas com o osso olhar, mas com o “olhar dos fiéis” (Vita Consecrata, 1) é ver nela o dom fiel de Deus, na plena consciência de que o mistério do Reino de Deus já está atuando em nossa história e aguarda sua plena realização no céu (ivi).

Diante de Deus para o mundo

A Exortação Apóstolica Vita Consecrata foi publicada em tempos de grande incerteza e em uma sociedade líquida, com identidades confusas e laços de pertença enfraquecidos. É, portanto, surpreendente notar a certeza com que se define a identidade da Vida Consagrada: “um ícone de Cristo transfigurado” (Vita consecrata, 14) que revela a glória e o rosto do pai no esplendor radiante do Espírito. Vida consagrada, portanto, como confessio Trinitatis! Na realidade, aqui não existe apenas a preocupação de dar uma base sólida à identidade da pessoa consagrada, mas sim de buscar um modo original de se ver essa identidade, integrando o divino e o humano e percebendo essa misteriosa e luminosa ligação entre ascensão e descida, entre altura transcendente e imersão kenótica nas periferias

do humano, entre beleza sublime a ser contemplada e pobreza dolorosa a ser servida.

Consequências preciosas derivam desta intuição fecunda.

A força da relação

Vita Consecrata é inteiramente construída em torno da ideia de relação, uma relação gerada no e pelo mistério de Deus comunhão trinitária. Uma salvação que passa pela vida de quem se encarrega do outro. Um testemunho que não é individual, mas que pertence a uma fraternidade que vive o que anuncia e celebra. Uma santidade que é comunitária, feita não de perfeitos solitários, mas de pobres pecadores que todos os dias compartilham e se dão mutuamente misericórdia e compreensão. Uma consagração que não se opõe aos valores do mundo e à sede universal de felicidade, mas, pelo contrário, que diz a todos o quanto ser pobre, casto e obediente tenha um poder humanizador capaz de se transformar numa verdadeira ecologia do ser humano, de dar sentido e equilíbrio para vida, e harmonia e liberdade para a relação com as coisas, salva de qualquer abuso, que é capaz de criar fraternidade e dar beleza... Hoje a vida consagrada sente-se “mais pobre” do que no passado,

mas – pela graça – vive bem mais a relação com a Igreja e o mundo, com quem crê e com quem não crê, com quem sofre e está só.

Os sentimentos do Filho

Um aspecto particular da dimensão relacional parece atingir seu ponto culminante quando no documento se toma em consideração o tema da formação. Fica, então, claro que não se trata de uma relação qualquer, mas de uma relação que nos leva a ter os mesmos sentimentos do Filho obediente, o Servo sofredor, o Cordeiro inocente.

Este não é um elemento essencialmente novo, considerando que já no passado foram utilizados os registros relacionais de seguimento, identificação, imitação de Cristo, mas aqui algo mais é dito, ou melhor, é oferecido pela Palavra (Fil 2,5), algo inédito em certos aspectos. Trata-se de uma relação de contato tão intensa e profundo que redescobre em si a sensibilidade do Filho, que por sua vez, é imagem e encarnação da sensibilidade do Pai. De fato, nós cristãos acreditamos em um Deus sensível, que ouve o gemido dos oprimidos e escuta o apela da viúva; que sofre com a humanidade e pela humanidade. Acreditamos que a vida consagrada, com seus múltiplos carismas é, precisamente,

a expressão desta sensibilidade. Pode-se dizer que cada instituto sublinha com seu próprio carisma um sentimento divino particular. É justamente por isso que a formação é apresentada na Exortação como um processo que conduz nessa direção: experimentar as mesmas sensações, emoções, sentimentos, afetos, desejos, gostos, critérios eletivos, sonhos, expectativas, paixões... do Filho-Servo-Cordeiro.

Trata-se de um projeto entusiasmante, que mais uma vez reúne (“integra”) admiravelmente as dimensões espiritual e antropológica. É um projeto que poderia realmente transformar a ideia de formação, seja em seus conteúdos, em suas modalidades e seus tempos. Seria finalmente uma formação integral, construída sobre a rocha do amor eterno que liberta, forma pessoas íntegras, que aprenderam a evangelizar sua sensibilidade, a amar a Deus com um coração humano e amar o homem com um coração divino! Seria uma formação que perduraria no tempo, ao longo da vida. E esta é outra grande intuição que permanece por ser compreendida e, mais ainda, por ser implementada.

O encanto da Beleza

Se Deus é belo e o Senhor Jesus “é o mais belo entre os filhos do

homem”, então, ser consagrado a Ele é belo. A pessoa consagrada é chamada a ser testemunha da beleza. Em um mundo que corre o risco de cair em uma inquietante brutalização, a via pulchritudinis parece ser a única maneira para se chegar à verdade ou para torna-la credível e atraente. Os consagrados e consagradas devem despertar em si mesmos, mas sobretudo nos homens e mulheres de nosso tempo, a atração pelo Belo, portanto, e não apenas corajoso e verdadeiro, deve ser o testemunho e a palavra oferecida, porque belo é o rosto que anunciamos.

Belo deve ser o que fazemos e como o fazemos.

Bela deve ser a fraternidade e a atmosfera que se respiramos.

Belo deve ser o templo e a liturgia – à qual todos são convidados – pois belo é rezar e cantar os louvores do Altíssimo e deixar-se ler por sua palavra.

Belo é estar juntos em seu nome, trabalhar juntos, mesmo que às vezes seja exigente.

Belo é no nosso ser virgem para amar com o seu coração, belo é ser pobre para dizer que Ele é o nosso único tesouro, bela é a nossa obediência à Sua vontade de salvação também entre nós, para buscarmos somente a Ele.

Belo é ter um coração livre para acolher a dor daqueles que

sofrem e para lhes mostrar a compaixão do Eterno...

Belo deve ser até mesmo o ambiente na sua simplicidade e sobriedade criativa: a casa, a mesa posta... Que haja gosto e decoro nos quartos, para que tudo na habitação deixe transparecer a presença e a centralidade de Deus.

Beleza suprema, sacramento da misteriosa beleza do Eterno, daquela beleza exclamada por Pedro no Tabor diante da explosão de luz e esplendor.

Vita Consecrata certamente marcou a experiência e a reflexão das pessoas consagradas nos últimos anos. Estamos convencidos que ela deve continuar sendo um ponto de referência também para os próximos anos, juntamente com os documentos do Magistério e da CIVCSVA que aprofundaram seus temas fundamentais. Estamos convencidos, de fato, que a Exortação pode ainda alimentar nas pessoas consagradas aquela fidelidade criativa que é a espinha dorsal da vida consagrada no terceiro milênio. Responder aos desafios que vêm da Igreja e da sociedade atual implica crescer em significado evangélico: “Não podemos – exorta o Papa Francisco – ficar presos na nostalgia do passado ou limitar-nos a repetir as coisas de sempre e a reclamarmos de tudo. Precisamos da paciência

corajosa para caminhar, para explorar novos caminhos, para buscar o que o Espírito Santo nos sugere. E tudo isto se faz com humildade, com simplicidade, sem grande propaganda, sem grande publicidade” (Francisco, Homilia, 2 de fevereiro de 2021).

Dirigimos com confiança nossa oração a Maria para que os consagrados e consagradas possam “dar testemunho de uma existência transfigurada,

caminhando alegremente com todos os outros irmãos e irmãs rumo à pátria celestial e à luz que não conhece ocaso” (Vita consecrata, 112). Aproveitamos esta oportunidade para saudar-vos e desejar-vos todo bem no Senhor, Ele que é TUDO para nós, consagrados e consagradas.

Cidade do Vaticano, 25 de março de 2021. Solenidade da Anunciação do Senhor.

+ *Fr. José R. Carballo*
+ Fr. José Rodriguez Carballo, ofm
Arcebispo Secretário

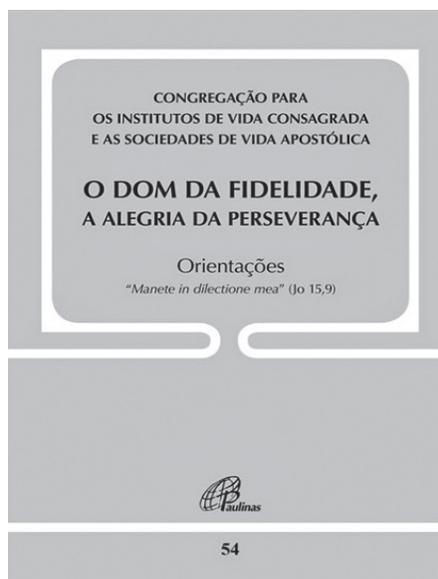
João Braz, Card. de Aviz
Prefeito

O DOM DA FIDELIDADE - A ALEGRIA DA PERSEVERANÇA

“Permanecei no meu amor”, Jo 15, 9

Orientações da CIVCSVA (Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica), Vaticano, 2020.

Encontramo-nos diante de certa “hemorragia” que enfraquece, hoje, a vida religiosa consagrada e a própria vida da Igreja. Os abandonos vocacionais nos dão a real dimensão e nos preocupam muito, além de outros fatores que condicionam a fidelidade neste tempo de mudança em que se torna difícil assumir compromissos sérios e definitivos. E também, entre outras razões, a rotina, o cansaço, o peso da gestão das estruturas, as divisões internas, a sede de poder, cf. assinala o Papa Francisco. Os Institutos de Vida Consagrada não podem e não devem permanecer espectadores diante de situações que violam abertamente



as normas fundamentais do estatuto dos consagrados. Como instrumento de apoio e incentivo, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA) oportuniza, no presente documento, orientações, disposições, normas atentas à

proteção da fidelidade e à coerência das obrigações do estado de vida dos consagrados: obrigações que, se consideradas e vividas somente como deveres, esvaziam de sentido a própria vocação de discípulos e seguidores de Jesus.

Sobre o texto bíblico de João 15, 9-11 que ilumina o documento, o Papa Francisco observa que «Jesus sugere mais uma vez o mandamento do amor» como a justa medida da vida oblativa e de doação de um consagrado. Nesse trecho, Jesus diz algo muito forte, diz o Papa: «Assim como o Pai me amou, também Eu vos amei». Somos amados com este grande amor e é por isso que Jesus nos adverte: «Permaneçam no Meu amor porque é o amor do Pai». E consciente da objeção: «Mas Senhor, como podemos permanecer no Teu amor?», o Papa dá uma resposta concreta: «Se observardes os meus mandamentos, permanecereis no Meu amor, como Eu observei os mandamentos do Meu Pai e permaneço no Seu amor». Na Vida Religiosa Consagrada (VRC) «não há caminho para outros amores... e o mundo nos propõe outros amores: pelo dinheiro, pela vaidade,

pela autossuficiência, pela autorreferencialidade, pelo orgulho, pelo poder, até fazendo muitas coisas certas para atrair sobre si mais e mais poder». Se «há outros amores, outras medidas de amar, amor pela metade» na VRC, «eles não vêm de Jesus, não são do Pai», dado serem «amores que nos afastam do amor de Jesus, do amor do Pai», sublinha o Papa Francisco.

Enfim, um documento que traz propostas e orientações aos consagrados e a todos aqueles que têm funções de responsabilidade na formação e no acompanhamento dos membros dos seus Institutos e Congregações com temas muito preciosos para a educação do olhar cuidadoso e da escuta atenta da vida consagrada em vista “[...] do discernimento de uma vida de especial consagração a Deus com sentido para os tempos atuais e para tempos mais delicados e importantes da nossa vida, vocação e missão. O discernimento e o acompanhamento não consistem apenas na escolha entre o bem e o mal, mas entre o bem e o melhor, entre aquilo que é bom e o que leva à real identificação do nosso estilo de vida em Cristo.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

Belo Horizonte – MG – Brasil (BBH)

Prot. Nº 21/0127

Comunicado Oficial

Desde 1950, os Salesianos de Dom Bosco se fazem presentes no bairro do Jacarezinho, Zona Norte do Rio de Janeiro/RJ. Chegamos naquela comunidade movidos pelo ardor apostólico-missionário do Salesiano Padre Nelson Carlos Del Mônico (1911-1999) que, tendo visitado o Jacarezinho em 1955, nunca mais o deixou.

Como verdadeiro herdeiro de São João Bosco, fundador da Família Salesiana, Padre Nelson empreendeu, corajosamente, o Projeto Educativo Evangelizador Salesiano, buscando atender e amparar as necessidades da comunidade. Neste sentido, com o apoio de várias pessoas, inaugurou um oratório, uma escola e uma paróquia. E nós continuamos esta bela obra até os dias

atuais, visando, sempre, o cumprimento da missão Salesiana: “ser sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente os mais pobres, por meio da evangelização, da educação e da assistência social, contribuindo para a construção de uma sociedade justa e fraterna”.

Ontem, 6 de maio de 2021, quinta-feira, fomos surpreendidos com a operação Exceptis, realizada na Comunidade do Jacarezinho, que resultou em 28 mortes, conforme informações dos veículos de comunicação. Diante disto, nós, da Inspetoria São João Bosco – Salesianos de Com Bosco, nos solidarizamos com a Comunidade do Jacarezinho, da qual nós também fazemos parte e fortalecemos nossos laços de amizade e de

solidariedade, fazendo nossas as palavras do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta: “nós rezamos pelos falecidos, nós também continuaremos com a nossa presença ali nessa região, religiosa – social – educacional, buscando levar as pessoas ao encontro um com outro com Deus e com o mundo mais justo e mais humano. Lamentamos profundamente esse momento da história dessa cidade que é classificada como “a ação mais letal da história do Rio de Janeiro” e nos unimos a todos

aqueles que sofrem: familiares, amigos e conhecidos e a todos da comunidade de jacarezinho que passam por esse momento”.

Que Jesus, o Príncipe da Paz, nos guie, continuamente, na busca da paz e da justiça e que Nossa Senhora Auxiliadora, cuja imagem está presente no alto do templo erguido no bairro do Jacarezinho, olhe, maternalmente, para todos os seus filhos, que bradam e suspiram pela sua intercessão.

*Inspetoria São João Bosco –
Salesianos de Dom Bosco*



CARTAZ DO ANO VOCACIONAL 2021

“**Cristo nos salva e nos envia**” é o tema do **Mês Vocacional** proposto pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para o ano 2021. O tema surge de **Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus Vivit***, dentro do projeto do Serviço de Animação Vocacional/Pastoral Vocacional do Brasil (ChV 118-123). O lema para o período é “**Quem escuta a minha palavra possui a vida eterna**” (cf. Jo 5,24).

A Comissão para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada da CNBB também irá oferecer um **subsídio** com o título “**Hora Vocacional 2021**”. O material está sendo elaborado com o objetivo de oferecer algumas celebrações não apenas para o mês de agosto, mas para todo o ano.



A VIDA RELIGIOSA E OS PROCESSOS DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

LUIZ ALVES DE LIMA¹

Resumo: O artigo apresenta o novo paradigma da catequese, hoje, a serviço dos processos de Iniciação à Vida Cristã. Mostra, amplamente, como a catequese nasceu dentro do Catecumenato antigo com uma função nitidamente

de ensino, porém envolta numa viva experiência comunitária e, sobretudo, num clima espiritual de leitura orante da Bíblia, de fé, oração, celebração e ritos, deixando transparecer a ação da graça de Deus mais do que a ação humana na transmissão da fé. Traça um percurso da evolução da catequese até o Vaticano II e suas propostas, dentro da conversão missionária e a restauração do catecumenato. Por fim, apresenta algumas sugestões à Vida Religiosa (VR) para sua preciosa contribuição nesse ousado projeto evangelizador.

Palavras-chave: catecumenato, catecismo, iniciação cristã

1 Doutor em Teologia Pastoral Catequética, Doutor honoris causa em Ciências da Educação. Conferencistas em Congressos nacionais e internacionais. Assessor para o CELAM e a CNBB na secção de Catequese. Membro do GREBICAT. Fundador e membro da SCALA e da SBCat. Professor no Unisal – Pio XI (SP) e outros centros de estudo de Catequética, Metodologia Catequética e História da Catequese. Escritor, autor de vários artigos. Consultor e redator adjunto da Revista de Catequese. Assessor e Palestrante em Assembleias locais e nacionais sobre catequese.

Origem, Estrutura e Eficácia do Catecumenato

Um dos desafios da Igreja nascente, após o período de expansão da era apostólica do séc. I a meados do II, foi acolher e formar tantas pessoas que, aceitando os Evangelhos e querendo tornar-se cristãos, pediam para fazer parte dela.²

Era comum, na época, a existência de religiões iniciáticas: propunham iniciar seus adeptos nos mistérios divinos até alcançar o total conhecimento da realidade sobrenatural (a gnose pagã). Para isso, inspiravam-se nos ritos de iniciação de natureza cultural, tão antigos quanto a humanidade, que consistem (pois existem até hoje) na preparação e integração das jovens gerações nos costumes e tradições dos adultos dos vários grupos humanos. No ambiente helênico, eivado de grande cultura e desenvolvimento intelectual, um

2 Sobre a História do Catecumenato há boas apresentações em textos de História Antiga da Igreja. Três documentos da CNBB trazem notas essenciais o catecumenato: 1) Catequese Renovada. Documentos da CNBB 26. São Paulo: Paulinas, 1983, nºs 4-7; 2) Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal. Estudos da CNBB 97. Brasília: Edições CNBB 2009 (abreviado como: IVC-97), nºs 14-22; 69-101; 3) Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Documentos da CNBB 107. Brasília: Edições CNBB 2017 (abreviado como: IVC-107), nºs 39-46; 55-61; 70-76.

dos momentos dessa iniciação era a reflexão filosófica sobre essa sabedoria a ser alcançada.

Foram nesses ritos de iniciação, de origem cultural e adaptados às religiões místicas, que o cristianismo também se inspirou para iniciar os candidatos ao batismo cristão. Fique bem claro que tais ritos e procedimentos de inspiração iniciática foram inspirados no paganismo, apenas do ponto de vista da metodologia, ou seja, quanto ao modo de fazer (*modus operandi*).

De fato, quanto ao conteúdo ou Mistério ao qual os cristãos queriam iniciar, era totalmente diverso e absolutamente novo: o Mistério do Filho de Deus manifestado em Cristo Jesus, único caminho autêntico para se chegar a Deus. Esse, era, aliás o conteúdo do debate que os antigos Santos Padres (apologetas) travavam com os pensadores pagãos da época. Tais pensadores, para desqualificar o cristianismo nascente, diziam que era uma religiãozinha iniciática a mais entre tantas que pululavam no Oriente e no Ocidente. Firmemente, os primeiros Padres da Igreja defendiam a fé cristã diante dessa acusação, afirmando a total diferença e originalidade do Cristianismo diante das religiões iniciáticas.³

3 Assim, por exemplo, citam-se São Justino (100 - 165), fecundo escritor, como sua Apologética e o Diálogo com Trifão; Santo Irineu de Leão (meados do sec. II - início do séc. III), em sua obra

O primeiro momento na difusão do Evangelho, era, naturalmente, a proclamação e anúncio dessa boa nova (querigma), com um caráter fortemente testemunhal, manifestando a alegria e a realização em sua própria vida, dessa novidade de vida: a adesão e vivência do discipulado de Jesus. O objetivo era levar as pessoas ao encantamento, à admiração profunda e vontade de ser discípulo de Jesus. Seguia-se o convite à conversão, à adesão ao Evangelho e à Sua Pessoa. Era o momento verdadeiramente evangelizador, anúncio e proclamação do núcleo central da fé, o querigma e ponto de partida indispensável e motivador de todos os outros momentos ou passos que se seguiriam, sobretudo no Catecumenato. Daí, chamar-se a esse primeiro passo de pré-catecumenato: antecedia o catecumenato e sem ele seria inútil qualquer outra ação catequética.

Como consequência desse intenso trabalho evangelizador das primeiras comunidades, surgiu a instituição do Catecumenato, com a finalidade de realizar a verdadeira e autêntica Iniciação Cristã (IC). Conforme muitos historiadores, é uma das mais importantes e eficazes instituições de toda a bimilenar história

Contra as heresias; e sobretudo, Orígenes (Alexandria, 185 – 253 d.C.), fundador da Escola Catequética de Alexandria, em sua obra *Contra Celsum*.

da Igreja. Dele, diz-se que é um caminho antigo e muito eficiente para a iniciação e perseverança dos novos discípulos, desenvolvido pelas comunidades cristãs em distintos contextos sociais, aprofundado pelos Santos Padres, acolhido e institucionalizado pela autoridade eclesial; foi também o núcleo do próprio desenvolvimento do ano litúrgico gerado nesse processo.

O catecumenato primitivo era uma estrutura catequético-litúrgica a cargo de toda a comunidade: além do testemunho de vida cristã, ele tomava parte nos seus variados processos. No entanto, algumas pessoas tinham uma função mais específica. Assim, o ensino e a instrução na doutrina cristã, posteriormente chamada Catequese, era entregue a pessoas mais ilustradas da comunidade, com capacidade de ensinar e transmitir a fé, cuidando de seu aspecto mais doutrinal, intelectual, racional que implica a

O primeiro momento na difusão do Evangelho, era, naturalmente, a proclamação e anúncio dessa boa nova (querigma), com um caráter fortemente testemunhal, manifestando a alegria e a realização em sua própria vida, dessa novidade de vida: a adesão e vivência do discipulado de Jesus.

sistematização, aprofundamento e reflexão sobre a fé. Nisso, também o catecumenato cristão herdou a tradição filosófica dos ritos iniciáticos no helenismo. As pessoas que aderiam à Pessoa e ensinamentos de Jesus, aceitando a fé, entravam então nesse período (ou tempo) chamado catecumenato e eram conduzidos pelos doctores (aqueles/as que sabem, catequistas) por meio de encontros de oração, mas sobretudo de leitura bíblica e de ensino-reflexão. Tudo isso, no seio de uma comunidade cristã que dava testemunho vivencial do que ensinavam.

O período do catecumenato, propriamente dito, ou catequese, durava dois ou mais anos. Logo, foi instituído também um outro período bem mais curto, de 40 dias (chamado depois de quaresma) como uma preparação próxima para celebrar e receber os sacramentos da iniciação na noite Pascal. Nesse período quaresmal, os bispos assumiam seu papel de mestres da fé e responsáveis últimos pela vida do rebanho. Realizavam as catequese pré-batismais da quaresma e, mais ainda, continuavam-nas nas catequese pós-batismais, no longo período pós-pascal, das sete semanas, concluindo com Pentecostes. Era o terceiro e último período, intitulado Mistagogia. Fruto dessas catequese episcopais, chamadas também

As pessoas que aderiam à Pessoa e ensinamentos de Jesus, aceitando a fé, entravam então nesse período (ou tempo) chamado catecumenato e eram conduzidos pelos doctores (aqueles/as que sabem, catequistas) por meio de encontros de oração, mas sobretudo de leitura bíblica e de ensino-reflexão.

mistagógicas, é a abundante literatura primitiva cristã (patrística) que chegou até nós, muito valorizada nos séculos seguintes, tendo desaparecido na alta idade média e moderna. Foram redescobertas e valorizadas, no final do séc. XIX e início do XX, provocando a renovação da teologia e da vida da Igreja, cuja maior expressão foi o Concílio Vaticano II.

Muitos estudos hodiernos, sobre a história da catequese, mostram como ela nasceu dentro dessa grande instituição chamada Iniciação Cristã, como momento de ensino, reflexão, esforço de intelecção dos mistérios da fé, dos ensinamentos de Jesus, sua doutrina e as práticas rituais da comunidade, tudo à luz da nascente teologia.

Até aqui, acentuei muito a característica de ensino, doutrina e reflexão intelectual da catequese, pois ela, realmente, nasceu

com essa natureza, dentro do Catecumenato. Entretanto, deve-se dizer que tal catequese de natureza doutrinal à luz da Bíblia e do pensamento filosófico da época, estava envolta num profundo clima de espiritualidade, fé, oração, ritos e celebrações. É o sentido maior de Mistagogia: realidade transversal de toda a IC, que tudo perpassa, inspira e ilumina; seu sentido menor é nomear o último tempo do Catecumenato, como foi dito acima.

Se a catequese, como ensino, era missão dos catequistas, muitas outras pessoas, sobretudo os liturgistas, cuidavam e celebravam essa importante dimensão mistagógica da IC, feita de momentos orantes, ritos de entregas dos tesouros da fé (Bíblia, Credo, Pai Nosso), de escrutínios (discernimento), de exorcismos (purificação), e de eleição. Todo processo culminava na celebração do Sacramento da IC, três distintas realidades da fé, mas substancialmente unidos em sua finalidade de concretizar e realizar a IC: Batismo, Confirmação e Eucaristia. São três sacramentos, sim, mas possuíam uma unicidade que realizava a IC.

Foi esse o período (séculos II ao V) do nascimento, esplendor, auge e de cadência do catecumenato. As gerações cristãs, assim vigorosamente formadas na leitura orante da Bíblia, ensino, liturgia,

celebrações, ritos iniciáticos, formaram a Igreja primitiva com tal solidez que chegaram a influenciar a política imperial da época. Como se sabe, os cristãos eram perseguidos, considerados fora da lei, proscritos e até torturados e martirizados. Em alguns casos, como em Roma, tiveram que se esconder nas catacumbas para poderem celebrar e alimentar sua fé, formar comunidades e viverem com relativa segurança. Aí, também, sepultavam seus mortos, sobretudo os que davam a vida em defesa da fé cristã no martírio.

A população cristã no Império Romano, no séc. IV, não passava de 10 %, conforme alguns autores.⁴ Pois bem: foi esse pequeno rebanho (cf. Lc, 12, 32) que forçou o imperador Constantino Magno a declarar, em 313 a liberdade de culto aos cristãos, podendo eles ter igrejas públicas e celebrações livres de qualquer perseguição. Setenta anos depois (380), o imperador Teodósio Magno, reconheceria o cristianismo como religião de estado: era o triunfo do cristianismo! Generaliza-se o batismo de crianças, que inicialmente era uma exceção, pois batizavam-se apenas adultos; conseqüentemente, os três sacramentos da iniciação separaram-se, não havendo mais quase que nenhuma ligação entre eles nos processos da iniciação.

⁴ Cf Florestan Casiano, *Catecumenato: história e pastoral da Iniciação cristã*. Petrópolis: Vozes 1995.

Essa visão histórica tem como finalidade mostrar as origens da catequese e conhecer as raízes e estrutura da IC. Assim, podemos compreender as propostas da Igreja hoje: restaurar com adaptações e recriações esse Catecumenato como caminho de evangelização e catequese no mundo moderno.

O Catecumenato Social

O catecumenato, juntamente com outras causas, fez o cristianismo triunfar no Ocidente. Entretanto, a cristandade, que daí nasceu, levou ao seu enfraquecimento até o desaparecimento completo: o batismo de crianças se generaliza, o aspecto da conversão dos adultos ao evangelho, tão típica do cristianismo, também desaparece, pois todos já nascem cristãos. E surge a civilização cristã! O cristianismo, entre luzes e sombras, perpassa, influencia, molda toda a cultura subsequente. A sociedade torna-se cristã como um todo, o influxo da Igreja Católica cresce cada vez mais; tudo na vida do Ocidente Cristão e em grande parte do Oriente é permeado de cristianismo.⁵ A Igreja, num gigantesco trabalho missionário, acolhe em si e na sociedade os povos do Norte que descem sobre o que restou do Império Romano. Assim, além

das culturas semita, helênica e romana, integra o cristianismo ocidental também a cultura germânica. Em geral, toda a população aí nascida é cristã desde a infância.⁶

Outra página trágica da história da Igreja, devido a essa cristandade, foi o distanciamento cada vez maior até à total ruptura entre catequese e liturgia (cf. IVC-107, nº 71). Nada disso foi planejado, querido e desejado, mas aconteceu. A grande e eficaz estrutura do catecumenato desaparece paulatinamente, com algumas tentativas de sobrevivências em “países de missão”. A catequese, isolada e fora de seu clima e húmus natural, a liturgia, permanece de pé, com sua natureza doutrinal, enquanto todo o resto do catecumenato desaparece. E assim ela chega até nós.

Durante a longa Idade Média, a influência da Igreja e da vida cristã nas pessoas e em toda a sociedade chega a seu ponto máximo. A VRC, sobretudo as grandes ordens e depois as congregações, florescem. Os autores falam até de um Catecumenato Social estabelecido pela cristandade: o próprio ambiente sociocultural cristão torna-se o clima onde a fé cristã é transmitida sem necessidade de uma estrutura iniciática própria. Nesse ambiente

5 Cf. Arns, Paulo Evaristo, *O que é Igreja*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

6 Alves de Lima, *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus 2016, pg 33, passim.

de cristandade e catecumenato social o que restou de catequese é dirigida cada vez mais e somente às crianças. Os adultos não precisam mais dessa iniciação.... Aliás, o próprio conceito e prática de iniciação também desaparece.⁷

A Era dos Catecismos: Idade Moderna e Contemporânea

Na passagem da Idade Média para o início da Idade Moderna, aparecem os primeiros esboços daquilo que seria a marca dessa época: os catecismos. Trata-se de um gênero literário típico da Igreja que consiste em apresentar a doutrina cristã de maneira clara e sucinta, em geral pelo método de perguntas e respostas.

Como sabemos, o mais importante acontecimento eclesial desse período foi a Reforma. Era aspiração de todos, dada a situação lamentável em que se encontrava

7 As informações aqui, como também anteriores, encontram-se em: Alves de Lima, Luiz. História da Catequese. Apostilas usadas nos cursos de Pós-Graduação em Pedagogia Catequética do Unisal-Unidade Pio XI (SP) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2018, e outros. Esse texto, não impresso, encontra-se publicado na internet com notas no blog da Diocese de São Carlos (SP), <https://querigmare5.blogspot.com/2012/02/historia-da-catequese-pe-dr.html>. Em outros como, <https://ministeriocatequetico.blogspot.com/> do “Ministério Catequético das Comunidades de São Francisco de Assis e de São José Operário de Birigui, SP”, encontra-se o mesmo texto, mas sem notas. Acessos em 07/10/2020.

a Igreja. Martinho Lutero lidera a Reforma Protestante e no rastro da grande revolução tecnológica provocada pela invenção da imprensa (Gutenberg: 1400-1468) publica, em 1529, seu “grande catecismo”, em latim, para uso dos pastores, acompanhado do “pequeno catecismo” para o povo. Mas Lutero não foi o único fundador desse gênero literário pedagógico, o catecismo, que dominará as Igrejas cristãs posteriormente. Dois católicos, seus contemporâneos, publicaram seus catecismos: São Pedro Canísio, jesuíta e o grande humanista Erasmo de Roterdã.⁸

O Concílio de Trento (1545-1563), realiza a verdadeira reforma conforme a fé e doutrinas católicas, e ordena a publicação de um catecismo “em latim e em vulgar, baseado na Bíblia e nos padres ortodoxos para que os fiéis, instruídos por seus mestres recordem a profissão de fé no Batismo e se preparem para o estudo da Bíblia”. Publicado em 1566, tendo São Carlos Borromeu à frente, é conhecido como *Catechismus ad Parochos* (Catecismo para os Párocos), *Catecismo Romano* ou de Trento. Lê-se no Proêmio: “Sendo muitas e várias as coisas que Deus nos revelou [...] com muita sabedoria nossos antepassados distribuíram em quatro

8 Braido, Pietro, *Storia della Catechesi. Dal “tempo dele riforme” all’età degli imperialismi*. 3º vol. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 2015, pg. 51.

partes a vasta matéria da salvação: o símbolo dos apóstolos, os sacramentos, o decálogo e a oração dominical”.⁹ A partir da reforma e contrarreforma, vai nascer a “era dos catecismos” com acento fortemente doutrinário, perdurando até às portas do Vaticano II, em geral, com tom antiprotestante. Em geral, usam o método de perguntas e respostas e bem ao estilo europeu-tridentino de uma catequese escolar.¹⁰

No Brasil, após o período colonial e o hercúleo trabalho missionário dos jesuítas e outras ordens religiosas, os chamados “bispos reformadores,” de meados do século XIX usaram o modelo do clássico catecismo doutrinário para colocar a Igreja do Brasil, após dois séculos, nas trilhas do Concílio de Trento. No início do século XX, foram implantados em quase todo o país os Catecismos da Doutrina Cristã, em vários níveis, de caráter progressivo.

9 Catecismo Romano. Nova versão portuguesa pelo Frei Leopoldo Pires Martins, ofm. Petrópolis: Vozes, 1951. Proêmio, nº 12, pg 85. O nosso Catecismo da Igreja Católica (1992-1995) segue o mesmo esquema.

10 Célebres catecismos são os de Roberto Belarmino (1542-1621), José de Anchieta (1534-1597) e Turíbio de Mongrovejo (1538-1606). Os de Jerônimo Ripalda (1532-1618) e Gaspar Astete (1537-1601) se destacam pelas fórmulas precisas, breves, sintéticas e sem nenhuma explicação. Esses e muitos outros, apesar da aridez e exagerada importância à moral, tiveram grande divulgação e marcaram a catequese nos séculos XVI ao XX.

O “catecismo histórico” de Claude Fleury, na Europa no séc. XVIII, adota o método narrativo, tornando o catecismo mais atraente, sem deixar a exposição doutrinária. Daí, derivam as Histórias Sagradas: a Bíblia é conhecida então através de seleções de fatos edificantes. Entretanto, tal avanço pedagógico sofre posteriormente com a influência do Iluminismo e o retorno da catequese doutrinária sob a influência de E. Kant e das “luzes da razão” (Voltaire). Por outro lado, é benéfica para a pedagogia catequética a influência de Rousseau e Pestalozzi que insistem na necessidade de conhecer o aluno e adaptar-se à sua natureza. O jansenismo e galicanismo influenciam a catequese e chegam ao Brasil os Catecismos de Montpellier e o Catecismo imperial de Napoleão, ambos pouco católicos!

A partir da reforma e contrarreforma, vai nascer a “era dos catecismos” com acento fortemente doutrinário, perdurando até às portas do Vaticano II, em geral, com tom antiprotestante. Em geral, usam o método de perguntas e respostas e bem ao estilo europeu-tridentino de uma catequese escolar.

Já no séc. XX, nasce o movimento catequético europeu, cuja maior expressão foi o Método de Mônaco: privilegia a Sagrada Escritura e a Liturgia, recolocando Jesus Cristo, e seu mistério pascal, como centro de toda a catequese (cristocentrismo). No Brasil, a liderança e obra do Pe. Álvaro Negromonte representam esse inovador movimento catequético.

A Renovação Catequética sob o Concílio Vaticano II

O Vaticano II não possui nenhum documento sobre a catequese¹¹, mas traça diversas orientações que revolucionam a pedagogia da fé. Inicialmente, rejeita a ideia de um catecismo universal para toda a Igreja: a catequese deveria ser atribuição de cada Bispo! Mas pede que a Sé Apostólica publique um Diretório de Formação Catequética (cf. CD 44 c), com orientações conforme o espírito do Concílio. Ele aparece, em três edições, em 1971, 1997 e 2020, dando grande impulso

11 Sobre a Catequese no Vaticano II cf. Alves de Lima Luiz, *Catequese in Passos João Décio e Sanchez, Wagner Lopes, Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus-Paulinas, 2015, pp. 86-91. Esta matéria foi depois desenvolvida no livro *A Catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus 2016, 286 pp e apostilas do mesmo autor (cf. nota 7).

Já no séc. XX, nasce o movimento catequético europeu, cuja maior expressão foi o Método de Mônaco: privilegia a Sagrada Escritura e a Liturgia, recolocando Jesus Cristo, e seu mistério pascal, como centro de toda a catequese (cristocentrismo). No Brasil, a liderança e obra do Pe. Álvaro Negromonte representam esse inovador movimento catequético.

à catequese. Entretanto, a interpretação que São João Paulo II faz do Vaticano II resgata e publica o grande Catecismo da Igreja Católica (1992-1997).¹² Outras importantes decisões do Concílio, influenciando depois a catequese, foram: a restauração do catecumenato (SC 64-65, AG 14 e 17) e a publicação do Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) em função do catecumenato (SC 66), distinto daquele para crianças (SC 67-69). Inicialmente, a restauração dos processos catecumenais foi pensada para os “países de missão”

12 Cf. Alves De Lima, Luiz, *O novo Diretório Geral para a Catequese e o Catecismo da Igreja Católica no contexto do movimento catequético*, in *Revista de Catequese* 21(1998) nº 82, abril-junho, pp. 12-25; Id., *A recepção do Catecismo da Igreja Católica na América Latina, especialmente no Brasil* in Ferreira, Antônio Luiz Castelán, *Os 20 anos do Catecismo da Igreja Católica e o Ano da Fé*. Brasília: Edições CNBB, 2013, pp. 407-445.

(AG); mas após a *Evangelii Nuntiandi* (1975), *Aparecida* (2007), *Sínodo dos Bispos de 2012* e *Evangelii Gaudium* (2013) são considerados também países de missão os países de antiga cristandade no Ocidente cristão. Na América Latina, sobretudo no Brasil, sob o impulso da Conferência de Medellín (1968), a catequese obteve grande impulso, integrando na educação da fé as perspectivas da *Gaudium et Spes*, que se abre para uma Igreja dos pobres, num continente marcado pela injustiça social. Nessa linha, o documento *Catequese Renovada* de 1983 da CNBB¹³ foi recebido com entusiasmo pelos catequistas, clero e dioceses despertando fecunda renovação, influenciado também pelas Comunidades Eclesiais de Base experienciadas em muitos lugares. O *Diretório Geral para a Catequese* (DGC, 1997)¹⁴ suscitou a redescoberta do RICA e das dinâmicas da IC; sua edição em português com nova diagramação (2001) foi bem acolhida pela catequese, sobretudo após a publicação do *Estudo 97* e *Documento 107* da CNBB,

ambos com o título *Iniciação à Vida Cristã*.¹⁵ O recente *Diretório para a Catequese* (DpC) dá continuidade à implantação dos processos de IC.¹⁶ A VRC, em geral, também assumiu tais orientações e deu grande contribuição para a renovação eclesial, e, nela a evangelização e catequese.

A Vida Religiosa Consagrada e a Catequese no recente no Magistério Eclesial

O Concílio, ao renovar a VRC, qualificou-a de *sequela Christi* (PC 5) donde brota “o dever de trabalhar na implantação e consolidação do reino de Cristo nas almas” (LG 44). Fala genericamente da catequese ao abordar suas obras apostólicas ou obras de apostolado (PC 8-9).

¹⁵ A expressão tradicional da Igreja é “*Iniciação Cristã*”. No Brasil, como em outros países da A. Latina, introduziu-se a palavra “à Vida”, para insistir na necessidade de que, a verdadeira adesão ao Evangelho de Jesus Cristo e à sua Igreja devem ter reflexos na vida concreta do dia a dia. Com isso se quer também combater o erro de um certo espiritualismo ou mística cristã alienada, longe dos problemas concretos de nossa sofrida realidade.

¹⁶ Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização: *Diretório para a Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2020. Cf. sobretudo nºs 2, 56, 61 a 74; 96, 125, 135b, 152d, 166, 227, 232a, c, d, 240 a 243, 264, 277, 282, 297, 400, 421. O termo *catecumenato*, como sinônimo de *iniciação cristã*, aparece 34 vezes, além de outras expressões similares, como *inspiração catecumenal*: 2; 61 a 65; 135; 232; 242; 262; 297; 303; 328; 421 e outras.

¹³ CNBB, *Catequese Renovada*. Documentos da CNBB 26. São Paulo: Paulinas 1983. Teve quase 40 edições. Completa-o dois estudos publicados depois: *Textos e Manuais de Catequese*. Estudos da CNBB 53. São Paulo: Paulinas 1987 e *Formação de Catequistas*. Estudos da CNBB 59. São Paulo: Paulinas 1995.

¹⁴ Congregação para o Clero, *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas 2009.

No principal documento de São João Paulo II sobre a Catequese, *Catechesi Tradendae*, ele exorta os consagrados, sempre em união com os bispos a se preparem o melhor possível para a tarefa da catequese, segundo as diversas vocações dos institutos e os trabalhos que lhes são confiados: “que os religiosos consagrem o máximo das suas capacidades e possibilidades à obra específica da catequese!” (CT 65). Mais específica foi a referência à catequese no seu documento *Vita Consecrata* (VC, 1996) no qual se sublinha a presença maciça dos religiosos na evangelização e catequese (VC 46) e sua união com a igreja local (49).

Por sua vez, o DGC afirma, ao falar do ministério da Palavra de Deus na evangelização: “O ministério da Palavra divina é exercido, na Igreja, por parte [...] dos membros dos institutos de vida consagrada, em virtude da sua consagração a Deus”.¹⁷ E ainda, no mesmo documento: “A Igreja convoca, de modo particular, as pessoas de vida consagrada à atividade catequética, e deseja «que as comunidades religiosas consagrem o máximo das suas capacidades e de suas possibilidades à obra específica da catequese»”.¹⁸

Esse DGC é enfático ao acentuar

17 DGC nº 50, nota 126 citando o Código de Direito Canônico 758.

18 DGC 228, citando CT 65; cf. Código de Direito Canônico, cân. 778.

a contribuição específica à catequese oferecida pelos religiosos/as, derivada de sua vocação. Se eles são um dom para toda a comunidade cristã, sua ação catequética na diocese não poderá jamais ser considerada um simples auxílio aos sacerdotes ou leigos. A contribuição original dos religiosos nasce do próprio significado deles na Igreja, como testemunhos mais visíveis do Reino. “Ainda que os valores evangélicos devam ser vividos por todo cristão, as pessoas de vida consagrada «encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças» (EN 69; cf. VC 33). O testemunho dos religiosos, unido ao testemunho dos leigos, mostra a face única da Igreja, que é sinal do Reino de Deus” (DGC 228)¹⁹. Posteriormente, Papa Francisco, por ocasião do Ano da Vida Consagrada (2015), expressa o desejo de que a VRC manifeste “gestos concretos [...] de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho”.²⁰

O DpC dedica amplo espaço para a vocação catequética dos consagrados. Mostra que a a

19 Tal citação ainda remete à *Vita Consecrata* 31 acerca das «relações entre os diversos estados de vida do cristão».

20 Carta apostólica do Papa Francisco às pessoas consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada 21/11/2014, nº 2, 4; cf. 5 in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacraati.html, acessada em 10/10/2020.

própria vida dos consagrados é uma catequese, pois testemunha a radicalidade evangélica e antecipação da vida futura, na eternidade (cf. 120); e ainda: «A Igreja continua a fortalecer-se com o seu serviço e tem esperança de um renovado compromisso ao serviço da catequese» (ibid.).

A história da catequese é unânime em afirmar a presença da VR nas grandes e pequenas ondas missionárias da Igreja em toda sua história. Estão sempre presentes nas mais distintas situações e diversidade de trabalho evangelizador-catequético²¹: “Há muitas Famílias religiosas, masculinas e femininas, que nasceram para a educação cristã das crianças e dos jovens, sobretudo dos mais abandonados. No decorrer da história, a VR esteve muito comprometida na atividade catequética da Igreja, realizando nesse campo trabalho particularmente adaptado e eficaz” (CT 65, citado em DGC 229; cf. DpC 120). E continua: “Há muitas Famílias religiosas,

21 Recentemente foi publicada uma monumental História da Catequese nos países de língua portuguesa, fruto da grande aventura dos portugueses em espalhar por todo o mundo “a fé e o império” (Camões, Lusíadas 1ª estrofe). São dois volumes em grande formato, com mais de 1750 páginas, com os índices. Foi escrita pelo Pe. José Belinquete, Lisboa: Gráfica Coimbra, 2011 e a parcerias de vários historiadores. Contribuí com um capítulo sobre a História da Catequese no Brasil, Vol. II, pp.1445-1505.

O testemunho dos religiosos, unido ao testemunho dos leigos, mostra a face única da Igreja, que é sinal do Reino de Deus” (DGC 228). Posteriormente, Papa Francisco, por ocasião do Ano da Vida Consagrada (2015), expressa o desejo de que a VRC manifeste “gestos concretos [...] de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho”.

masculinas e femininas, que nasceram para a educação cristã das crianças e dos jovens, sobretudo dos mais abandonados. Esse mesmo carisma dos fundadores faz com que muitos religiosos e religiosas colaborem hoje na catequese diocesana dos adultos” (CT 65, citado em DCG 229). Por fim, insiste no “grave dever de formar responsáveis, que se dediquem totalmente à animação da catequese: sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos; o dever de proverem ao que for necessário para uma catequese considerada sob todos os seus aspectos” (CT 67; cf. 16). O DpC recomenda-lhes cursos superiores de formação (cf. nº 156), e que com espírito missionário, sejam enviados para que cuidem dos migrantes (cf. nº 277).

Há muitas Famílias religiosas, masculinas e femininas, que nasceram para a educação cristã das crianças e dos jovens, sobretudo dos mais abandonados. Esse mesmo carisma dos fundadores faz com que muitos religiosos e religiosas colaborem hoje na catequese diocesana dos adultos

Tratando especificamente da atividade catequética dos religiosos/as, o DpC nº 123 cita uma norma já estabelecida no DGC anterior: “A importância do ministério da catequese aconselha que, na diocese, exista um certo número de religiosos e de leigos estável e generosamente dedicados à catequese, reconhecidos publicamente, os quais, em comunhão com os sacerdotes e o Bispo, contribuem para dar a este serviço diocesano a configuração eclesial que lhe é própria (DGC 231)”.

Os processos de iniciação cristã e a Vida Consagrada

O catecumenato ou uma catequese de inspiração catecumenal está organizada conforme o RICA, em quatro tempos e as três etapas. Nesses processos,

demonstra-se uma gradualidade pedagógica: a apresentação do candidato, os primeiros escrutínios de admissão ao catecumenato para verificar as motivações e disposições do aspirante ao Batismo, o longo período de formação, ensinamento e instrução, ou seja a catequese propriamente dita com duração de um ano e meio ou mais, outros escrutínios para avaliar a transformação pessoal e conduta moral, a inscrição e tempo da iluminação e purificação como preparação imediata aos Sacramentos (que deveria coincidir com o período quaresmal), a celebração na noite pascal dos sacramentos e, finalmente o tempo da Mistagogia: as sete semanas que se seguem à Páscoa para aprofundamento e vivência dos sacramentos já recebidos.

Como vimos, essa dinâmica catecumenal teve grande sucesso no passado, mas foi abandonada e desapareceu; hoje, a Igreja procura restaurá-la. Os catequistas, em geral, entusiasmam-se com tal projeto, mas não estão preparados para isso. Os párocos, que deveriam ser os primeiros a liderar, tampouco compreendem e assumem, com raras exceções, seu importante papel. Os religiosos podem dar uma importante contribuição. Ousaria aqui propor uma série de atividades que, os religiosos/as, dispostos a essa missão, poderiam cumprir:

- 1. Integrar a Comissão Diocesana de IVC:** ela, conforme o IVC-107 da CNBB (138-153), lidera e garante todo o êxito do projeto diocesano de IVC; aí se especificam as “forças”, pessoas, competências e tarefas dessa Comissão diocesana. A IVC não é trabalho de uma ou mais paróquia, mas de toda a diocese, tendo à frente essa comissão composta pelo Bispo Diocesano, pároco e outros membros nomeados. Para isso, é preciso fazer reuniões de planejamento, consultar bibliografia apropriada, entrar em contato com experiências já em andamento e não ter medo de inovar, propor novas experiências, avançar nesse projeto inovador.
- 2. O primeiro tempo do Catecumenato (o pré-catecumenato):** na verdade, é um tempo anterior ao catecumenato, como Evangelização propriamente dita, anúncio explícito de Jesus Cristo. É o começo de tudo: encantar e convidar as pessoas para percorrerem esse caminho de descoberta e aprofundamento nos Mistérios Cristãos. Nisso, os religiosos possuem muito mais experiências e metodologias que nossos leigos catequistas que foram formados num mundo de cristandade onde não era preciso evangeliza-

Os párocos, que deveriam ser os primeiros a liderar, tampouco compreendem e assumem, com raras exceções, seu importante papel. Os religiosos podem dar uma importante contribuição. Ousaria aqui propor uma série de atividades que, os religiosos/as, dispostos a essa missão, poderiam cumprir

ção e se sentem perdidos. É missão da VR, não só ser evangelizadora, mas também ajudar a Igreja em sua conversão missionária²² e liderar a formação dos cristãos para essa urgente atividade, sem a qual não se pode iniciar um processo catecumenal.

- 3. O segundo tempo, catecumenato,** é verdadeiramente o momento da autêntica catequese concebida como ensino, doutrina, aprofundamento da fé. Sua fonte principal é o Catecismo da Igreja Católica, cujo volume enorme já assusta. Os religiosos possuem muito mais formação nos principais temas de nossa fé e podem muito bem, não só assumir essa tarefa catequética

²² Cf. Aparecida 365-372; Celam, A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época. Brasília: 2015, nºs 106-115). Abreviatura: AIDM.

(sobretudo com os adultos), mas também preparar nossos catequistas para que sejam hoje, aquilo que os leigos/as sábios e conhecedores da doutrina com uma certa profundidade, foram no passado. Essa dimensão doutrinal, tão minguada e rala em muitas catequese, de maneira nenhuma pode ser deixada de lado. Aqui não estou absolutamente postulando uma volta ao catecismo puramente doutrinal ao contrário: é o ensino da doutrina cristã, envolta numa experiência comunitária e num clima de leitura orante da Palavra de Deus, de mistagogia e espiritualidade, de celebrações e ritos propostos no RICA. Porém, a parte propriamente doutrinal da catequese encontra-se noutro livro: o acima referido Catecismo.

- 4. A restauração da dimensão da Mistagogia na catequese:** é o coração dos processos catecumenais. A experiência de Deus e seus divinos mistérios não se dá tanto via intelectual, noética, embora necessária, mas por meio da dimensão orante, celebrativa, simbólica e ritual da fé e a experiência comunitária. Esse é o conteúdo e a finalidade do RICA, que como se disse, é de difícil acesso aos catequistas. Então,

os religiosos, cuja formação litúrgica é muito superior à dos catequistas, precisam se unir aos liturgistas das comunidades (sobretudo com o Pároco e/ou Diáconos) para colocar em prática as inúmeras e preciosas celebrações ao longo do catecumenato ou de uma catequese com dimensão catecumenal. As muitas celebrações, sobretudo as entregas, devem ser, primeiro, entendidas em seu significado teológico-mistagógico e depois preparadas com muita antecedência com criatividade e todo o espírito litúrgico. Vale a pena insistir e investir nessa dimensão celebrativa para mudar radicalmente o significado e a prática da catequese, cujos frutos se multiplicarão. Muitos ritos e as próprias entregas são novidades absolutas, hoje em dia, embora tenham origem nos primórdios da Igreja. Muitos sugerem que seja proporcionado aos catequistas a experiência ritual de tais celebrações, que eles nunca viveram, para que estejam conscientes do que estarão transmitindo.²³

²³ AIDM no nº 145 g afirma: “[A formação dos catequistas] implica que estude e assimile o conteúdo do RICA e experimente os ritos previstos por ele para todos os tempos e etapas do Catecumenato”. Há paróquias que suspenderam toda catequese durante um ano, para que todos os catequistas experimentassem esses ritos mistagógicos.

Os religiosos, cuja formação litúrgica é muito superior à dos catequistas, precisam se unir aos liturgistas das comunidades (sobretudo com o Pároco e/ou Diáconos) para colocar em prática as inúmeras e preciosas celebrações ao longo do catecumenato ou de uma catequese com dimensão catecumenal.

5. **A comunidade eclesial (paróquia, pequenas comunidades)** são insistentemente convidadas a participar nos processos de IVC e, para isso, devem ser orientadas e guiadas, papel que os religiosos, peritos em vida comunitária, muito poderão auxiliar. Assim, diz o RICA: “Estejam os fiéis prontos a demonstrar o espírito de comunidade cristã e receber os candidatos nas famílias, nas reuniões particulares e mesmo em algumas reuniões comunitárias” (nº 41, 1).
6. **Formação de animadores da IVC:** Os processos de IVC, diferentemente da catequese tradicional, implicam na atuação de muitas pessoas, não só os catequistas. A participação ativa das famílias do catequizando (sobretudo em se tratando de jovens, ado-

lescentes e crianças) é muito importante e devem ser acompanhadas, estimulando-as ao constante testemunho de fé e de participação na vida da comunidade. Ao lado dela, sobressai também a tarefa dos tradicionais padrinhos e introdutores ou acompanhantes. Os documentos eclesiais falam numa ressignificação dos tradicionais padrinhos-madrinhas, superando toda falsa ideia de um compadrio (relação apenas social e interesseira) e buscando seu sentido original: figuras que servem de testemunho de vida cristã para seus afilhados, ao mesmo tempo que ajudam em sua formação e crescimento. Já o introdutor ou acompanhante, é uma figura do catecumenato antigo e hoje relativamente nova, mas importante nos processos iniciáticos: “é preciso desenvolver a consciência sobre a necessidade deste ministério eles fazem um acompanhamento personalizado, orientando os primeiros passos de quem deseja aproximar-se da fé cristã [...] isso só será possível em uma relação de proximidade, cordialidade e escuta” (IVC 107, 160; cf. AIDM 122 h). É uma atividade perfeitamente ao alcance dos consagrados.

Conclusão

Estamos diante de um novo paradigma de catequese, que exige de toda Igreja grande conversão pastoral, mudança de estruturas, criatividade, ousadia aliada à necessária prudência.

Os Religiosos/as possuem, tradicionalmente, uma vivência e conhecimento de tais atitudes que poderão, apesar de todos os desafios e dificuldades que se apresentam no dia a dia, ajudar nossas comunidades a darem um passo decisivo nos processos iniciáticos à fé cristã.

Mais do que nossos catequistas, diante das dificuldades e desafios, poderão “com humildade e disponibilidade, de modo comunitário, criativo e profético, ouvir o que o Espírito diz à Igreja (cf. Ap. 2, 7)” (IVC-107, nº 244).

Referências

- Alves de Lima, A catequese do Vaticano II aos nossos dias. São Paulo: Paulus 2016.
- Alves de Lima, Luiz, A Iniciação Cristã Ontem e Hoje in Revista de Catequese 32 (2009) abril-junho, nº 126, pp. 06 - 18.
- Alves de Lima Luiz, Catequese in Passos João Décio e Sanchez, Wagner Lopes, Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus-Paulinas, 2015, pp. 86-91.
- Alves de Lima, Luiz. História da Catequese. Apostilas usadas nos cursos de Pós-Graduação em Metodologia Catequética do Unisal (unidade Pio XI-SP) e de Pedagogia Catequética da Pontifícia Universidade Católica de Goiás durante vários anos (ver nota 7 acima).
- Arns, Paulo Evaristo, O que é Igreja. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- Braido, Pietro, Storia della Catechesi. Dal “tempo dele riforme” all’età degli imperialismi. 3º vol. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 2015.
- Celam, A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época. Brasília: 2015 (abreviado como: AIDM).
- CNBB, Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Coleção Documentos da CNBB 107. Brasília: Edições CNBB 2017 (abreviado como: IVC-107).
- CNBB, Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal. Coleção Estudos da CNBB 97. Brasília: Edições CNBB 2009 (abreviado como: IVC-97).
- Congregação para o Clero, Diretório Geral para a Cate-

quese. São Paulo: Paulinas 2009 (abreviado como: DGC).

Florestan Casiano, *Catecumenato: história e pastoral da Iniciação Cristã*. Petrópolis: Vozes 1995.

Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evan-

gelização, *Diretório para a Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2020 (abreviado como: DpC).

Ritual Romano, *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA)*. São Paulo: Paulus 2001 (com nova diagramação).



SANTA PAULINA: UMA MULHER NO CORAÇÃO DO CORDEIRO

IR. LUZIA CÂNDIDO DOS SANTOS, CIIC¹

Fonte: Google

Resumo

Este artigo possibilita uma reflexão sobre a Pessoa de Jesus, representada pelo ícone do Cordeiro. O referido ícone, presente no Santuário Santa Paulina, tem no coração fragmentos dos ossos da fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição e, por meio dele, apresenta-se uma memória histórica de Santa Paulina, sua presença e testemunho de



total entrega a Deus. Desperta, ao mesmo tempo, para uma leitura da vida de cada fundador/a com sua mística e configuração com Jesus representado pelo Cordeiro. Ao mesmo tempo, motiva para uma vivência mais profunda e íntima com Jesus em comunhão e compromisso com os seus prediletos, os mais marginalizados e excluídos. Há possibilidade para outras leituras e reflexões.

Palavras-chaves: Cordeiro – Jesus – Santa Paulina - amor

¹ Irmã Luzia Cândido dos Santos, Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, Especialização em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual, pela Faculdade Jesuíta Filosofia e Teologia - FAJE/BH. Trabalha no Santuário Santa Paulina, em Nova Trento, SC. E-mail: deuspastorluzia@yahoo.com.br

Introdução

Uma das imagens mais expressivas na representação de Jesus é a do Cordeiro.

“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Na imagem do Cordeiro está internalizado o grande mistério de um amor incondicional que foge à nossa compreensão. A morte de Jesus, o cordeiro de Deus, foi consequência de seu amor ilimitado aos mais sofridos, excluídos e machucados de seu tempo.

O ícone do Cordeiro, presente em muitos de nossos templos, remete-nos a uma profunda reflexão, capaz de nos fazer mergulhar no mistério do amor apaixonado e incondicional de Jesus por nós. Principalmente pelos “caídos às margens dos caminhos”, como o homem encontrado e socorrido pelo Bom Samaritano, que descia de Jerusalém a Jericó (Lc 10,29-37).

Existe um ícone do Cordeiro no altar central do Santuário Santa Paulina. É uma imagem pequena, mas com imenso significado. No coração, há uma pequena relíquia com fragmentos de ossos de Santa Paulina. Sem dúvida, é a melhor imagem ou simbologia a representá-la. Ela viveu, realmente, no coração do Cordeiro.

Mulher da compaixão e do cuidado

A Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição celebra, em 2020, cento e trinta anos de sua fundação. Santa Paulina, sua fundadora, foi uma Mulher que viveu profundamente no coração do Cordeiro. Alguns fatos de sua história revelam o quanto sua configuração com Jesus foi profunda, verdadeira, comprometida e testemunhal.

Nascida em dezembro de 1865, Amábile era uma criança dotada de virtudes especiais. Aos oito anos, já era uma pequena camponesa nos trabalhos da lavoura e fábrica de seda. Seus pais; Anna Pianezzer e Antônio Napoleone Visintainer, educaram-na no caminho do bem, ela e as demais irmãs e irmãos.

Aos dez anos, tornou-se emigrante, por necessidade. Devido à situação financeira, a família deixou sua terra, no Tirol Italiano, antigo Império Austro-Húngaro,

Santa Paulina, sua fundadora, foi uma Mulher que viveu profundamente no coração do Cordeiro. Alguns fatos de sua história revelam o quanto sua configuração com Jesus foi profunda, verdadeira, comprometida e testemunhal.

hoje Itália, e veio para o Sul do Brasil, no estado de Santa Catarina.

Em Vígolo, cresceu ajudando seu pai na roça, e, em casa, no cuidado de seus irmãos e irmãs. No dia de sua primeira comunhão, recebeu a graça de aprender a ler, pois não conseguia apesar de sua dedicação e esforços.

Na sua adolescência, viveu grande sofrimento quando sua mãe faleceu ao dar a luz. Com essa experiência de dor, passou a dedicar-se totalmente aos cuidados da casa, de seu pai e irmãos, além de outros trabalhos na roça. Era a segunda de quatorze irmãos.

Na juventude, um sonho com Nossa Senhora a marcou profundamente. Durante três noites seguidas, em sonho, Nossa Senhora pediu que começasse uma missão. Foi a maneira com que Deus lhe manifestou um chamado especial.

Na juventude, um sonho com Nossa Senhora a marcou profundamente. Durante três noites seguidas, em sonho, Nossa Senhora pediu que começasse uma missão. Foi a maneira com que Deus lhe manifestou um chamado especial.

Em Vígolo, existe, até hoje, o moinho onde Amábile e sua amiga Virgínia trabalhavam incansavelmente e fabricavam farinha de milho e mandioca, que elas mesmas plantavam e cuidavam. Nesse local, as duas jovens, que também eram catequistas, partilhavam seus sonhos e projetos.

Os primeiros passos de um grande ideal

Numa fria tarde de sábado, do dia 12 de julho de 1890, Amábile deixa a casa paterna. Com sua companheira Virgínia Nicolodi, e com a ajuda de seu pai e seu irmão, levam, de carro de bois, dona Ângela Lúcia Viviane, uma senhora em estado avançado de câncer, a um pequeno casebre doado pelo senhor Benjamin Galotti. No pequeno e humilde casebre, as duas jovens cuidam dia e noite de dona Ângela. Para Amábile, aquela mulher enferma era a imagem concreta do “cordeiro ferido”, que sangrava com suas feridas abertas. Ela O acolhia naquele rosto, naquele corpo sofrido. Há nessa história uma inter-relação de verdadeira configuração de Amábile com Jesus, o Cordeiro imolado. Com a presença e participação de sua amiga Virgínia, Amábile assume dedicar-se inteiramente aos cuidados daquela mulher enferma

com um amor incondicional. Amor do verdadeiro Cordeiro que se imolou por nós, nas mais diversas circunstâncias, muito antes de imolar-se na cruz. Esse fato marcou o início da fundação da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, presente em vários estados do Brasil e em diversos países.

Dona Ângela viveu alguns meses sob os cuidados de Amábile e Virgínia. Após seu falecimento, as duas jovens acolhem, no casebre, muitas outras pessoas enfermas, crianças órfãs e idosos abandonados. Todas foram acolhidas em seus corações. É possível reconhecer em Amábile e em sua amiga Virgínia a vivência plena no Coração do Cordeiro.

Amábile tem sua vida marcada por uma longa e significativa peregrinação, sempre a serviço do próximo. Do casebre, vai para Nova Trento. Com ela, a amiga Virgínia, e uma outra jovem, a Teresa Maule, que sentiu-se encantada pelo modo de vida das duas jovens e abraçou o mesmo ideal. No início da madrugada, de 11 para 12 de fevereiro de 1894, as três jovens deixam o casebre e seguem para Nova Trento. Caminham, na estrada em meio ao mato, numa distância de uns sete quilômetros. Nas mãos, levam: uma imagem de São José e um lampião à querosene. Na bagagem: dois guarda-chuvas

No pequeno e humilde casebre, as duas jovens cuidam dia e noite de dona Ângela. Para Amábile, aquela mulher enferma era a imagem concreta do “cordeiro ferido”, que sangrava com suas feridas abertas. Ela O acolhia naquele rosto, naquele corpo sofrido.

e uma muda de roupas de cada uma. No coração, o ideal de amar e servir. Vivem antecipadamente o que o Papa Francisco pede hoje: “Uma Igreja em saída!” Chegam a Nova Trento às duas horas da madrugada e encontram a casa fechada. Dormem sobre umas tábuas, até às cinco horas, quando são acordadas pelo badalar do sino da Matriz. Era o sinal de que a missa ia começar. Elas se dirigem para a Matriz e participam da missa.

Na pequena casa em Nova Trento, chegam outras pessoas doentes, crianças que precisavam de cuidados... todas são acolhidas e cuidadas. Ainda não tinham aprovação da Igreja. Parecia loucura três jovens viverem daquele jeito. Recebiam orientação e apoio dos padres Jesuítas, mas era preciso aprovação por parte da Igreja. Em agosto de 1895, o Bispo Dom José Camargo de Barros, de Curitiba,

visita Nova Trento, era o responsável pela região. Ao saber da existência das três jovens e, ao adentrar a humilde casa as encontra de joelhos diante da imagem de São José. Comoveu-se com o que vira e sentiu que ali havia um Projeto de Deus; deu a primeira aprovação. Em dezembro daquele ano, as três jovens consagram suas vidas a Deus. Amábile recebe o nome de Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus. Logo, outras jovens sentem-se atraídas por aquele ideal de amar e servir, e começam a fazer parte da pequena comunidade.

Mais tarde, em 1903, Madre Paulina vai para São Paulo, viagem de cinco dias. Na colina do Ipiranga, seu olhar depara com gente sofrida de todo jeito: crianças, idosos, enfermos, inclusive, ex-escravos e filhos de ex-escravos em situação de abandono. Estava recente a “abolição” dos escravos que os deixou à mercê da sorte. Madre Paulina é presença solidária de cuidados e amor.

Deposição, holocausto e exílio

Cada Congregação conhece muito bem a vida de sua fundadora ou seu fundador e sabe que foram pessoas que passaram pela experiência de imolação, tal qual Jesus, o Cordeiro sacrificado.

Em agosto de 1909, Madre Paulina sofre a mais cruel injustiça e humilhação. É deposta de sua função vitalícia de Superiora Geral, por uma autoridade da igreja, sem o mínimo de diálogo e humanismo, mas com esse imperativo: “viva e morra como súdita!” Mesmo com o coração despedaçado ao ouvir esse veredito, e na mais profunda dor e sentimento de injustiça sofrida, declara: “O que eu desejo é que a Congregação vá adiante e Jesus seja conhecido, amado e adorado, por todos, e em todo o mundo!” Podemos relacionar a deposição de Santa Paulina e sua atitude de extrema humildade e confiança em Deus com a metáfora do Profeta Isaías, que “era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado,

Na colina do Ipiranga, seu olhar depara com gente sofrida de todo jeito: crianças, idosos, enfermos, inclusive, ex-escravos e filhos de ex-escravos em situação de abandono. Estava recente a “abolição” dos escravos que os deixou à mercê da sorte. Madre Paulina é presença solidária de cuidados e amor.

não faziam caso nenhum dele” (Is 53,3,4). Nesse fato, há uma profunda confirmação do quanto a vida de Santa Paulina era intimamente mergulhada no coração do Cordeiro, testemunhou fortemente o perdão e o amor. O centro de sua vida foi a Pessoa de Jesus, em seu sofrimento, sua oração era de entrega e confiança: “Senhor, não entendo vossos desígnios, mas a eles me submeto”.

Configuração com o Cordeiro

Após sofrer, injustamente, a deposição, Madre Paulina é transferida de São Paulo para Bragança Paulista, interior do estado, onde vai viver seu exílio durante vários anos. Mas sua presença, como sempre, é de consolo e serviço no meio dos sofredores e excluídos. Na Santa Casa de Misericórdia daquela cidade, cuida de pessoas portadoras de doenças mentais. Lava suas roupas, dá-lhes banho, faz curativos em suas feridas, é irmã, mãe e amiga de quem não mantém laços nem com a própria família. Segue o “Bom Pastor” a cuidar de suas ovelhas machucadas e abandonadas (Jo 10,1-3). Pelos caminhos por onde passa, o “olhar” de seu coração alcança e acolhe pessoas idosas e esquecidas. Cria o Lar dos Idosos que existe até hoje, milhares já passaram por esse

lar e tiveram a experiência da ternura de Deus antes do “entardecer” de suas vidas.

Madre Paulina viveu dezoito anos no escondimento a serviço dos mais necessitados, retorna a São Paulo, em 1918, a pedido das Irmãs. Diante do Santíssimo, consegue ficar imóvel durante várias horas. Sobre sua comunhão com Deus, escreveu: “A presença de Deus me é tão forte que me parece impossível perdê-la!” É reconhecida como verdadeiro testemunho de amor incondicional, as Irmãs a procuravam para orientação.

A partir de 1938, com 73 anos, a saúde de Madre Paulina vai ficando cada vez mais fragilizada, sofre de diabetes, ficou totalmente cega, teve um dos braços amputado, mesmo assim, trabalhava. Faz flores, para a capela, sem a visão e sem um dos braços num porão na Casa Geral. O próprio local, obscuro

Diante do Santíssimo, consegue ficar imóvel durante várias horas. Sobre sua comunhão com Deus, escreveu: “A presença de Deus me é tão forte que me parece impossível perdê-la!” É reconhecida como verdadeiro testemunho de amor incondicional, as Irmãs a procuravam para orientação.

e ignorado, traduz sua vivência de conformidade com o mistério e configuração com o “Cordeiro imolado”. Sua morte, após muito sofrimento, ocorreu no dia 09 de julho de 1942, em São Paulo. Em seus dias e momentos finais foi acompanhada por várias Irmãszinhas.

No coração do Cordeiro e no coração do povo

Madre Paulina é beatificada pelo Papa São João Paulo II, em outubro de 1991, em Florianópolis/SC. Sua canonização, também pelo mesmo Papa, ocorreu em Roma, em 18 de maio de 2002.

Após a beatificação de Madre Paulina, milhares de devotos passaram a visitar os lugares onde ela viveu e começou essa história. Assim, surgiu a necessidade de se ter um espaço maior para acolher devotos e peregrinos de todo o Brasil e de outros países. O Santuário é o resultado dessa devoção a Santa Paulina e tem a missão de acolher a todos, e também de ser um lugar de encontro com o Cordeiro, Jesus Cristo. Desde sua inauguração, em 2006, é expressivo o número de peregrinos que por aqui passam e já passaram. Todos sentem-se renovados na fé, no amor a Deus e ao próximo pelo testemunho de Santa Paulina.

Ao longo desses 131 anos de história, Santa Paulina deixou-nos sinais do seu amor a Jesus Cristo e ao próximo, traduzidos no compromisso e opção pelos mais pobres, sofridos e excluídos de seu tempo. A Congregação que fundou está presente em vários estados do Brasil e, em diversos países. As Irmãszinhas atuam nas mais diversas realidades junto ao povo. O Santuário, a ela dedicado, tem a missão de apresentá-la como seta que aponta para o Cordeiro de Deus, vivo e presente na história e realidade do povo. E também, os minúsculos fragmentos de seus ossos, entronizados no ícone do Cordeiro, no interior do Santuário, simbolizam que ela quis ser pequena, minúscula, para que Jesus seja realmente o centro.

Conclusão

A mensagem, experiência de vida e missão, vivenciadas por Santa Paulina, despertam em nós a mais profunda mística de Jesus, representada pelo ícone do Cordeiro, presente no Santuário. Também, nós somos fragmentos no Coração do Cordeiro, sinais na vida do povo, especialmente na vida dos que mais necessitam do “bálsamo” da misericórdia para suas dores e ferimentos. Na vida dos que encontramos caídos “às margens dos caminhos”.

Santa Paulina viveu e morreu como o Cordeiro inocente: “Viva e morra como súdita!” Jesus viveu e morreu como súdito, mas foi vitorioso, pois venceu o ódio pelo amor. De rico se fez pobre, e não veio para ser servido, mas para servir. Santa Paulina também foi vitoriosa, pelo perdão, serviço e amor.

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CADORIN, Ir. Célia Bastiani. Madre Paulina – Fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição – Biografia Documentada - Volume I – São Paulo: Loyola, 1986.

Questões para reflexão

- Quais fatos da vida de nossos fundadores/as nos possibilitam reconhecê-los/as a mística do Cordeiro?
- A VRC é chamada a configurar-se com o Cordeiro, sacrificado. Quais foram os anseios de nossos fundadores/as e quais são os nossos hoje?
- Que oração e compromisso essa reflexão desperta em nós, em nível pessoal, comunitário e congregacional?

Fonte: Google



FRAGMENTOS PASTORAIS DO SÍNODO PAN-AMAZÔNICO APÓS UM ANO DE SUA REALIZAÇÃO¹

PE. PAULO SUESS²

Resumo

As grandes distâncias geográficas da Amazônia, sua diversidade cultural e riqueza ecológica exigem respostas pastorais específicas que, para superar práticas coloniais do passado, requerem a

participação dos habitantes da região. O sínodo fez um grande esforço para se fazer porta-voz dos povos e das comunidades dessa Amazônia no interior de uma moldura estrutural limitante que atribui a essa voz um estatuto meramente consultivo e não decisivo. Durante o sínodo e nesse tempo pós-sinodal, a maioria dos padres sinodais e amplos setores eclesiais agiram como advogados dos povos e do macro bioma da Pan-Amazônia. A sua defesa exige uma revisão de práticas pastorais que até hoje impediram a construção de uma Igreja com rosto amazônico. No outro lado desse tribunal,

1 IHU Ciclo de Debates Life: Emergência climática, ecologia integral e o cuidado da nossa casa comum 22.10.2020 (o evento foi gravado: <https://youtu.be/Dw1WFM5CDeM>, o texto foi posteriormente reelaborado).

2 Paulo Suess é missionário Fidei Donum. Doutor em Teologia Fundamental pela Universidade de Muenster/Alemanha. Trabalhou 10 anos como pastor e professor na Amazônia. Foi perito do Sínodo para a Amazônia. Atualmente é assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

uniram-se setores que, desde o Vaticano II, obstruíram essa revisão de práticas coloniais que consideraram intocáveis por pertencer ao *depositum fidei*. O Papa Francisco, que não é o juiz de um tribunal, mas o construtor de pontes (*pontifex*) para conseguir em questões essenciais o *Consensus Ecclesiae*, devolveu muitas questões pastorais a recém-fundada “Conferência Eclesial da Amazônia - Ceama” para avançar em um consenso sinodal regional, além do sínodo.

Palavras-chave: Sínodo, inculturação, Teologia índia

Introdução

Em outubro 2020, fez um ano, que se realizou, em Roma, o Sínodo para a Amazônia. Esse Sínodo produziu dois documentos: o Documento Final (DFSA), redigido pelos bispos que eram membros da Assembleia Sinodal, e a Exortação Pós-Sinodal Querida Amazônia (QA), do Papa Francisco. O Documento Final, com uma série de propostas concretas, tem valor consultivo e propositivo para o papa. A Querida Amazônia expressa a ressonância das discussões e propostas da Assembleia sinodal acolhidas pelo papa.

A Querida Amazônia, de Francisco, que é um documento

do magistério eclesial, inscreve-se no gênero literário de uma “Carta de Amor” dirigida aos povos da Amazônia e do mundo. Seu autor escreve como *pontifex*, portanto, como construtor de pontes entre diferentes setores eclesiais. Ex officio, o papa é suscetível a pressões da própria Cúria Romana e de grupos que não têm a familiaridade com a Amazônia, como os autores do Documento Final. Também no Vaticano II, não houve unanimidade entre esses dois setores.

Por meio de quatro eixos, os padres sinodais assumiram a essência das discussões da aula sinodal e propuseram transformações nos campos pastoral, cultural, ecológico e sinodal que denominaram “conversões”. O Papa Francisco, por sua vez, fala em sua “carta de amor” com a sua amada Amazônia de quatro sonhos que envolvem os campos social, cultural, ecológico e eclesial. Namorados e amadores

A Querida Amazônia, de Francisco, que é um documento do magistério eclesial, inscreve-se no gênero literário de uma “Carta de Amor” dirigida aos povos da Amazônia e do mundo. Seu autor escreve como *pontifex*, portanto, como construtor de pontes entre diferentes setores eclesiais.

falam de sonhos; casados, curtidors por uma convivência sólida e, por vezes, conflitiva, falam de conversões e mudanças que garantem reconciliação e perdão, recomeço e aprendizados históricos.

O quarto gol: a Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama)

Nas quatro conversões do “Documento Final”, os padres sinodais colocaram a bola do sínodo na frente do gol para o papa, o único autorizado, a fazer o gol. Francisco transformou as quatro conversões dos sinodais em quatro sonhos e fez três gols bonitos, com seus sonhos social, cultural e ecológico. O quarto gol, que a grande maioria do sínodo esperava, e que seria feito por meio do último sonho, curtido pela quarta conversão do sínodo, o Papa Francisco não fez. Pisou na bola. Pressionado pela Realpolitik eclesial do Vaticano e por setores afins, fez da necessidade uma virtude e devolveu a bola aos jogadores, lembrando a proposta que fizeram em seu “Documento Final” do Sínodo: “Propomos a criação de um organismo episcopal que promova a sinodalidade entre as Igrejas da região, que ajude a delinear a face amazônica desta Igreja e que continue a tarefa de encontrar

novos caminhos para a missão evangelizadora” (DFSA 115).

Entrementes, foi criado esse organismo como “Conferência Eclesial da Amazônia – Ceama” que foi realizado nos dias 26 e 27 de outubro 2020. A primeira assembleia plenária contou com a participação de 250 pessoas, entre leigos, vida religiosa, sacerdotes e bispos. Em seu “Comunicado Final”, a assembleia da Ceama assumiu a tarefa de dar continuidade ao processo sinodal de diálogo, encarnação e descolonização, sobretudo por meio da construção de um Plano Pastoral de Conjunto e da formação de comunidades missionárias que possam, em prazos pastoralmente convenientes, celebrar a Eucaristia.

A Amazônia é um mundo de enormes distâncias geográficas e de habitantes constituídos por uma grande diversidade de povos, culturas e condições socioambientais. Nessa Pan-Amazônia, composta por nove países, a Ceama deve assumir, não apenas como denúncia profética de negligências alheias, mas como labor pastoral próprio, tarefas eclesiais desde o Vaticano II acumuladas.

Como já na Encíclica “Laudato Si,` sobre o cuidado da casa comum”, a “viragem descolonial” almejada pelo sínodo aconteceu até agora sobretudo em nível

discursivo e em campo alheio, pelas propostas do sonho social, cultural e ecológico. Com movimentos contra hegemônicos, a Igreja do Vaticano II e do tempo pós-vaticano, documentado nas conclusões das quatro conferências latino-americanas de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), fez um grande esforço para aprender e partilhar as lutas pela preservação da vida, a defesa do meio-ambiente, a redução do sofrimento dos pobres e dos setores vulneráveis. No campo próprio, portanto, no campo eclesial ad intra e na pastoral cotidiana, a “viragem descolonial” da Igreja ainda não aconteceu.

Da viragem descolonial à Igreja com rosto amazônico

Logo no início do “sonho eclesial” da “Querida Amazônia”, a proposta da “viragem descolonial” está presente como imperativo pastoral de desenvolver “uma Igreja com rosto amazônico” (QA 61) que exige uma Igreja no plural de Teologias e Liturgias, uma Igreja local com seus ministérios e uma vida sacramental a serviço da vida cotidiana do respectivo povo e um reconhecimento não só funcional das mulheres, mas com acesso à administração dos sacramentos

Como já na Encíclica ‘Laudato Si,’ sobre o cuidado da casa comum”, a “viragem descolonial” almejada pelo sínodo aconteceu até agora sobretudo em nível discursivo e em campo alheio, pelas propostas do sonho social, cultural e ecológico.

em igualdade com os homens no interior de uma cultura pós-patriarcal. Será uma das tarefas mais importantes e urgentes deste tempo, pós-sinodal, destrinchar o Evangelho de heranças culturais do patriarcalismo.

A viragem descolonial da Igreja, com rosto amazônico, será sustentada pelo método indutivo da “Constituição Pastoral Gaudium et spes”, do Vaticano II, e da “Exortação apostólica Evangelii Gaudium”, do Papa Francisco, que nos advertiu: “Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico. [...] Às vezes, na Igreja, caímos na vaidosa sacralização

Será uma das tarefas mais importantes e urgentes deste tempo, pós-sinodal, destrinchar o Evangelho de heranças culturais do patriarcalismo.

da própria cultura, o que pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador” (EG 117). A construção de uma Igreja com rosto amazônico é uma das prioridades da Ceama que ela assumirá em nome da Igreja universal e sem data de vencimento. Essa Igreja com rosto amazônico será uma Igreja descentralizada, com identidade universal e rosto local, como já escreveu Paulo VI citado por Francisco, porque “perante situações, assim tão diversificadas, torna-se difícil tanto pronunciar uma palavra única como propor uma solução que tenha um valor universal” (EG 184).

A Constituição Episcopalis Communio (EC), de 2018, já previu essa tarefa de diversificar e, portanto, de inculturar as decisões de todos os sínodos: “À celebração da Assembleia do Sínodo, deve seguir-se a fase da sua aplicação, com a finalidade de iniciar em todas as Igrejas particulares a recepção das conclusões sinodais [...]. A este respeito, é preciso ter bem presente que “as culturas são muito diferentes entre si e cada princípio geral (...), se quiser ser observado e aplicado, precisa de ser inculturado”. Mostra-se, assim, que o processo sinodal tem não apenas o ponto de partida, mas também o seu ponto de chegada no Povo de Deus” (EC 7,3).

A construção de uma Igreja com rosto amazônico é uma das prioridades da Ceama que ela assumirá em nome da Igreja universal e sem data de vencimento.

A construção da descolonialidade e descolonização é um processo permanente. A partir do olhar indígena e afro-americano de hoje, os movimentos de independência, que enfrentaram a colonização anglo-ibérica, não alteraram substancialmente a estrutura do sistema colonial cuja última fase vivemos hoje, como neocolonialismo e colonização globalizada. As declarações de independência de países e povos outrora colonizados não eliminaram o vírus que permite a sobrevivência de mentalidades anteriormente estruturadas nem o perigo de recolonizações políticas, culturais e religiosas.

Autocrítica e propostas de transformação

No “Documento Final”, os padres sinodais assumem o conceito da “conversão” como prefixo de autocrítica e proposta de transformação na construção de “novos caminhos”: “Com ousadia evangélica, queremos implementar novos caminhos

para a vida da Igreja e seu serviço a uma ecologia integral na Amazônia. A sinodalidade marca um estilo de viver a comunhão e participação nas igrejas locais caracterizado pelo respeito à dignidade e à igualdade de todos os batizados e batizadas, pelo complemento de carismas e ministérios [...]. Esse Sínodo nos dá a oportunidade de refletir sobre como estruturar as igrejas locais em cada região, para avançar em uma conversão sinodal que aponte caminhos comuns na evangelização” (DFSA 91). Em todas as suas propostas e decisões pós-sinodais, o barco sinodal deve ser conduzido entre a pertença a uma Igreja universal e o enraizamento em uma Igreja local e plural. “Frequentemente, o anúncio de Cristo era feito em convivência com os poderes que exploravam os recursos e oprimiam as populações” (DFSA 15). Sem meias palavras, o “Documento Final” reconhece erros do passado e o dever da conversão: “A defesa da vida da Amazônia e de seus povos requer uma profunda conversão pessoal, social e estrutural. A Igreja está incluída neste chamado para desaprender, aprender e reaprender, a fim de superar qualquer tendência a modelos de colonização que causaram danos no passado. Nesse sentido, é importante estarmos cientes da força do neocolonialismo que

A sinodalidade marca um estilo de viver a comunhão e participação nas igrejas locais caracterizado pelo respeito à dignidade e à igualdade de todos os batizados e batizadas, pelo complemento de carismas e ministérios [...].

está presente em nossas decisões diárias e do modelo de desenvolvimento predominante” (DFSA 81). “Atualmente, a Igreja tem a oportunidade histórica de se diferenciar das novas potências colonizadoras, ouvindo os povos da Amazônia para poder exercer sua atividade profética com transparência” (DFSA 15).

Em seu sonho social, a denúncia do Papa Francisco não é menos profética que a dos padres sinodais: “Às operações econômicas, nacionais ou internacionais, que danificam a Amazônia e não respeitam o direito dos povos nativos ao território e sua demarcação, à autodeterminação e ao consentimento prévio, há que rotulá-las com o nome devido: injustiça e crime” (QA 14).

A defesa da vida da Amazônia e de seus povos requer uma profunda conversão pessoal, social e estrutural.

“Esta história de sofrimento e desprezo não se cura facilmente. E a colonização não para; embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule, todavia não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente” (QA 16). Nós que temos um saber amplo sobre a necessidade de transformações socioambientais e políticas que favorecem a vida de todos, temos, também, o dever de agir no campo eclesial.

A Teologia Índia, um exemplo de inculturação

Com o sínodo reaprendemos a distinguir três modos de agir face à identidade e ao sofrimento do outro: primeiro, descrever esse sofrimento sem escutar as vítimas; segundo, escutar aqueles que sofrem, sem lhes dar a possibilidade de interferir nas decisões para sanar a situação que causou esse sofrimento; terceiro, escutar as vítimas e dar à sua voz força decisiva de gerar mudanças. Essa terceira via podemos chamar de “viragem descolonial”.

Em seu encontro com os povos da Amazônia, 19 de janeiro de 2018, em Puerto Maldonado (Peru), o Papa Francisco elencou elementos importantes para essa terceira via de uma “viragem descolonial”: “Muitos

escreveram e falaram sobre vós. É bom que agora sejais vós próprios a autodefinir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos vos escutar”.

Um campo prático dessa “viragem colonial” é a própria Teologia. A Teologia Índia, por exemplo, é uma das tentativas de construir, a partir das próprias raízes religiosas e da releitura crítica da herança teológica do cristianismo, uma reflexão teológica culturalmente situada no interior da Igreja. O zapoteca Eleazar Lopes explica: “Em seu caráter de indígena, nossa teologia se converteu em trincheira para defender nossa identidade mais profunda e em possível ameaça para a nova teologia trazida da Europa, que a atacou persistentemente; e, por isso, ela se fez clandestina, se mascarou ou se sintetizou com a perspectiva religiosa prevalente, a fim de conseguir sobreviver.”

Na luta por sobrevivência física e identidade cultural, os povos indígenas recorreram, muitas vezes, à clandestinidade do próprio e ao alheio hegemônico. A negociação com o colonizador, que era o preço da sobrevivência física e espiritual, não permitiu recorrer a soluções dicotômicas do tudo ou nada. Enquanto as epistemologias indígenas são consideradas saberes locais, irrelevantes para a formulação

teológica de uma Igreja universal, é compreensível que determinados povos indígenas insistam na apropriação do conceito “teologia”, de origem na cultura grega, para conseguir que a sua reflexão teológica não seja conceitualmente subordinada como “sabedoria”. Ele nos diz: “Nós temos sabedoria, sim. Mas para que vocês reconheçam essa sabedoria em pé de igualdade, a denominamos “teologia”, Teologia Índia. E nos perguntam: “Porque o representante da “Congregação para a Doutrina da Fé” proibiu o uso do conceito “Teologia Índia” no Documento de Aparecida (2007)?”

O conceito “Teologia Índia” como afirmação de um certo reconhecimento eclesial, sob vários aspectos, pode ser considerado uma afirmação dessa teologia em categorias do colonizador. Como tal, ainda carrega vestígios de colonialidade. Em concorrência com uma teologia hegemônica, os interlocutores indígenas, por vezes, sentem-se obrigados a assumir linguagens hegemônicas. É impossível trocar a máscara colonial da noite para o dia e questionar linguagens culturais e alinhamentos políticos com sistemas hegemônicos. Para o Evangelho, nenhuma cultura é normativa para todos os povos. Atenas e Roma não forneceram instrumentos “providenciais” para a interpretação universal

do Evangelho. Disponibilizaram instrumentos culturais, geográfica e historicamente localizáveis e datados. No momento em que se impuseram como “universais” e “atemporais”, falsificaram a identidade do cristianismo. Uma Igreja com “rosto amazônico” exige não só a tradução dos manuais de instrução da Igreja Grande, mas o reconhecimento dos planos próprios de construção de uma Igreja autóctone.

Sabedoria da Amazônia plurirreligiosa

“A realidade multiétnica, multicultural e multirreligiosa da Amazônia exige uma atitude de diálogo aberto, reconhecendo também a multiplicidade de interlocutores: povos indígenas, ribeirinhos, camponeses e afrodescendentes (quilombolas), outras Igrejas cristãs e confissões religiosas, organizações da sociedade civil, movimentos sociais populares, o Estado, enfim, todas as pessoas de boa vontade que buscam a defesa da vida, a integridade da criação, a paz e o bem comum” (DFSA 23).

O diálogo inter-religioso na Pan-Amazônia “ocorre especialmente com religiões indígenas e cultos afrodescendentes. Essas tradições merecem ser conhecidas, entendidas em suas

próprias expressões e em seu relacionamento com a floresta e a Mãe Terra. Juntamente com eles, os cristãos, baseados em sua fé na Palavra de Deus, dialogam, compartilhando suas vidas, preocupações, lutas e experiências de Deus, para aprofundar a fé mutuamente e agir juntos em defesa da “Casa Comum”. Para isso, é necessário que as igrejas da Amazônia desenvolvam iniciativas de encontro, estudo e diálogo com os seguidores dessas religiões. O diálogo sincero e respeitoso é a ponte para a construção do ‘bem viver’ [cf. EG 250]” (DFSA 25). Face às crenças do outro é “possível ser sincero, sem dissimular o que acreditamos, nem deixar de dialogar, procurar pontos de contato e sobretudo trabalhar e lutar juntos pelo bem da Amazônia” (QA 198).

Também o diálogo inter-religioso na Amazônia nos mostra que “o cuidado das pessoas e o cuidado dos ecossistemas são inseparáveis” (QA 42). Trata-se de uma relação constitutiva do mundo. Os povos da Amazônia têm uma particular sensibilidade para essa interligação. “A sabedoria dos povos nativos da Amazônia «inspira o cuidado e o respeito pela criação [...]. Abusar da natureza significa abusar dos antepassados, dos irmãos e irmãs, da criação e do Criador, hipotecando o futuro» [Instrumentum Laboris - ILSA 26].

“Os povos nativos da Amazônia possuem um forte sentido comunitário. Vivem assim «o trabalho, o descanso, os relacionamentos humanos, os ritos e as celebrações [...]» [ILSA 24]. Essas relações humanas estão impregnadas pela natureza circundante, porque a sentem e percebem como uma realidade que integra a sua sociedade e cultura, como um prolongamento do seu corpo pessoal, familiar e de grupo” (QA 20).

“Os povos nativos da Amazônia possuem um forte sentido comunitário. Vivem assim «o trabalho, o descanso, os relacionamentos humanos, os ritos e as celebrações [...]» [ILSA 24]. Essas relações humanas estão impregnadas pela natureza circundante, porque a sentem e percebem como uma realidade que integra a sua sociedade e cultura, como um prolongamento do seu corpo pessoal, familiar e de grupo” (QA 20).

A vida sacramental da Igreja é expressão simbólica dessa interligação social, ambiental, cósmica e transcendental. Por isso, “os Sacramentos não deveriam ser vistos como separação da criação, pois «constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural» [LS 235]. Isso permite-nos receber na liturgia muitos elementos próprios da experiência dos indígenas no seu

contato íntimo com a natureza e estimular expressões autóctones em cantos, danças, ritos, gestos e símbolos. O Concílio Vaticano II solicitou esse esforço [...], mas passaram-se já mais de cinquenta anos e pouco avançamos nessa linha” (QA 82).

“Mestres e discípulos” em “sobriedade feliz”

Com os povos indígenas da Amazônia, a Igreja tem muito a aprender. Eles são “infalíveis in credendo” (cf. EG 119; EC 5,3) e em seu estilo de vida. Eles “expressam a autêntica qualidade de vida como um «bem viver», que [...] manifesta-se no seu modo comunitário de conceber a existência, na capacidade de encontrar alegria e plenitude em

A vida sacramental da Igreja é expressão simbólica dessa interligação social, ambiental, cósmica e transcendental. Por isso, “os Sacramentos não deveriam ser vistos como separação da criação, pois «constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural» [LS 235].

uma vida austera e simples, bem como no cuidado responsável da natureza que preserva os recursos para as gerações futuras” (QA 71).

O bem viver na “sobriedade feliz” (LS 224) e na igualdade de todos e o bem cuidar da natureza “deveria ser interesse de todos, porque a sua riqueza é também a nossa. Se não progredirmos nessa direção de corresponsabilidade pela diversidade que embeleza a nossa humanidade, não se pode pretender que os grupos do interior da floresta se abram ingenuamente à «civilização»” (QA 37). Os territórios indígenas são espaços onde a humanidade pode aprender algo sobre a essência da vida e as condições de seu próprio porvir.

A conversão ecológica exige uma radical mudança do nosso estilo de vida. “Assim, podemos dar mais um passo e lembrar que uma ecologia integral não se dá por satisfeita com ajustes de questões técnicas ou com decisões políticas, jurídicas e sociais. A grande ecologia sempre inclui um aspecto educativo, que provoca o desenvolvimento de novos hábitos nas pessoas e nos grupos humanos. Infelizmente, muitos habitantes da Amazônia adquiriram costumes próprios das grandes cidades, onde já estão muito enraizados o consumismo e a cultura do descartê.

Não haverá uma ecologia sã e sustentável, capaz de transformar seja o que for, se não mudarem as pessoas, se não forem incentivadas a adotar outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno” (QA 58).

“Os povos aborígenes podem ajudar-nos a descobrir o que é “sobriedade feliz” (QA 71). Eles “sabem ser felizes com pouco, gozam dos pequenos dons de Deus sem acumular tantas coisas, não destroem sem necessidade, preservam os ecossistemas e reconhecem que a terra, ao mesmo tempo que se oferece para sustentar a sua vida, como uma fonte generosa, tem um sentido materno que suscita respeitosa ternura” (QA 71). O desprendimento não é privação, mas libertação e purificação. Recusar práticas possessivas de acumulação gera novas energias. A “sobriedade feliz” está inscrita no horizonte de gratuidade que rompe com a lógica de competição e de custo-benefício. Transformar essa lógica em relações de reciprocidade pode ser a raiz de uma nova pessoa e de uma outra sociedade.¹

Nesse horizonte, “promover a Amazônia” significa “contribuir de modo que ela própria revele o melhor de si. [...]. Assim como há potencialidades na natureza

1 Cf. SUESS, Paulo, Dicionário da Laudato si’, Paulus, 2017, p. 11ss.

Não haverá uma ecologia sã e sustentável, capaz de transformar seja o que for, se não mudarem as pessoas, se não forem incentivadas a adotar outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno” (QA 58).

que se poderiam perder para sempre, o mesmo pode acontecer com culturas portadoras de uma mensagem ainda não escutada e que estão mais ameaçadas do que nunca” (QA 28). O sistema econômico globalizado “danifica despidoradamente a riqueza humana, social e cultural. [...] Além disso, «diante de uma invasão colonizadora maciça dos meios de comunicação», é necessário promover para os povos nativos «comunicações alternativas, a partir das suas próprias línguas e culturas», e que «os próprios protagonistas indígenas se façam presentes nos meios de comunicação já existentes»” (ILSA 123, e; QA 39).

Tudo está interligado

A diversidade Pan-Amazônica de povos, culturas, religiões e condições socioambientais não representa uma ameaça à

unidade da Igreja, porque acima desse mundo plural, existe uma relação vital que une os seres humanos com a natureza, com a vida cósmica e cotidiana. “Sem dúvida, há que se apreciar a espiritualidade indígena da interconexão e interdependência de toda a criação, espiritualidade de gratuidade que ama a vida como dom, espiritualidade de sacra admiração perante a natureza que nos cumula com tanta vida” (QA 73). A espiritualidade é a força aglutinadora das nossas múltiplas e diversas atividades concretas. Essa espiritualidade encarnada na vida real “será, sem dúvida, uma espiritualidade centrada no único Deus e Senhor, mas ao mesmo tempo capaz de entrar em contato com as necessidades diárias das pessoas que procuram uma vida digna, querem usufruir as coisas belas da existência, encontrar a paz e a harmonia, resolver as crises familiares, curar as suas doenças, ver os seus filhos crescerem felizes” (QA 80).

Em sua Encíclica “Laudato Si’”, o Papa Francisco insiste em que “tudo está estreitamente interligado” (QA 41, LS 16, 91, 117, 138, 240) e isso “vale especialmente para um território como a Amazônia” (QA 41): o sofrimento dos pobres, dos outros e os clamores do planeta Terra

não configuram uma calamidade acumulada, mas, sobretudo, uma afirmação curativa e recíproca.

No início dessa reflexão, vimos que os sonhos social, cultural e ecológico da “Querida Amazônia” (QA) assumiram as três conversões correspondentes do “Documento Final” (DFSA). Somente no sonho eclesial, poderia-se observar certo descompasso com a conversão correspondente do “Documento Final” por meio de sua devolução aos debates regionais de onde vieram. Se tudo está interligado, impõe-se uma pergunta: Três irmãos sadios e fortes não poderiam carregar sua irmã frágil? Uma Igreja, na qual tudo está interligado - seu setor social, cultural, ecológico e pastoral - a visão claramente profética em questões sociais, culturais e ecológicas não poderia também salvar seu setor interno, pastoral e doutrinal, de águas mais mornas? Uma Igreja social, cultural

A diversidade Pan-Amazônica de povos, culturas, religiões e condições socioambientais não representa uma ameaça à unidade da Igreja, porque acima desse mundo plural, existe uma relação vital que une os seres humanos com a natureza, com a vida cósmica e cotidiana.

e ecologicamente coerente não poderia purificar sua prática pastoral ainda presa em gaiolas da época colonial?

Como defender causas justas em sistemas atrelados à colonização globalizada e sendo, mesmo ainda, não livre de amarras coloniais e pressupostos patriarcais? A Ceama deve ter consciência dessa responsabilidade pela conversão eclesial, pela “virada descolonial” e, afinal, pela interligação da profecia ecológica com uma pastoral integralmente profética. A Ceama terá a árdua tarefa de libertar a voz profética da “Querida Amazônia”, na qual ela ainda está presa em pressupostos coloniais e patriarcais. Essa árdua tarefa vai muito além da Amazônia. Sabemos que “esta história de sofrimento e desprezo não se cura facilmente. E a colonização não para; embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule, todavia não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente” (QA 16). A abertura social, cultural e ecológica podem ser incentivos externos para acelerar essa purificação colonial e patriarcal interna da Igreja.

Uma participação sacramental e ministerial mais ampla das comunidades eclesiais de base confere mais autenticidade e

coerência à voz profética da Igreja universal em prol dos mais fragilizados. A identidade do catolicismo tem dois eixos: a Palavra de Deus e a celebração da vida cotidiana nos sacramentos. Se negligenciamos ou dificultamos o acesso à vida sacramental, como acontece em muitas comunidades, abrimos o aprisco aos lobos.

Conclusão

Na volta do sínodo tivemos mais perguntas do que na ida. Perguntamo-nos: “Amazônia pós-colonial tem futuro, como sonho sem conversão”? “A vida humana na Amazônia é sustentável além da integração ao sistema capitalista que só funciona com a perspectiva de maximização do lucro em uma sociedade de desigualdades profundas?”

Vejo o Papa Francisco, como representante da Igreja, aos pés de Deus e das comunidades da Amazônia suplicando como o empregado do Reino que pede um prazo para pagar sua dívida (cf. Mt 18,24ss): “Dá-me um prazo. Dá-me um prazo para a reforma da Cúria Romana. Dá-me um prazo para amazonizar o rosto dos bispos, catequistas, líderes e das estruturas da Igreja. Dá-me um prazo e eu pagarei”. Mas

essa promessa parece impagável, a não ser pela generosidade do povo, a misericórdia de Deus e, a longo prazo, pela conversão da própria Igreja e do mundo.

A última pergunta seja do escritor, historiador e humanista Márcio Souza, que nasceu em Manaus, e peregrinou, como Macunaíma tardio, pelo mundo urbano deste país: “Por muitos séculos, o colonialismo e o capitalismo trataram de subdesenvolver a Amazônia, despoando-a na busca de mão de obra, destruindo sua diversidade biológica e fazendo terra arrasada de suas culturas milenares. [...] Para o futuro da Amazônia, não há diferença em criar uma reserva-extrativista ou desmatar a selva para plantar soja; ambas são parte da mesma retórica, da mesma inconsequência. No Acre, reserva extrativista, justamente por não encontrarem mais uma saída factível para seus produtos extrativistas, se voltaram para a criação de gado, aumentando o desmatamento e a pobreza. [...] A preservação da natureza não é exclusiva das sociedades emergentes do terceiro mundo, mas uma obrigação de toda a humanidade. A humanidade merece sobreviver?”²

² Márcio Souza, *História da Amazônia*, Record, São Paulo 2019, p. 357.

Uma participação sacramental e ministerial mais ampla das comunidades eclesiais de base confere mais autenticidade e coerência à voz profética da Igreja universal em prol dos mais fragilizados.

PARA REFLETIR

1. Qual é o impacto que o jejum eucarístico, imposto pela pandemia do Corona Vírus, teve sobre a vida religiosa e nossa ação pastoral?
2. O jejum eucarístico imposto a muitas comunidades da Amazônia está interligado com a “conversão ecológica” do Documento Final (cap. IV) e com o “sonho ecológico” da “Querida Amazônia”?
3. Como uma participação sacramental mais frequente e orgânica na Amazônia poderia ajudar as comunidades na defesa das condições sociais, culturais e ecológicas de sua vida cotidiana?
4. Qual é o caminho que o “Documento Final” do sínodo propõe para transformar as suas propostas em práticas pastorais (cf. DFSA 115)?

RELEITURA DO CARISMA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS CARMELITAS MISSIONÁRIAS DE SANTA TERESA DO MENINO JESUS À LUZ DA TEOLOGIA DA MISSÃO CONTEMPORÂNEA

IR. CECILIA TADA

Resumo

O carisma missionário é a fonte de vida para a fidelidade e perseverança de uma Carmelita Missionária. Contudo, é urgente repensar, à luz da Teologia moderna, o significado inovador do sonho eclesial da Igreja que, provocada pelo Papa Francisco, nos convida a sair às “novas periferias existenciais”. Com este artigo desejo refletir sobre os apelos que as profundas mudanças estão agregando ao nosso modo de compreender, interpretar e agir, segundo o carisma fundacional.

Palavras-chave: carisma, carmelitas, interculturalidade.

Introdução

O presente artigo recolhe, de forma sintética, as pesquisas e as reflexões já feitas ao longo dos anos e tornadas públicas¹

¹ Cfr., Cfr. Madre Maria Crocifissa Curcio. Un dono dello Spirito al Carmelo, Atti del I Convegno, Sassone – RM, 31 ottobre – 3 novembre 1990, a cura della Postulazione; Madre M. Crocifissa Curcio, un dono dello Spirito al Carmelo, Atti II Convegno di studio, Sassone –RM, 24-28 giugno 1994, a cura della Postulazione;

e conhecidas por meio da realização de estudos em grupos, de seminários nacionais, de encontros por regiões e de congressos nacionais e internacionais, bem como as publicações feitas pelas editoras.² Há a tentativa de evidenciar cada vez mais, com maior clareza, o carisma da Congregação herdado dos nossos fundadores madre Crucifixa Curcio e padre Lourenço van den Eerenbeemt.

Beata Maria Crocifissa Curcio fundadora. Donna eucarística e missionária. Ricordi, Biografia e Diario spirituale, (Santa Marinella) 2011; Le fondamenta della Congregazione Suore Carmelitane Missionarie di S. Teresa del B. Gesù – Documentazione storica (volume I, 2014; volume II, 2016; volume III, 2017 e volume IV, 2018); Circolari, Postulazione 2017; Un ‘nuovo’ carisma missionario nel Carmelo: per tutti e per sempre, in Atti del I Convegno Internazionale sul carisma dei Fondatori, Boko, Tanzania 12-16 luglio 2018, a cura della Postulazione; Dispense (ad uso interno) genesi e origine della Congregazione delle Suore Carmelitane Missionarie, (2012); Carisma missionario (2011); Carisma della Congregazione Suore Carmelitane Missionarie S. Teresa del Bambino Gesù (2012).

- 2 Cfr., Tada C., P. Lorenzo van den Eerenbeemt. Fondatore e apostolo dell’amore, Edizioni carmelitane, Roma 2012; Passione missionaria in P. Lorenzo, attualità di um carisma, Edizioni carmelitane, Roma 2014; Profilo umano e spirituale di P. Lorenzo van den Eerenbeemt, in Claretianum ITVC, n.s.6, t.55 (2015) 149-211; Un ‘nuovo’ carisma missionario nel Carmelo: per tutti e per sempre, in Atti del 1° Convegno Internazionale sul carisma dei Fondatori, Boko, Tanzania 12-16 luglio 2018; Apostilas (uso interno) genesi e origine della Congregazione delle Suore Carmelitane Missionarie, (2012); Carisma missionário (2011); Carisma da Congregação das Irmãs Carmelitas Missionárias (2012).

De maneira mais pedagógica possível, objetivamos evidenciar o carisma da congregação lido e relido, individuando de maneira atual e concreta a sua releitura, apresentando as implicações e demandas consequentes, numa tentativa de provocar a definição dos desdobramentos que tudo isso implica para o hoje de nossa história.

Chamadas para evangelizar

Nas constituições de 1925³, os nossos fundadores, madre M. Crucifixa Curcio e padre Lourenço van den Eerenbeemt definiram, de comum acordo, o escopo da nossa congregação que é a Propagação da Fé, termo usado na época, que é o mesmo que dizer: Evangelizar os não cristãos, sobretudo.

O Senhor nos quis como Carmelo missionário⁴ e o nosso carisma é Missão. Chamadas pelo Amor, o nosso empenho é continuar ser a extensão desse amor, que é o mesmo Deus-Amor revelado em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que assumiu a condição humana e que nos deixou um mandato: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura”⁵.

3 Documentazione storica 1900-1925, org. Postulação, Santa Marinella (Rm) 2014, pp. 413-431. Daqui em diante Doc. seguido pelo número do volume e a página.

4 Diretório 1925. Daqui para frente Dir. 1925.

5 Mc 16,15

Esse mandato missionário é explicitado em dois momentos fortes que exprimem a comunhão de intento de nossos fundadores e que nos deixaram registrados.

O primeiro é a Palavra que arde os corações e que desejam marcar como sulcos nos corações das filhas do presente e do futuro, como dínamo a mover a paixão missionária haurindo-a do coração de Deus mesmo, fonte e origem da missão. A Palavra é que orienta, direciona, fortalece, encoraja e desenha a obra para a qual os fundadores recebem a inspiração do Espírito e que bate em unísono os seus corações:

“Quanto ao distintivo da Ordem, o que a senhora acha de uma medalha com Teresa de um lado e com o brasão do outro e as palavras “Ignem veni mittere in terram?”⁶. A senhora me escreva abertamente sua ideia sobre este ponto”⁷. A madre Crucifixa responde: “Quanto ao distintivo da Ordem gostaria de uma medalha, como o senhor diz, de um lado com Teresa e do outro com o Coração de Jesus com as palavras “Ignem etc. etc”, para o emblema, supriria o nosso hábito religioso, eis a minha ideia, porém ficarei satisfeita sempre com o que o senhor achar mais oportuno”⁸. “Vim trazer fogo sobre a terra e como gostaria que estivesse aceso”⁹.

6 “Vim trazer fogo sobre a terra” (Lc 12,49).

7 Carta, 30 maio de 1925 in Doc. I, p. 323. Daqui em diante C.

8 Let., 4 junho 1925 in Doc. I, p. 333.

9 Lc 12, 49

Jesus foi enviado por Deus Pai-Amor para incendiar cada coração vivente pelo mesmo amor de Deus que está nEle. É necessário ser gerado de novo por Deus. É Deus, o Pai, que dá a vida. É preciso incendiar-se do Espírito, pelo fogo divino de amor¹⁰ que é Jesus, para levá-lo a todas as pessoas e a todos os povos. Não é o nosso foco no momento, mas essa citação bíblica sublinhada pelos fundadores merece nosso empenho para se explorar a sua implicação na nossa vida de missionárias.

O segundo é o desenho da estrutura do Carmelo missionário:

“Deus não chama todas à austeridade dos Carmelos de estrita clausura: o Senhor criou outros Carmelos, onde Ele encontra também as suas delícias, pois nestes Carmelos se segue Jesus nos caminhos da Palestina e da Samaria, se deseja imitar Jesus em sua vida apostólica”¹¹. Mesmo que o Carmelo Missionário abrace agora também a mais sublime vida ativa, a vida missionária, não é possível separar o conceito de Carmelo daquele da vida contemplativa e esta vida contemplativa nossas filhinhas a exercitarão aos pés de Jesus eucarístico”¹².

O Carmelo missionário quer ser a superabundância do amor buscado no cultivo da vida interior a exemplo de Maria que esco-

10 Cf. Jo 1,33

11 Dir. 1925, p. 15.

12 Dir. 1925, p. 4.

lheu a melhor parte¹³ e, vivendo intensamente o amor como Maria Madalena que encontra e vê Jesus ressuscitado, para anunciá-lo a todos: “Vi o Senhor”¹⁴. Tanto Maria de Betânia quanto Maria de Magdala foram estímulos na busca do Senhor para Santa Teresinha, nossa Padroeira, que as menciona nos seus manuscritos:

*“Eu sou essa criança objeto do amor providente de um Pai que não enviou seu Verbo para resgatar os justos, mas os pecadores. Quer que eu o ame não porque me perdoou muito, mas porque me perdoou tudo. Não esperou que eu o amasse muito, como santa Madalena, mas quis que eu soubesse o quanto me amou com um amor de inefável providência, a fim de que agora o ame loucamente!...”*¹⁵.

A fonte do carisma missionário é Deus-Amor e o ponto de partida da missão é “fontali amore” seu caritas Dei Patris¹⁶, a ágape divina, que coincide com a pessoa do Pai, é a raiz de um movimento de amor. O Pai é o primeiro missionário¹⁷ e o é porque, no seu livre e misericordioso amor, comunica-se a todos. Esta verdade sobre Deus-Pai revela à humanidade inteira a certeza de tê-Lo ao próprio lado, como aquele que partilha a nossa

vida e acompanha o nosso caminho: mais ainda, esta fidelidade amante do Pai se conota de uma fecundidade singular no dom do Filho e no envio do Espírito¹⁸.

Da concepção de Missão como Missão de Deus que exprime a boa nova que Deus é um Deus para as pessoas, somos convocadas a participar à missio Dei como uma legião de almas eleitas, segundo a expressão dos fundadores: “Entre estas almas eleitas, chamadas a seguir de perto o Redentor nas fadigas do apostolado, deverão fazer parte as nossas Carmelitas”¹⁹.

O espírito missionário é, portanto, o elemento que plasma e unifica todas as expressões e as manifestações do impulso carismático da Congregação. A oração, a vida fraterna, as obras e os serviços apostólicos têm a própria fonte, o dinamismo e a meta na missão.

Esse carisma missionário tem os seus desdobramentos bem definidos pelos nossos fundadores. A missão concebida como anúncio do Evangelho aos não cristãos é universal, sem fronteiras, e os destinatários da missão são todos os povos, os emigrantes e também os indígenas:

13 Lc 10, 42

14 Jo 20, 18

15 Ms C, 39 f.

16 Ad Gentes 2.

17 A. M. Aagard, Mission Dei in Katholischer Sicht, “Evangelische Theologie” 34 (1974), 420-433.

18 Cfr. Colzani G., Teologia della Missione, Edizione Messaggero Padova, Padova 1996; Bosh D.J., La trasformazione della missione, Queriniana, Brescia 1991.

19 Dir. 1925, p. 17.

“Esta obra santa, deverá abraçar o mundo todo, todos os povos, os países de nossos emigrados e também os indígenas”²⁰. A resposta de adesão de madre Crucifixa se fez nestes termos: “encontrei finalmente o Padre na nossa S. Ordem que deseja partilhar o meu grande ideal?![...]Se o senhor se contentar comigo, aceito desde já e respondo: ‘Ecce ancilla Domini’”²¹.

Missão ad gentes, ad extra-ad intra e ad vitam

Pelo carisma herdado dos nossos fundadores, fomos escolhidas para sermos enviadas em missão ad gentes, ad extra-ad intra e ad vitam.

Nossa opção vocacional, de assumir a missionariedade, segundo o nosso carisma original, está implícita e supõe a coragem da missão para a vida toda, numa plena e total disponibilidade para viver o espírito da missão ad gentes no dinamismo da “Igreja em saída”²². E a mobilidade necessária, expressão da sensibilidade à itinerância missionária incentivada e encarnada durante a formação inicial, deve ser assegurada como práxis natural e normal em uma congregação missionária.

20 Cf. C., 23 de junho de 1924 in Doc. I, p. 151.

21 Cf. C., 28 de junho de 1924 in Doc. I, p. 155.

22 EG n. 24.

Missão Ad gentes

O ad gentes exprime a orientação para a evangelização daqueles povos, grupos humanos, contextos sócio-culturais, nos quais Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos, ou nos quais carecem as comunidades cristãs maduras a ponto de encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos.

Em total sintonia com a paixão missionária dos nossos fundadores, também nós somos envolvidas no dinamismo da missão ad gentes, amadurecendo desde o início da nossa vida religiosa uma específica sensibilidade com relação à missão²³, entendida como consciência e atitude missionária que deve abraçar toda a Igreja e todo o mundo²⁴.

A missão ad gentes, ou o primeiro anúncio, é, portanto, a atividade primária da Igreja. Os destinatários desta missão são os povos e os grupos que ainda não conhecem a Cristo, onde a Igreja ainda não pôs as raízes e cuja cultura não foi ainda influenciada pelo Evangelho²⁵.

23 Circular 1953 in Doc. III, p. 99. “O Senhor nos quer fora, nos empurra para fora, chama-nos para uma vida prodigiosamente frutífera. O Senhor exige de nós um esforço: é preciso que nós preparemos um grupo de Irmãs para as Missões”. Daqui em diante Circ.

24 C., 23 giugno 1924 in Doc. I, p. 151.

25 Redemptoris Missio, 33. Doravante: RM

Missão ad extra e ad intra

A missão ad extra constitui, para nós, um modo de precisar o ad gentes. Trata-se do princípio missionário de saída afirmado com clareza pelos nossos fundadores. Alimentamos o desejo de colaborar para a expansão do Reino de Deus entre os povos e de sustentar as iniciativas da Igreja no campo da evangelização em conformidade com o espírito missionário dos nossos fundadores: “O Senhor nos quer fora, nos empurra para fora, nos chama para uma vida prodigiosamente frutífera. O Senhor exige de nós um esforço: é preciso que preparemos um grupo de irmãs para as Missões”²⁶.

Sabemos que, hoje, para dedicar-se à missão ad gentes, poderia não ser necessária a saída do próprio país, todavia, assumimos como característica fundante e essencial da nossa vocação, conscientes de que a partida geográfica não é um fim em si mesma, mas é orientada à promoção da causa missionária como exprimem os nossos fundadores:

“Para as missões nós não obrigamos ninguém, antes exigimos uma total liberdade de partir. A messe é pronta: e se os ceifeiros estão prontos, onde estão as ceifeiras? Recordem-se: Padre e Madre devem à Java o desejo de formar a nossa

26 Circ., 1953 in Doc. III, p. 99..

Congregação. Como nós, Padre e Madre, poderemos fechar todos os dois olhos tranquilos para a eternidade se antes não virmos assegurada além daquela do Brasil, também a missão de Java? Ajudem-nos, boas irmãs, para esta finalidade, e aí veremos florescer as vocações em toda parte, o que para nós será o sinal, o selo visível do beneplácito divino sobre a Congregação”²⁷.

Segundo os nossos fundadores, todas as irmãs são chamadas às missões, pois elas aceitaram entrar em uma Congregação missionária. Portanto, devem viver deste espírito missionário mesmo não sendo obrigadas a sair da Pátria²⁸. O Diretório de 1925 previa o empenho missionário também para as irmãs que permanecessem na própria pátria, a viver intensamente a comunhão e a participação:

“as irmãs que, por disposição dos Superiores, são destinadas a permanecer nos países de origem, enquanto de uma parte serão responsáveis em promover em si mesma e nos outros o espírito missionário com a oração e a palavra, encontrarão uma ocupação santa e útil para gastar santamente o tempo após ter cumprido as próprias obrigações para com Deus”²⁹.

O conceito de missão abraça outras realidades já evangelizadas como as Américas, com atenção aos migrantes em estado de abandono e também

27 Ibid.

28 Circ., julho de 1947 in Doc.III, p. 45.

29 Cfr. Dir.1925.

aos indígenas. Neste sentido, o Instituto deveria prestar a sua colaboração para o amadurecimento das jovens Igrejas e especialmente para promover sua efetiva participação na evangelização dos não cristãos dentro e fora de seu território.

Missão *ad vitam*

A expressão *ad vitam*³⁰, traduzida por toda a vida, evidencia a totalidade do nosso empenho, a generosa disposição interior que não conhece condicionamento ou limitação. Em qualquer lugar ou serviço onde nos encontrarmos, faremos convergir a missão toda a nossa atividade e a ela nos doamos por toda a vida, oferecendo sempre o melhor de nós mesmos.

Explicitação do carisma

Sendo mulheres, evangelizar de que maneira? Como levar a força transformadora do Evangelho a todos os povos? Como e de que maneira continuar a missão de Deus que é comunicar o amor, realizando, concretamente, nos ambientes onde atuamos, a prática de Jesus Cristo que, durante a sua vida terrena, realizou tão somente a vontade do Pai?

O artigo I das constituições de 1925 continua: “mediante as

³⁰ Ad Gentes, 24.

obras de atividade missionária, especialmente aquelas referentes à educação das jovens do povo e particularmente da infância abandonada”.

Já nos primeiros acordos com a madre Crucifixa, padre Lourenço expunha uma das condições fundamentais para a vida do Carmelo missionário dizendo: “que nas constituições, não se limitasse a obra das Irmãs a uma específica atividade, como p.e. a escola, mas a todos os trabalhos aos quais deverão adaptar-se as missionárias”³¹.

De fato, na tradição da Congregação, as missionárias se fizeram portadoras do amor de Deus. Expressaram este amor que tem origem em Deus por uma ação que beneficia as pessoas. Na origem da família religiosa, as comunidades dedicaram-se às obras sociais voltadas ao atendimento das crianças, jovens e adultos em vista da promoção humana. Voltaram-se também à área da educação por meio de abertura de escolas. Dedicaram-se à prestação de serviço à saúde da população com ambulatórios e serviço hospitalar por meio da enfermagem. Mas o foco mesmo foi voltado para obra missionária através da catequese e outras iniciativas missionárias.

A Congregação seria representada por um leque bem amplo,

³¹ Cf. C., 23 de junho de 1924 in Doc. I, p. 151.

composto pela multiplicidade de dons e de talentos, , segundo a própria capacidade e tendência, seriam úteis na missão evangelizadora, oferecendo a sua contribuição no serviço junto aos pobres, como educadoras, enfermeiras, catequistas, professoras, dentistas, médicas, advogadas etc.

As missionárias não deveriam limitar-se a ser somente profissionais, mas utilizar a própria especialização na área para estar com as pessoas, para servi-las e procurar comunicar a todos o Deus Vivo, que é a razão de ser da vida de todos os homens e mulheres. Por isso, os fundadores insistiam: a missão da irmã não se esgota em dar lições de ginástica, de música, de matemática, de literatura, mas estando junto dos jovens e crianças, o seu objetivo último é de transmitir a eles o conteúdo mais bonito da vida, aquecendo o coração deles com o amor de Deus³².

No campo da atuação as irmãs seriam especialistas em promover a comunhão, a reconciliação e a solidariedade. Para este fim as irmãs devem ser preparadas espiritualmente, humanamente e culturalmente, porque o serviço de evangelização deve objetivar sempre a promoção integral da pessoa.

São tantas possibilidades que a missionária encontra para

32 Cfr. Circ., outubro 1968 in Doc. III, p. 217.

instaurar uma relação de mãe, irmã e amiga de modo que as pessoas possam sentir-se sustentadas pela solidariedade e comunhão que provêm do coração amoroso de Deus. Por isso insistem que todas as ações devem ser marcadas pela caridade. E os fundadores explicam o que entendem por missões:

“A palavra ‘missionária’ abraça todas as possíveis atividades filantrópicas, sociais, marcando todas com a caridade de Cristo. Justo, portanto, este pensamento: a missionária deve prodigar-se em todas as atividades necessárias na missão. Quanto à regra, em particular será a Superiora geral que pensará em encaminhar cada Irmã a um certo tipo de trabalho ao qual é naturalmente propensa, e eis que em prática já se encaminha para o bem de todas”³³.

Comunidade pluricultural e exigência da interculturalidade

O Carmelo missionário que tem início no dia 3 de julho de 1925, reunindo o pequeno núcleo de Modica e o de Roma em Santa Marinella por caminhos misteriosamente misericordiosos da Providência³⁴, passados alguns meses, acolhe também vocações provindas de outros países. Os fundadores procuraram dar um rosto missionário

33 Circ. 1948 in Doc. I, p. 61.

34 Circ., julho 1947 in Doc. III, p. 45.

ao primeiro grupo. Não queriam desde o início o caráter da monoculturalidade.

A Congregação nascia em uma determinada cultura, mas deveria ter se constituído desde o início como um grupo internacional. Uma congregação missionária deve nascer já internacional, porque o grupo, qualquer que seja a origem, deveria tomar consciência da diversidade. O grupo missionário deve aprender a conviver com o diferente e, a começar do núcleo inicial, deveria fazer a experiência da exigência da interculturalidade, porque os membros deveriam ser preparados para enfrentar os desafios das realidades diversas.

O esforço de constituir um grupo internacional, segundo os critérios da compreensão de missão dos fundadores, era o de ajudar as pessoas a livrar-se das categorias monoculturais³⁵, evitando o risco de fechamento numa única cultura e tradição. Para os fundadores, quem se fecha na própria cultura e tradição não será jamais um verdadeiro missionário, porque o próprio

³⁵ A monocultura, no nosso caso, seria aplicada à comunidade que se constitui de uma única cultura, isto é, comunidade feita só de irmãs italianas ou de brasileiras. Uma Congregação missionária deveria preocupar-se em constituir comunidades internacionais e todas as Irmãs deveriam fazer a experiência de interculturalidade fora do próprio país.

fechamento não permitirá jamais compreender o “espírito” de outros países para integrar-se e viver a comunhão.³⁶

No ideal dos fundadores, a proclamação dos valores do Evangelho comporta a necessidade de sinal de unidade e de reconciliação nos lugares, raças e culturas, conforme um princípio educativo fundamental que é o da unidade na diversidade. O processo de encarnação é feito no interior do próprio grupo multicultural, em que cada membro deve despojar-se do próprio “EU”, tradição e cultura, para formar o “NÓS,” plural na unidade.

Inculturação

A abertura à universalidade não foi uma conquista fácil para a Igreja, mesmo tendo passado pela metanóia, isto é, pela mudança, sobretudo, de mentalidade segundo inspirava o Espírito por meio dos sinais do tempo. De fato, se pensarmos no início do cristianismo, alguns pontos constituíram problemas que colocaram a comunidade de Jerusalem em crise, levando a posição antagônica de Pedro e Paulo. O nome desse problema é inculturação. É possível colher o segredo disso, se pensarmos no carisma como fermento ou sal misturado na massa, seja de grão

³⁶ Cf. C., Holanda 13 de outubro de 1937 in Doc. II, p. 209.

de centeio ou outro, cuja função não é a de mudar a massa, mas de fermentá-la e dar-lhe sabor.

“Para uma autêntica inculturação, são necessárias atitudes semelhantes às do Senhor, quando, com amor e humildade, encarnou e veio habitar entre nós. Neste sentido, a vida consagrada torna as pessoas particularmente preparadas para enfrentar o processo complexo da inculturação, visto que as habitua ao desprendimento das coisas e até mesmo de muitos aspectos da própria cultura. Aplicando-se com estas atitudes ao estudo e à compreensão das culturas, os consagrados podem discernir melhor nelas os valores autênticos e o modo como acolhê-los e aperfeiçoá-los com o auxílio do próprio carisma”³⁷.

Missão como encarnação na realidade

Não separar o social do religioso

Na origem da missão está Jesus, o enviado do Pai: “Como o Pai me enviou, assim eu vos envio.³⁸ A experiência de itinerância de Abraão “Sai da tua terra”, ou vai além dos oceanos, é parte da experiência missionária de Padre Lourenço e de madre Crucifixa e, portanto, insistem: “as missões serão a “pedra” de prova para o nosso Instituto”.³⁹

³⁷ VC,79.

³⁸ Jo 20,21

³⁹ Circular, julho 1947 in Doc. III, p. 45.

Pela experiência que as Irmãs fizeram em Santa Marinella, nos inícios da fundação, temos um critério que indica a compreensão dos fundadores em relação à missão como inserção no ambiente e na situação missionária do lugar. A solidariedade, a partilha, a compreensão e a ação no início da fundação, tornou possível a inserção das Irmãs na realidade do lugar que facilitou o critério de não separar, na ação apostólica, o social do religioso.

Colaborar com a Igreja local e os Institutos missionários

Evocamos uma expressão indispensável na missionariedade, que é o caráter da consciência eclesial, isto é, a consciência de que não somos cristãos sóz, um gueto isolado, mas inseridos na Igreja, a comunidade dos chamados, a família dos filhos de Deus, povo de Deus.

As missionárias devem trabalhar em colaboração com a Igreja local e os institutos missionários. Quando o Padre Lourenço, já idoso, seguia de perto as mudanças tanto da sociedade quanto da Igreja com o evento do Concílio Vaticano II, agradecendo a Deus pelo Decretum Laudis da Congregação, continua a missão de motivar as Irmãs a não pararem jamais no caminho iniciado e diz:

*“E então? Devemos repousar sobre os nossos “louros”? Não, não, minhas queridas irmãs: é nosso dever ajudar a Igreja nos grandes objetivos de evangelizar o mundo! Grandioso movimento mundial para sacudir as almas e convidá-las para reconhecer e entrar na Igreja Católica”.*⁴⁰

Padre Lourenço segue de perto uma nova era para a Igreja e para o mundo, sobretudo com o Concílio Vaticano II. Permite-nos entrever que tipo de colaboração com as Igrejas locais e com os Institutos missionários ele pensava:

*“Missionárias do Crucificado! Vocês são e devem permanecer missionárias: o objetivo da Congregação é a vida missionária. Faz bem e é bom ajudar os Padres Missionários nas necessidades materiais deles, mas é melhor, cem, mil, milhões de vezes, ajudá-los na vida missionária: ensinando a todos e todas o caminho do Senhor”.*⁴¹

Se, no início da fundação, Padre Lourenço contentava-se com as atividades desenvolvidas pelas irmãs como sacristãs para cuidar dos vasos, das alfaias da Igreja, da cozinha para os padres ou ocupar-se com a catequese das crianças, percebe-se no final que a hora é chegada para lançar as Irmãs para as águas mais profundas dizendo: milhões e bilhões de vezes, melhor ajudar os Padres Missionários na vida missionária deles, ensinando a todos e todas

40 Circ., dezembro 1963 in Doc. III, p. 192.

41 C. sem data (se supõe 1962) in Doc. IV, p. 149.

o caminho do Senhor. Essa passagem é muito importante para compreender o grau de preparação espiritual e cultural que desejava o nosso fundador.

Necessária preparação das Irmãs para uma efetiva colaboração

Desde o início do Instituto, o Padre Lourenço reafirmou a exigência da necessária preparação e formação das Irmãs,⁴² não perdendo jamais a oportunidade de convocá-las para a urgência desta necessidade:

*Escrevo estas poucas linhas para estimulá-las sempre mais na vida apostólica missionária: recordem-se que, sem instrução, não lhes será possível ir avante, portanto as jovens irmãs devem fazer o possível para obter diplomas. Como é quase impossível que da Itália partam com os diplomas, que hoje em dia se exigem em todas as nossas casas, é necessário que vocês pensem com as jovens noviças e com as aspirantes. Aumentem as jovens vocações e as preparem todas para os estudos superiores.*⁴³

Já em 1960, o nosso fundador percebia as grandes mudanças da sociedade no mundo moderno. Insistiu na preparação e na formação das irmãs desde o início da fundação, como uma necessidade premente para saberem enfrentar os desafios da missão.

42 Circ., 1962, in Doc. III, p. 185.

43 C., sem data (supõe-se de 1962) in Doc. IV, p. 149.

Os sinais do tempo indicados na transformação do pensamento moderno levam-no ainda mais a insistir sobre a necessária preparação cultural:

Recordem-se da nossa missão: “a educação da juventude”. Nos tempos modernos exige-se muito estudo e uma boa preparação cultural. Portanto, quem for chamada para o estudo não perca tempo, mas se dedique com consciente responsabilidade e seja assim de ajuda para desenvolver santamente a nossa grande missão sobre a terra.⁴⁴

Segundo o nosso fundador, as irmãs missionárias que se encontram a serviço do povo de Deus, nas diversas situações e contextos, devem conhecer a linguagem do mundo em que vivem e, para isso, ele insiste na preparação não somente de si mesmas, mas da juventude com a qual se ocuparão:

Recordamos, porém, todas as nossas irmãs que nos dias de hoje, mais do que no passado, precisam ser instruídas também nas ciências profanas, portanto é preciso fazer de tudo para que as jovens irmãs consigam uma cultura, também superior, para poder abrir escolas de todo tipo, hoje urgem também os Institutos religiosos. Uma boa instrução é, hoje em dia, uma necessidade, e nós na nossa experiência, constatamos que uma justa ciência das coisas naturais ajuda muito na formação espiritual das irmãs.⁴⁵

Para as irmãs responsáveis pelas comunidades, o nosso Fundador tinha sempre uma palavra para estimulá-las a enfrentar com coragem diversas situações, como também para saber gerir com sabedoria, para que as estruturas ou a condução da vida comunitária e a realização das missões fossem voltadas sempre para o proveito da Igreja e de todos: “Seja um pouco mais aberta às idéias e às iniciativas, olhe para a finalidade das missões e encaminhe todas as atividades para este fim, não deixando, porém, a oração e os atos da comunidade”⁴⁶.

As responsáveis pelas comunidades deixam um apelo: “Recomendamos, porém, não esterilizar a vida espiritual das irmãs, encerrando-as numa externalidade estreita de um pietismo inativo e desanimador. Sejam, ao invés, as primeiras a avançar, com prudência e verdade, à sublime conquista das almas”⁴⁷

A missionária deve alargar a consciência missionária que exige superar a mentalidade eclesial do “cuidado das almas”. Nesse momento percebemos que não existem mais “almas”, mas pessoas. Pessoa que é uma realidade complexa na sua irrepetibilidade, unicidade e individualidade, que é relação. A pessoa na

44 Circ., 1960, in Doc. III, p. 171.

45 Circ., 1962 in Doc. III, p. 185.

46 C., S. Marinella 27 julho 1949, in Doc. IV, pp.229-231.

47 Circ., Natal 1960 in Doc. III, p. 171.

sua totalidade é sujeito e objeto da evangelização. A realidade complexa não pode ser levada em consideração apenas com a boa vontade. É o grito de Padre Lourenço que ecoará ao longo da história da Congregação:

“Primeira e suprema lei espiritual para as Irmãs é ter uma boa instrução civil e religiosa, portanto pedimos-lhe acolher com afeto as nossas palavras e de ajudar nos estudos das aspirantes, as postulantes, no noviciado e fora dele. Consigam diplomas, consigam diplomas, consigam diplomas. Compreendo que as irmãs mais idosas terão dificuldades para adequar-se a este programa. Mas eu lhes peço vivamente, calorosamente, insistentemente ajudar esta nossa pequena barca para os estudos, também os mais altos: por que não? Sejam assim, lhes peço, lhes rogo, de estar de acordo conosco: ajudem a juventude a estudar”⁴⁸.

Os destinatários principais da missão – a juventude e os pobres

Um aspecto relativo ao Carisma, que sublinhamos, é o estilo com o qual é preciso administrar as obras. O artigo 1º do capítulo 12 (1925) diz, “não se aceitarão escolas senão aquelas destinadas aos filhos do povo mais pobre”. Emerge aqui a atenção da Congregação à juventude mais pobre e marginalizada e

⁴⁸ C., Sem data in Doc. IV, p.149. Pelo contexto supõe-se seja de 1962. A frase foi sublinhada por Padre Lourenço.

esta conotação deveria caracterizar o apostolado educativo da Congregação.

Desde a comunidade cristã primitiva,⁴⁹ era clara a consciência de que entre os membros da comunidade não deveriam existir formas de pobreza, porque elas teriam desmentido a verdade da fé cristã.

O carisma missionário, que deve ser traduzido no serviço, é serviço da caridade, empenhando-se para eliminar toda forma de pobreza, ou, como diríamos hoje, procurando remover as causas da pobreza. Trata-se de um empenho que não pode ser visto como simples “atividade”, e sim como “vocação”. Por isso, o nosso compromisso é vinculado à causa da justiça, da paz, dos direitos humanos e à defesa da integridade do Criador. Somos levadas a colaborar com pessoas e grupos que visam o bem comum, com atenção voltada às pessoas e à própria maturação.

Na exposição feita ao Cardeal Vico, Padre Lourenço sublinha como seria a vida missionária:

“Alimentando há muito tempo um vivo desejo pelo bem das almas, quis empreender, juntamente com as nossas Terceiras Carmelitas Regulares, a fundação de um Instituto dedicado à santa carmelita, Santa Teresa do Menino Jesus cujo objetivo teria sido a vida

⁴⁹ cf At 2, 44-45; 4, 32-37

missionária, não somente nas missões propriamente ditas mas também no nosso Continente. Esta vida missionária se desenvolveria especialmente em favor da juventude abandonada ou pobre, por meio do catecismo e escolas de trabalho".⁵⁰

Um outro elemento para reforçar e encontrar o gancho para discenir os destinatários da missão nos oferece ainda uma outra exposição motivando a razão de ser do Instituto:

No futuro deseja atender em modo especial à Direção de Creches e Trabalhos manuais, à educação da juventude abandonada, procurando de bom grado os pequenos centros e bairros mais necessitados de ajuda espiritual.⁵¹

A juventude é uma opção fundamental para a Congregação desde o início do diálogo de Padre Lourenço e Madre Crucifixa que teve início em 1924. Se Madre Crucifixa desenvolvia atividade de assistência às crianças e às jovens infratoras. Segundo Padre Lourenço, nas missões dever-se-iam privilegiar jovens necessitados de formação e em uma idade que consolida a personalidade. Fazendo uma releitura da sua vida aos 64 anos, Padre Lourenço, recordando a sua idade juvenil, constata a importância do influxo não só da família, mas sobretudo da

50 Exposição apresentada ao Card. Vico, 23 maio 1925 in Doc. I, p.309

51 Exposição ao Cardeal Boggiani, 8 setembro 1929.

Igreja e das escolas: Agradeço ao Senhor porque além da boa escola tida pelos Lassalistas, a minha família deu-me exemplo de religião, não faltando jamais naqueles anos juvenis à Santa Missa.⁵²

O objetivo do Instituto foi recordado continuamente sempre, sem parar:

O objetivo do Instituto é de acolher a juventude, não somente para instruí-la, mas especialmente para acender nos corações dos pequenos e dos grandes um amor sem limites. Justo e santo é trabalhar pela juventude, mas nós temos um objetivo que supera todos os outros: amar, amar, amar profundamente Jesus.⁵³

As Irmãs eram convidadas a estar com os jovens, fazerem-se jovens com eles, mas com um objetivo muito preciso. O objetivo da Congregação não acaba nas obras: escolas, oficinas de ocupações múltiplas etc. O envolvimento das irmãs com as crianças e os jovens não acaba na relação formal de professoras, de monitoras, assistentes ou ainda de diretoras. No programa a desenvolver de acordo com a legislação educacional do país, a religiosa tem um objetivo, uma missão muito particular que é a razão de ser Carmelita Missionária:

52 Ms a, p. 11.

53 Circ., 1968, in Doc. III, p. 215.

Vocês têm uma vocação divina: trabalhar as almas com amor a Jesus e a Nossa Senhora. Procurar o modo de atrair a juventude não somente para educá-la, mas para guiá-la no caminho do céu! Trabalhem portanto com o ideal de levar para o céu as almas confiadas aos seus cuidados. Tenham facilidade de chegar nos corações dos pequenos inculcando o pensamento de um Deus Bom, procurando fazê-los compreender a bondade de Jesus e de Maria, preparando os jovens para escolher o estado de vida segundo a vontade divina! Este trabalho é difícil, mas com a ajuda do Senhor vocês podem fazer muito e muito bem.⁵⁴

A modo de conclusão

Em força do Carisma missionário, as Irmãs Carmelitas são chamadas a realizar o grande desejo de S. Teresinha: a conversão do mundo inteiro. A expressão “conversão do mundo inteiro” é referida pelos fundadores para significar a paixão missionária da Santa de Lisieux: “amar Jesus e fazê-lo amado” por todos, para que o Reino de Deus se expanda no meio dos homens. Significa conhecer Jesus, o Enviado do Pai, pois que somente em Jesus todos podem encontrar a salvação; “pois não há, debaixo do céu, outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4, 12). Tornar-se essencial as apóstolas do amor para continuar

a realizar o desejo missionário de S. Teresa do Menino Jesus, de fazer com que todos amem o bom Deus como ela O amou. Torná-Lo conhecido e amado no rosto de Deus, revelado no Filho Jesus, é a missão das Irmãs Carmelitas Missionárias na Igreja e no mundo.

O tema da missionariedade é um tema que continuará sempre aberto na história da salvação, que continua a acontecer em cada tempo e em cada lugar, conduzido pelo Espírito, cabendo a nós estarmos sempre abertas em uma atitude de grande humildade para que, iluminadas pela luz desse mesmo Espírito, possamos captar os sinais dos tempos para obtermos a graça do discernimento.

São Paulo, 21 de abril de 2010.

⁵⁴ Circ. Páscoa, 1966 in Doc. III, p. 207.

FRATELLI TUTTI: OU NOS SALVAMOS TODOS OU NÃO SE SALVA NINGUÉM

PE. RONALDO ZACHARIAS, SDB¹

Resumo

Muito aguardada, como necessária palavra profética para toda a sociedade e preciosa contribuição para a Doutrina Social da Igreja, a encíclica Fratelli tutti parece não ter sido recebida pela sociedade como um todo e pelas Igrejas particulares com a mesma expectativa com a qual foi esperada. Sendo um convite a amar para além das fronteiras, a encíclica

veio à luz num momento de muita controvérsia provocada pelo documentário Francesco – dirigido por Evgeny Afineevsky. O documentário – reduzido pela imprensa a uma afirmação de Francisco sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo – fez emergir um grande mal-estar na Igreja, animado, sobretudo, pelos opositores de Francisco. O Papa não podia ter ousado ampliar o convite a amar para além das fronteiras para o campo da sexualidade e, por isso, devia ser ignorado. Tal sentimento de rejeição atingiu a nova encíclica. As verdades ditas por Francisco, na Fratelli tutti – muitas delas

1 Pe. Ronaldo é salesiano de Dom Bosco. Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos (Ius Gentium Conimbrigae - Universidade de Coimbra), Doutor em Teologia Moral (Weston Jesuit School of Theology – Cambridge, USA) e Secretário da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM). Texto publicado no site IHU, 11/11/2020.

extremamente incômodas para aqueles que não querem “ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade (...) para construir pontes, abater muros, semear reconciliação” (276) –, parecem não ter tido a força do impacto que poderiam ter e, por isso mesmo, precisam ser resgatadas. O artigo que segue quer ajudar as pessoas de boa vontade e os membros da comunidade eclesial a não desprezarem a lógica que rege todo o documento de Francisco, mesmo por parte daqueles que tenham dificuldade em apreciar suas palavras: a lógica que inspira a dizer até mesmo as verdades mais duras para substituir por pontes os lugares e os discursos “protegidos” por muros intransponíveis.

Palavras-chave: Papa Francisco, Fratelli Tutti, pandemia.

A contribuição de Francisco num horizonte nada animador

Para compreendermos a mensagem de Francisco à Igreja e ao mundo, precisamos ter presente o horizonte no qual ele se situa quando escreve a encíclica Fratelli Tutti. O horizonte é de um mundo altamente instável,

aterrorizado pela possibilidade de uma terceira guerra mundial, sem dar-se conta de que ela já está acontecendo “por pedaços” (25) e fazendo, portanto, suas vítimas e seus estragos. O horizonte é de medo: medo de tocar com as mãos e ter de lidar com “o abismo do mal” que pode ser encontrado “no coração da guerra” (261); medo do outro e do que ele possa fazer para proteger os seus bens e dar fim a quem os ameaça; medo de ver-se sozinho na luta contra a fome, a sede, a destruição da casa comum, a violência, a barbárie e na luta por terra, saúde, moradia, emprego; medo de ficar só e de morrer sozinho.

Durante a escrita de Fratelli tutti, a tragédia mundial provocada pelo coronavírus e pela covid-19 desnudou, sem nenhum pudor, a gigantesca disparidade econômica entre pobres e ricos, a indiferença globalizada com os mais vulneráveis, a exaltação doentia do nacionalismo, o negacionismo científico, a sujeição do humano à economia e às leis do mercado, as várias modalidades de manipulação, deformação e ocultamento da verdade nas esferas pública e privada, o uso político do destino das pessoas e da humanidade. O horizonte de incertezas, medos, angústias, ansiedades ampliou-se. Nesse contexto nada animador, porém, vimos aflorar, também, sem nenhum pudor, gestos em defesa

Durante a escrita de *Fratelli tutti*, a tragédia mundial provocada pelo coronavírus e pela covid-19 desnudou, sem nenhum pudor, a gigantesca disparidade econômica entre pobres e ricos, a indiferença globalizada com os mais vulneráveis, a exaltação doentia do nacionalismo, o negacionismo científico, a sujeição do humano à economia e às leis do mercado, as várias modalidades de manipulação, deformação e ocultamento da verdade nas esferas pública e privada, o uso político do destino das pessoas e da humanidade.

da dignidade humana e da promoção dos direitos humanos; atitudes de solidariedade e fraternidade; iniciativas criativas para servir o outro e para sobreviver; lições de partilha, abnegação, doação; histórias concretas de amor que foram capazes de vencer a morte. Cresceu em toda a humanidade a convicção de que estamos todos no mesmo barco e que o destino de um influencia o destino de todos. Um vírus foi o suficiente para pôr em cheque o sentimento de onipotência de pessoas, instituições e nações que acreditavam que nunca seriam derrubadas dos seus tronos.

É situado nesse horizonte que Francisco se dirige à Igreja e ao mundo. Animado pela fé, ele acredita que, juntos, podemos edificar um projeto que não apenas abra à esperança de um mundo melhor, mas que “seja” esperança para aqueles que estão a ponto de sucumbir ou resignar diante do cenário atual. Sem se deixar intimidar, Francisco propõe uma renovada fraternidade e amizade social entre os povos e as pessoas. Ele sabe que, no contexto em que vivemos, não basta sermos solidários; é preciso que sejamos fraternos. É a fraternidade que nos torna reciprocamente uns responsáveis pelos outros. Se a solidariedade pode reduzir-se a uma atitude emergencial e não provocar qualquer mudança interna nas pessoas, a fraternidade resulta do fato de as pessoas não poderem mais fundar suas vidas sobre as coisas, mas sobre as relações que mantêm umas

Sem se deixar intimidar, Francisco propõe uma renovada fraternidade e amizade social entre os povos e as pessoas. Ele sabe que, no contexto em que vivemos, não basta sermos solidários; é preciso que sejamos fraternos. É a fraternidade que nos torna reciprocamente uns responsáveis pelos outros.

com as outras. A fraternidade não só provoca mudança interna nas pessoas, mas resulta de tal mudança, pois o sentimento de irmandade resulta carregado de amor e, assim, caracteriza-se por um modo de pôr-se diante do outro que gere relações de reciprocidade.

Francisco propõe à Igreja e ao mundo uma série de iniciativas capazes de dar um novo rumo à humanidade. Se tais iniciativas serão assumidas, é difícil prever. Mas que elas incomodarão as consciências, questionarão atitudes hipócritas e desmascararão a indiferença diante da gritante necessidade de irmãos e irmãs que sofrem, não resta a menor dúvida. O Papa tem consciência de que no centro de qualquer renovação devem estar a força do Evangelho e a abertura ao Espírito. A sua voz profética entra nesse cenário apenas como mais uma oportunidade que nos é oferecida para, no seguimento ao Filho, deixarmos-nos provocar por Deus e pelos apelos que provêm da realidade concreta, no qual atua o seu Espírito.

Acusações levianas feitas a Francisco por causa da Fratelli tutti

O Papa Francisco tem sido acusado de ter “abandonado o terreno seguro da doutrina social”,

de ter “renunciado à identidade cristã e católica”. Chegaram até a afirmar que Marx, Lenin e Mao são mais moderados do que Francisco; que Francisco visa acabar com Deus, com a Igreja e com a cristandade como os conhecemos até agora. Pois bem, parecem-me afirmações próprias de uma espécie de arrogância perversa, resultantes de perspectivas ideológicas que, inescrupulosamente, semeiam a divisão e o ódio. Revestidas com o manto de pretensa fidelidade à tradição, tais afirmações são próprias de quem considera ter o domínio do Espírito e se lamenta quando não consegue controlar como, quando e onde Ele sopra (Jo 3,8). Sabemos que Fratelli tutti não caiu do céu nem resulta do capricho de um papa latino-americano. Ela parte e aprofunda o Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum, assinado por Francisco em Abu Dhabi, com o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, de Al-Azhar (04.02.2019). Tanto o Papa quanto o Grande Imã estão convencidos de que da fraternidade religiosa pode surgir uma fraternidade universal, um movimento de paz, capaz de transcender as nações. Tal movimento, para ambos, deve ser acompanhado de uma “revolução cultural”, de uma “nova cultura”, da “cultura do encontro”, único caminho

capaz de superar as dialéticas que jogam uns contra os outros. E não podemos ignorar que Francisco fez questão de mencionar ter acolhido “numerosas cartas e documentos com reflexões” que recebeu “de tantas pessoas e grupos de todo o mundo” ao longo desses anos (5). Ele já deu inúmeros testemunhos sobre o método que prefere seguir quando se trata de discernir os rumos da Igreja.

Francisco é, ainda, acusado de “ser comunista e querer implantar no mundo um projeto comunista”. Antes mesmo da publicação da *Fratelli tutti*, ele era chamado de comunista. E isso se deve ao fato de ele procurar conformar-se profundamente aos sentimentos e às ações de Jesus Cristo. É uma grande ironia: o Espírito suscitou na Igreja um Papa que personifica o Evangelho e isso causa estranheza e revolta, como se ele não devesse ser assim. Quanto à *Fratelli tutti*, acusam-na de ser um hino ao comunismo ao abolir o direito à propriedade privada. Não tem sentido tal acusação! Os arautos da fidelidade à tradição não se dão conta de que Francisco nada mais fez do que resgatar a tradição da Igreja nesse campo. Para Francisco, o direito à propriedade privada não é absoluto ou intocável, mas tem uma função social que lhe é inerente (120). Trata-se, como ele

mesmo afirma, de um “direito natural secundário e derivado do princípio do destino universal dos bens criados” (120) que não raras vezes se sobrepõe ao direito primário – mais importante e antecedente – da destinação universal dos bens, fazendo com que este fique sem relevância prática. Para Francisco, “ninguém pode ser excluído” (121). Chamá-lo de “comunista” porque ele afirma a subordinação de toda propriedade privada ao destino universal dos bens da terra e porque ele estende esse princípio aos países, aos seus territórios e aos seus recursos, é muito conveniente – embora desonesto – para quem insiste em construir muros, fechar fronteiras e negar acolhida aos imigrantes, como se o fato de ter nascido aqui ou ali não fosse um mero acaso.

Diante de algumas tendências muito perigosas é preciso que o amor faça estrada

No primeiro capítulo da encíclica – *As sombras de um mundo fechado* – Francisco apresenta um quadro sombrio formado por tendências que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal. Todas são tão realistas e preocupantes que se torna difícil não considerá-las em unidade. No entanto, gostaria de

destacar duas delas: o ressurgimento de nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos e o descarte mundial de parte da humanidade como expressão atual e dissimulada de racismo. Justifico: a meu ver, não se trata apenas de tendências, pois estamos testemunhando tais realidades com todos os conflitos e medos que fazem aflorar. Já não conseguimos mais dialogar em vista de um projeto comum para o desenvolvimento de toda a humanidade; já não nos incomodamos diante da banalização do mal, a ponto de nos tornarmos cúmplices dele.

Com a *Fratelli tutti* – uma encíclica sobre o amor fraterno entendido “na sua dimensão universal, na sua abertura a todos” (6) – Francisco tenta responder às “várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros” (6). Francisco propõe a todas as pessoas de boa vontade uma forma de amar que transcenda qualquer tipo de barreira e edifique o que ele chama de “fraternidade aberta” (1), isto é, uma fraternidade que acolhe e ama todos, independentemente de estar aqui ou ali ou ter vindo de lá ou acolá. Surpreendido pela pandemia que assolou o mundo, Francisco foi capaz de captar as angústias do momento atual e fazer com que o anseio mundial de fraternidade não apenas fundamentasse, mas perpassasse

Francisco propõe a todas as pessoas de boa vontade uma forma de amar que transcenda qualquer tipo de barreira e edifique o que ele chama de “fraternidade aberta” (1), isto é, uma fraternidade que acolhe e ama todos, independentemente de estar aqui ou ali ou ter vindo de lá ou acolá.

toda a sua encíclica como fio condutor e unificador de “um novo sonho de fraternidade e amizade social” (6). Não é por acaso que Francisco escolheu a parábola do Bom Samaritano para ilustrar o que entende por amor fraterno: o amor, quando autêntico, não se pergunta de onde o outro vem (62), mas reconhece que pode assumir como própria a fragilidade do outro, fazendo-se próximo, decidindo colocar-se no caminho do outro. E é justamente no capítulo segundo – Um estranho no caminho – que Francisco nos brinda com preciosas pérolas: “viver indiferentes à dor não é uma opção possível” para o cristão (68); a sociedade que “procura construir-se de costas para o sofrimento” está enferma (65), mesmo que disso não tenha consciência.

Porque criado com amor e para o amor, o ser humano traz em si uma “lei de ‘êxtase’: sair

de si mesmo para encontrar nos outros um acréscimo de ser” (88). Francisco sabe que o amor precisa de rostos concretos e, portanto, não é autorreferencial; que ninguém pode realizar-se, desenvolver-se, encontrar sua plenitude, reconhecer sua própria verdade sem fazer-se dom de si mesmo aos outros (87); que amar significa centrar a atenção no outro e, portanto, procurar o seu bem gratuitamente (93). Os ensinamentos de Jesus – cujo cerne é a unidade entre as dimensões vertical e horizontal do amor – deram vida e sustentaram as primeiras comunidades cristãs e sustentam a Igreja até hoje. O amor – como abertura, doação e serviço ao outro – foi e é o rosto dessas comunidades, assim como foi e é o caminho percorrido por elas. Para Francisco, “só cultivando essa forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos” (94). A proposta de Francisco não apenas serve de plataforma comum para a construção de uma nova sociedade, mas também é condição para que ela seja possível. Ao intitular o terceiro capítulo como Pensar e gerar um mundo aberto, Francisco deixa claro aonde pretende chegar: o amor, quando autêntico, “coloca-nos em tensão para a comunhão universal”, pois, “por sua própria dinâmica,

o amor exige uma progressiva abertura, uma maior capacidade de acolher os outros” (95). São as pessoas que estão no centro da proposta de Francisco e é o cuidado com elas que conta. O amor proposto por ele está orientado, portanto, à autodoação, ao serviço e, como ele mesmo afirma, “o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas” (115).

Não há fronteiras que nos impeçam amar como irmãos e irmãs

No quarto capítulo – Um coração aberto ao mundo inteiro – Francisco apresenta alguns desafios para assumirmos, de fato, que somos irmãos e irmãs. Atendo-me aqui ao que me parece ser o desafio que fala mais ao coração do Papa: o limite que os poderosos querem impor às fronteiras. Francisco reconhece que o ideal seria que não houvesse migrações forçadas, mas para isso seria preciso “criar reais possibilidades de viver e crescer com dignidade nos países de origem, para que possam encontrar lá as condições para o próprio desenvolvimento integral” (129). Mas o fato é que muitas pessoas precisam migrar para continuar subsistindo, e é direito delas buscar lugares

onde possam satisfazer suas necessidades básicas e as de sua família, realizar-se plenamente como pessoas. Somos todos migrantes neste mundo; a triste diferença é que alguns, para continuarem vivendo, precisam cruzar fronteiras. E ninguém tem o direito de impedi-los. A construção de uma fraternidade e amizade social exige que tenhamos a consciência de que “ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém” (137). O cisma que, segundo Francisco, parece estar em curso entre o indivíduo e a comunidade humana (31) não pode tornar-nos reféns de narcisismos bairristas, geradores de medos que nos podem levar a ser inimigos uns dos outros e a fazer explodir entre nós as mais perversas expressões de racismo. Se isso acontecer, a construção de uma fraternidade e amizade social estará comprometida.

No quinto capítulo – A melhor política – Francisco aborda a questão dos populismos e liberalismos atuais e dirige-se duramente aos políticos. Basta olharmos, neste exato momento, para a corrida a cargos políticos no Brasil para percebermos que existe algo de insano no ar, algo que vai na contramão do que propõe Francisco. Como pode ser candidato a cargo político quem não quer colocar a política a serviço do verdadeiro bem comum? Como pode candidatar-se aquele

A construção de uma fraternidade e amizade social exige que tenhamos a consciência de que “ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém” (137). O cisma que, segundo Francisco, parece estar em curso entre o indivíduo e a comunidade humana (31) não pode tornar-nos reféns de narcisismos bairristas, geradores de medos que nos podem levar a ser inimigos uns dos outros e a fazer explodir entre nós as mais perversas expressões de racismo.

que rejeita a democracia, mas diz estar a serviço do povo? Como podem ajudar a resolver as graves questões sociais pessoas que, por incompetência, não têm condições de oferecer nada mais do que soluções cosméticas para os problemas também cosméticos? Como alguém pode dar-se por autorizado a pisar a dignidade e os direitos dos outros indivíduos ou dos grupos sociais? Como pode prestar um bom serviço quem despreza os mais vulneráveis da sociedade? Como pode ser de confiança quem construiu sua casa sobre a corrupção?

Francisco está coberto de razão quando afirma que a caridade é o “coração do espírito da política”

e, por isso, “é sempre um amor preferencial pelos menos favorecidos, que subjaz a todas as ações realizadas em seu favor” (187). Para ele, a melhor política é a que cuida da fragilidade das pessoas, a que leva “a amar com ternura”, deixando-se enternecer pelos mais frágeis, pobres e pequeninos (194). Enquanto a preocupação maior dos políticos for com o próprio enriquecimento e com as estratégias para se perpetuar nos cargos que os enriquecem, não sairemos do caos em que nos encontramos. Quantos candidatos que concorrem a cargos políticos se preocupam com encontrar a solução eficaz para os fenômenos da exclusão social e econômica, do descarte do mais fraco, da miséria e da fome, da criminalidade e da violência, do desemprego e da exploração, do

Quantos candidatos que concorrem a cargos políticos se preocupam com encontrar a solução eficaz para os fenômenos da exclusão social e econômica, do descarte do mais fraco, da miséria e da fome, da criminalidade e da violência, do desemprego e da exploração, do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, da migração forçada e do tráfico de drogas?

tráfico de pessoas e do trabalho escravo, da migração forçada e do tráfico de drogas? Os desafios são imensos! Parece que boa parte da população não se tem dado conta da intolerância fundamentalista que a seduziu, com a conseqüente perda de respeito pelo outro e pelo bem comum. O aumento assustador da pobreza e da miséria levará o povo a se ocupar com sua sobrevivência e, com isso, a abrir mão da plena liberdade a que é chamado. Os nossos políticos não podem continuar sendo cúmplices dessa barbárie!

O diálogo como caminho para a edificação de uma nova cultura da paz

Ao mesmo tempo em que Francisco, no capítulo sexto da encíclica – Diálogo e amizade social –, propõe o diálogo como caminho para a edificação de uma nova cultura, ele afirma que há verdades das quais não se pode abrir mão. Pode parecer, à primeira vista, que se trata de uma contradição. Francisco sabe, no entanto, que diálogo não é sinônimo de “troca de opiniões exaltadas nas redes sociais”, monólogos que “não envolvem ninguém” (200), negociações voltadas para a conveniência pessoal (202). Para ele, o diálogo

é o caminho alternativo possível “entre a indiferença egoísta e o protesto violento” (199). O diálogo, quando verdadeiro, requer capacidade de se expressar, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se enquanto, ao mesmo tempo, orienta para a aproximação, a abertura e a compreensão do outro. O diálogo abre ao encontro, à busca sincera da verdade, ao serviço, à aproximação dos últimos e ao compromisso de construir o bem comum (205). É nisso que Francisco acredita!

Para o Papa, dialogar não significa relativizar a verdade e abrigar-se sob o véu da tolerância e do consenso ocasional quando está em jogo a dignidade humana. Para ele, “o ser humano possui a mesma dignidade inviolável em todo e qualquer período da história, e ninguém pode sentir-se autorizado pelas circunstâncias a negar esta convicção, nem a agir em sentido contrário” (213). Em outras palavras, Francisco reconhece que o caminho para a humanidade é o diálogo, mas isso não significa que se tenha de abrir mão da própria identidade ou dos valores morais nos quais se acredita dever fundamentar-se uma sociedade. Por isso, ele interpela a todos para não medir esforços a fim de buscar a verdade, respeitá-la e submeter-se a ela, sobretudo a “verdade da dignidade humana” (207).

O diálogo, quando verdadeiro, requer capacidade de se expressar, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se enquanto, ao mesmo tempo, orienta para a aproximação, a abertura e a compreensão do outro. O diálogo abre ao encontro, à busca sincera da verdade, ao serviço, à aproximação dos últimos e ao compromisso de construir o bem comum (205). É nisso que Francisco acredita!

Para a construção da verdadeira paz, Francisco propõe percursos que levem a cicatrizar feridas e formar artesãos de paz. Trata-se de um dos maiores desafios atuais. É no capítulo sétimo – Caminhos de um novo encontro – que Francisco aborda essa questão. No contexto em que vivemos hoje, há dois fenômenos preocupantes, chamados pela jornalista e documentarista Eliane Brum de pós-verdade e autoverdade. Para Brum, a pós-verdade substitui as verdades ancoradas nos fatos por mentiras para falsificar a realidade, enquanto a autoverdade não se importa tanto com o conteúdo do que é dito, mas com o ato de dizer tudo, mesmo sem correspondência alguma com a verdade dos fatos. É o Papa, sabiamente, mesmo sem se referir a tais fenômenos, propõe como

percurso para a construção da paz que se recomeça a partir da verdade (226); do trabalho em conjunto em prol do bem comum (227); da superação do que divide sem perder a própria identidade (229); do encontro com os mais pobres e vulneráveis (233); da superação das desigualdades e da falta de desenvolvimento integral (235); do perdão partilhado (236); da renúncia a deixar-se dominar pela mesma força destruidora que causou o mal (250).

Vale a pena notar aqui outro fenômeno não menos preocupante: a facilidade com que a guerra e a pena de morte são vistas como “soluções” em circunstâncias particularmente dramáticas. Francisco desmascara essa concepção (255-270), mas reconhece que, mesmo sendo respostas falsas, há quem as defenda com todo vigor, inclusive dentro da Igreja Católica. Embora a legítima defesa não seja citada por Francisco, o recurso a ela para legitimar o armamento da população é outro fenômeno preocupante e outra resposta falsa. Mais estarrecedor ainda é constatar o elevado número de cristãos defensores e adeptos dessas e de outras formas de violência, sem se importarem que os “danos colaterais” tenham nome, rosto, identidade, dignidade, direitos. Se alguns aspectos da nossa doutrina, fora do seu contexto e mal interpretados, acabam por alimentar formas

de desprezo, ódio, xenofobia, racismo e negação do outro, para Francisco, “a verdade é que a violência não encontra fundamento algum nas convicções religiosas fundamentais, mas nas suas deformações” (282).

Francisco sabe que, para cicatrizar feridas, o mundo precisa de artesãos de paz, capazes de gerar processos de cura e de um novo encontro (225). Tais processos fazem parte do que ele chama de “cultura do encontro”: são processos que, edificados sobre uma nova antropologia relacional, levam a unir e distinguir universal e particular, a reconhecer a importância da complementaridade na diversidade, a afirmar a indissolubilidade entre verdade-justiça-misericórdia. São processos que, aos poucos, ajudam a integrar a cultura do encontro e o encontro que se faz cultura (216).

A importância das religiões para a construção da fraternidade e da amizade social

Francisco está convencido de que as religiões têm papel fundamental na construção da fraternidade e da amizade social. Os fundamentos que justificam sua convicção são os seguintes: a) a reflexão que provém de um

fundo religioso recolhe séculos e séculos de experiência e sabedoria que não podem ser desprezadas (275); b) o reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus (271); c) a consciência de sermos filhos e filhas que não são órfãos – e, portanto, sermos irmãos e irmãs – permite-nos viver em paz entre nós (272); d) o mundo precisa do testemunho de um caminho de encontro entre as várias religiões (280).

Quanto à contribuição da Igreja Católica, eis os fundamentos que justificam ser imprescindível o seu papel: a) sendo o caminho da Igreja o ser humano, tudo o que é humano diz respeito a ela (278); b) a sua história de graça e pecado ajuda a compreender mais profundamente a beleza do convite ao amor universal (278); c) a contribuição profética e espiritual da unidade entre todos os cristãos é algo que ainda devemos ao mundo (280); d) o amor ao qual somos chamados é o amor com o qual Cristo mesmo nos amou (277).

No entanto, Francisco reconhece que, se o ponto de partida não for “o olhar de Deus”, pois Ele não olha com os olhos, mas como o coração (281); se não retornarmos “às nossas fontes para nos concentrarmos no essencial: a adoração a Deus e o amor ao próximo” (282); se

não reconhecermos que somos chamados a ser verdadeiros “dialogantes” (284), dificilmente seremos mediadores autênticos na construção da paz; quando muito, seremos meros intermediários dela. Isso Francisco aborda no capítulo oitavo – As religiões ao serviço da fraternidade no mundo.

Apesar de reconhecer a importância das religiões na construção da fraternidade e da amizade social, o Papa é firme com aqueles que pensam agir em nome de Deus quando, na realidade, servem-se dEle para realizar apenas interesses pessoais. Francisco tem razão quando afirma que “Deus, o Todo-Poderoso, não precisa ser defendido por ninguém e não quer que o seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas” (285). Não há como deixar de considerar o que estamos vivendo em nosso País, porque, em várias passagens da encíclica, parece que Francisco tem diante de si, como cenário, o Brasil. Com relação ao uso do nome de Deus, estamos assistindo, hoje, a algo assustador: oportunistas de plantão não se cansam de gritar que Deus está acima de tudo quando, na realidade, Ele quis, desde sempre, estar no meio de nós, a ponto de ter assumido nossa carne para nunca mais se separar da humanidade; falsos profetas não se intimidam ao levantar a voz para

Não há como deixar de considerar o que estamos vivendo em nosso País, porque, em várias passagens da encíclica, parece que Francisco tem diante de si, como cenário, o Brasil. Com relação ao uso do nome de Deus, estamos assistindo, hoje, a algo assustador: oportunistas de plantão não se cansam de gritar que Deus está acima de tudo quando, na realidade, Ele quis, desde sempre, estar no meio de nós, a ponto de ter assumido nossa carne para nunca mais se separar da humanidade.

acusar e matar em nome de Deus quando, na realidade, buscam apenas poder e enriquecimento; sepulcros caiados revestem-se de nefasta hipocrisia ao mentir em nome de Deus e da defesa de valores “tradicionais” quando, na realidade, sua própria vida desmente-os e condena. Precisamos desmascarar a podridão revestida de religiosidade que tomou conta do País; a começar pelo Congresso, pela famosa e ultrajante “Bancada da Bíblia”. Não precisamos de gente “terrivelmente” religiosa para governar o País, mas de pessoas honestas e competentes, comprometidas com o bem comum,

decididas a dar prioridade às necessidades dos menos favorecidos, que tenham a coragem de tomar medidas inclusivas dos últimos, abandonados às margens da sociedade (233-235).

A amizade social inclui as mulheres, mas a mudança social depende do engajamento delas

A encíclica *Fratelli tutti* foi criticada pela ausência da contribuição feminina e pelo título, taxado por alguns de sexista. Quanto à “presença” das mulheres na encíclica, Francisco refere-se a elas em alguns parágrafos: “a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens. As palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra” (23); “assim como é inaceitável que uma pessoa tenha menos direitos pelo simples fato de ser mulher, de igual modo é inaceitável que o local do nascimento ou de residência determine, per se, menores oportunidades de vida digna e de desenvolvimento” (121). Noutros dois parágrafos (24 e 227), a referência a elas é feita para dizer que são vítimas de violência. Apesar da ênfase à “humanidade inclusiva” dada

pela Fratelli tutti, chama a atenção que nenhuma mulher seja citada como inspiração ou exemplo. A ausência de mulheres e da voz da mulher na encíclica é, no mínimo, constrangedora pelo simples fato de que muitas das atividades propostas por Francisco serem assumidas e terem como protagonistas as mulheres, especialmente nos contextos de migração e de reconciliação. Mais ainda, porque é impensável uma mudança social sem o engajamento delas.

Quanto ao título da encíclica, Francisco foi interpelado a ampliá-lo – fratelli e sorelle tutti – a fim de que as mulheres se sentissem inclusas, já que ela abordaria o tema da irmandade e fraternidade. Trinta organizações feministas da Europa, África, Ásia e América Latina assinaram uma carta dirigida a ele enfatizando o apreço pelos seus ensinamentos, reafirmando o compromisso com a difusão da doutrina social da Igreja e pedindo que inserisse no título a palavra “irmãs”. Francisco preferiu manter a citação literal de Francisco de Assis e conservá-la em italiano. Pessoalmente, não acredito que uma possível alteração do título trairia o espírito de São Francisco e as suas intenções. Mas não acredito ser justo servir-se desse fato para deixar de reconhecer que Francisco é um dos pontífices que mais tem

Apesar da ênfase à “humanidade inclusiva” dada pela Fratelli tutti, chama a atenção que nenhuma mulher seja citada como inspiração ou exemplo. A ausência de mulheres e da voz da mulher na encíclica é, no mínimo, constrangedora pelo simples fato de que muitas das atividades propostas por Francisco serem assumidas e terem como protagonistas as mulheres, especialmente nos contextos de migração e de reconciliação. Mais ainda, porque é impensável uma mudança social sem o engajamento delas.

atuado para dar protagonismo às mulheres no Vaticano. Quanto ao protagonismo das mulheres na Igreja – que transcende os muros vaticanos –, vale o que disse Francisco sobre a igual dignidade e equidade de direitos com os homens: “as palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra” (23). Passos mais significativos nessa direção ainda precisam ser dados.

O coração de Francisco voltado ao pós-pandemia

A expectativa do mundo hoje se volta para o pós-pandemia,

para um contexto em que todas as pessoas e todas as criaturas precisam de cuidado; daquele cuidado que se expressa como atenção, escuta, colo, ternura, dedicação, cura. Não podia ser diferente com relação à Fratelli tutti. Podemos perguntar-nos o que está no coração do Papa quanto ao futuro. Embora a própria encíclica, na sua totalidade, seja a mais clara expressão do desejo de Francisco quanto ao futuro, acredito não errar ao sintetizar todo o seu conteúdo num anseio que revela onde está o seu coração: “oxalá, já não existam ‘os outros’, mas apenas um “nós” (35).

O que está no coração de Francisco constitui a essência do Ubuntu – conforme as palavras do teólogo jesuíta Agbonkhanmeghe Orobator – uma filosofia humanista africana baseada na cultura do compartilhamento, da abertura, da dependência mútua, do diálogo e do encontro interpessoal, a ser mais conhecida e assumida como estilo de vida. O que está no coração de Francisco foi imortalizado na letra da música “Caminhos do Coração”, de Gonzaguinha – “E aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente aonde quer

que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar” –, música a ser cantada com mais força ainda.

Francisco sabe que “ninguém se salva sozinho” (54): “ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém” (137).

Bibliografia

- BORGHESI, Massimo. Fratelli tutti: uma nova Pacem in terris. In: Revista IHU On-Line (15.10.2020). Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603742-fratelli-tutti-uma-nova-pacem-in-terris-artigo-de-massimo-borghesi>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- BRUM, Eliane. Bolsonaro e a autoverdade. Como a valorização do ato de dizer, mais do que o conteúdo do que se diz, vai impactar a eleição no Brasil. In: El País (16.07.2018). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html. Acesso em: 04 nov. 2020.
- CAHILL, Lisa Sowle. Social Friendship Includes Women, but Social Change Must Engage Women. In: Berkley Center for Religion, Peace & World Affairs (26.10.2020). Disponível em:

- leycenter.georgetown.edu/responses/social-friendship-includes-women-but-social-change-must-engage-women. Acesso em: 04 nov. 2020.
- CLARK, Meghan. Fratelli tutti Shares Practical Wisdom, but Lacks Insights of Women. In: National Catholic Reporter (05.10.2020). Disponível em: <https://www.ncronline.org/news/opinion/fratelli-tutti-shares-practical-wisdom-lacks-insights-women>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- CLOUTIER, David. Three Takeaways from Fratelli tutti. In: Catholic Moral Theology (05.10.2020). Disponível em: <https://catholicmoraltheology.com/three-quick-takeaways-from-fratelli-tutti/>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- FACHIN, Patricia; SANTOS, João Vitor. Fratelli tutti: algumas impressões de uma encíclica para um mundo ferido. Entrevista especial com Rubens Ricupero, Leonardo Boff, Roberto Romano, Edgard de Assis Carvalho, Luiz Gonzaga Belluzzo, Agbonkhianmeghe E. Orobator e Faustino Teixeira (06.10.2020). In: Revista IHU On-Line (06.10.2020). Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/603478-fratelli-tutti-algumas-impressoes-de-uma-enciclica-para-um-mundo-ferido>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- FORD JR., Craig A. On Social Love and Hard Truths in Fratelli tutti. In: Berkley Center for Religion, Peace & World Affairs (30.10.2020). Disponível em: <https://berkeleycenter.georgetown.edu/responses/on-social-love-and-hard-truths-in-fratelli-tutti>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- FRANCISCO, Papa. Fratelli Tutti. Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO, Papa; AHMAD AL-TAYYEB, Grande Imã de Al-Azhar. Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum (Abu Dabhi, 04.02.2019). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 04 nov. 2020.
- OROBATOR, Agbonkhianmeghe E. Fratelli tutti é Ubuntu com outro nome. In: Revista IHU On-Line (07.10.2020). Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603533-fratelli-tutti-e-ubuntu-por-outro>.

nome. Acesso em: 04 nov. 2020.

RUBIO, Julie Hanlon. Seeing Beyond Walls in Fratelli tutti: Can Catholics Preach What They Cannot Do? In: Berkley Center for Religion, Peace & World Affairs (27.10.2020). Disponível em: <https://berkeleycenter.georgetown.edu/responses/seeing-beyond-walls-in-fratelli-tutti-can-catholics-preach-what-they-cannot-do>. Acesso em: 04 nov. 2020.

SPADARO, Antonio. Fratelli Tutti. Um guia para a leitura da encíclica do Papa Francisco. In: Revista IHU Online (15.10.2020). Disponível

em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603448-fratelli-tutti-um-guia-para-a-leitura-da-enciclica-do-papa-francisco-artigo-de-antonio-spadaro>. Acesso em: 04 nov. 2020.

THE CATHOLIC WOMEN'S COUNCIL. An Open Letter to Pope Francis Regarding the Title of the Forthcoming Encyclical, Fratelli tutti. In: The Catholic Women's Council. Disponível em: <https://www.catholicwomenscouncil.org/an-open-letter-to-pope-francisc-regarding-the-title-of-the-forthcoming-encyclical-fratelli-tutti/>. Acesso em: 04 nov. 2020.

OS VOTOS RELIGIOSOS NA PERSPECTIVA DO SÍNODO PARA A PAN-AMAZÔNIA

3ª - última parte

FREI VANILDO LUIZ ZUGNO

Uma Castidade Solidária

A relação entre o Sínodo para a Amazônia e o voto de castidade pode ser estabelecida a partir de duas abordagens.

A primeira, mais ampla, é a que parte da renovação da VRC, indicada pela *Perfecta Caritatis* e pela *Vita Consecrata*. Segundo estes documentos, a castidade é um dom de Deus que possibilita liberdade ao coração humano para que mais se acenda na caridade para com Deus, para com todos os humanos e para com todas as criaturas (PC 12; VC 88). O dom da castidade, oferecido a todas as pessoas e assumido livre e radicalmente

pelos religiosos e religiosas, é um testemunho que responde à crescente necessidade de transparência nas relações (VC 88).

Na *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco lembra que “a virgindade tem o valor simbólico do amor que não necessita de possuir o outro, refletindo assim a liberdade do Reino dos Céus” (AL 161). Viver a castidade implica, em seu fundamento último, a capacidade de superar todo desejo de dominação e a capacidade de entregar-se a si mesmo para que no/a noutro/a se realize a promessa divina de plenitude de vida. É a vivência radical do ágape testemunhado e proposto por Jesus Cristo (1 Cor 13; AL 89-119).

Viver a castidade implica, em seu fundamento último, a capacidade de superar todo desejo de dominação e a capacidade de entregar-se a si mesmo para que no/a noutro/a se realize a promessa divina de plenitude de vida. É a vivência radical do ágape testemunhado e proposto por Jesus Cristo (1 Cor 13; AL 89-119).

Neste contexto, a partir do Sínodo, podemos desenhar três grandes horizontes que desafiam a vivência da castidade na VRC.

O primeiro é o que designamos como castidade cultural. O Documento Final convida a Igreja toda a assumir um compromisso de diálogo (ASSEMBLEIA..., n. 23-25) que inclui a conversão cultural que exige estar presente, respeitar e reconhecer os valores das outras culturas, viver e praticar a inculturação e a interculturalidade no anúncio da Boa Nova (ASSEMBLEIA... 41).

Assinala o Sínodo que o colonialismo é o antípoda da enculturação. Colonialismo cultural que se efetiva na dominação econômica, política, epistêmica, religiosa e física dos homens e mulheres das culturas dominadas (ASSEMBLEIA..., n. 55). O

tráfico de pessoas e a exploração sexual que, na maior parte dos casos, andam conjuntamente, são a expressão mais dolorosa do estupro cultural histórico que impede às culturas nativas viver a sua própria identidade e do qual os jovens são as maiores vítimas (CV 79). Não por acaso, conforme o Relatório Global sobre o Tráfico de Pessoas elaborado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), 71% das vítimas de tráfico humano são mulheres e meninas, em sua quase totalidade, com a finalidade de exploração sexual (OBSERVATÓRIO..., 2018).

Afirmativamente, a castidade cultural pode ser vivida como respeito à diversidade que não anula, mas, pelo contrário, é possibilidade de afirmação das diferentes identidades:

É a partir das nossas raízes que nos sentamos à mesa comum, lugar de diálogo e de esperanças

O tráfico de pessoas e a exploração sexual que, na maior parte dos casos, andam conjuntamente, são a expressão mais dolorosa do estupro cultural histórico que impede às culturas nativas viver a sua própria identidade e do qual os jovens são as maiores vítimas (CV 79).

compartilhadas. Deste modo a diferença, que pode ser uma bandeira ou uma fronteira, transforma-se numa ponte. A identidade e o diálogo não são inimigos. A própria identidade cultural aprofunda-se e enriquece-se no diálogo com os que são diferentes, e o modo autêntico de a conservar não é um isolamento que empobrece. (QA 37).

O segundo horizonte é o da castidade ecológica, ou seja, o libertar-se do desejo de dominação sobre os outros seres da criação. Mesmo sendo decorrente do anterior, é bom guardá-lo em sua nuance específica. Ele se inspira na cosmovisão indígena do “bem viver” e nas Bem-Aventuranças. Segundo o Documento Final, “trata-se de viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o ser supremo, pois existe uma intercomunicação entre todo o cosmos, no qual não há exclusão nem excluídos, e na qual podemos criar um projeto de vida plena para todos” (ASSEMBLEIA..., n. 9).

Tendo a compreensão de que “tudo está interligado” (LS 91) – água, território e natureza, vida comunitária e cultura, Deus e as várias forças espirituais - o bem viver “significa compreender a centralidade do caráter relacional transcendente dos seres humanos e da criação, e implica um “bem fazer” (ASSEMBLEIA..., n. 9) respeitoso da diferença do/a outro/a.

Com isso, fica indicado o passo ao terceiro horizonte que podemos chamar de castidade militante, ou seja, o compromisso de criar as condições para que todas as pessoas, individual e coletivamente, tenham a dignidade de seus corpos respeitada. Com efeito, tanto o Documento Final (10; 30; 101) como a Exortação Papal (QA 10; 14), fazem um veemente apelo para que a Igreja assuma o compromisso contra a exploração sexual, o turismo sexual, o tráfico de pessoas e a escravização das mulheres.

São realidades para as quais a VRC, por meio da ação de congregações e de organismos intercongregacionais como a Rede Um Grito pela Vida, já está dando respostas significativas que precisam ser ampliadas. A castidade, como afirmam os documentos que fundamentam a VRC citados no início deste tópico, não é uma virtude que se vive apenas na relação com o próprio corpo. Ela é vivida, sobretudo, na relação com os corpos dos outros. Deste modo, ela não é apenas uma virtude pessoal de contenção dos impulsos afetivos e sexuais, mas uma exigente virtude política na medida em que exige uma nova forma de relacionar-se livre de todo desejo de dominação do/a outro/a.

A segunda abordagem possível da castidade emergiu no

A castidade, como afirmam os documentos que fundamentam a VRC citados no início deste tópico, não é uma virtude que se vive apenas na relação com o próprio corpo. Ela é vivida, sobretudo, na relação com os corpos dos outros. Deste modo, ela não é apenas uma virtude pessoal de contenção dos impulsos afetivos e sexuais, mas uma exigente virtude política na medida em que exige uma nova forma de relacionar-se livre de todo desejo de dominação do/a outro/a.

processo sinodal e foi tema de muitas considerações - tensas na maioria - na Assembleia Sinodal. Ficou registrada com força no Documento Final e timidamente abordada pelo Papa na Exortação Pós-Sinodal. Trata-se do papel da mulher na Igreja e, mais concretamente, do acesso de mulheres aos ministérios ordenados e da ordenação de homens casados.

O Instrumentum Laboris colocava na sequência as duas sugestões. Depois de pedir que, “para as áreas mais remotas da região, estude a possibilidade da ordenação sacerdotal de pessoas idosas, de preferência indígenas,

respeitadas e reconhecidas por sua comunidade, mesmo que já tenham uma família constituída e estável, com a finalidade de assegurar os Sacramentos que acompanhem e sustentem a vida cristã”, no parágrafo seguinte, também pedia que “identifique o tipo de ministério oficial que pode ser conferido à mulher, tendo em consideração o papel central que hoje ela desempenha na Igreja amazônica. Reclama-se o reconhecimento das mulheres a partir de seus carismas e talentos. Elas pedem para recuperar o espaço que Jesus reservou a elas, ‘onde todos/todas cabemos’. Propõe-se inclusive que às mulheres seja garantida sua liderança, assim como espaços cada vez mais abrangentes e relevantes na área da formação: teologia, catequese, liturgia e escolas de fé e de política” (Instrumentum Laboris, n. 129).

As discussões no Sínodo e no entorno sinodal sobre o tema foram ásperas e muitas vezes agressivos. De um lado, aqueles e aquelas que consideravam tal passo necessário para que a Igreja possa dar uma resposta efetiva à realidade amazônica; de outro, aqueles que consideravam tal ousadia uma verdadeira heresia (MAGISTER, 2019; CARDEAL BRANDMULLER..., 2019). Na disputa, alguns esgrimiam argumentos históricos

e teológicos. Outros, apenas desnudavam seus preconceitos machistas e misóginos.

O Documento Final, sem mencionar explicitamente a possibilidade do acesso das mulheres aos ministérios ordenados na Igreja Católica, coloca como ponto de referência para a discussão uma base ainda mais radical: “É urgente que se promovam e se confirmem ministérios para homens e mulheres de maneira equitativa para a Igreja na Amazônia” (ASSEMBLEIA..., n. 95. Grifo nosso). A base teológica que sustenta tal pedido é o sacramento do batismo, comum a todos os cristãos: “É a Igreja de homens e mulheres batizados que devemos consolidar, promovendo a ministerialidade e, sobretudo, a consciência da dignidade batismal.” (ASSEMBLEIA..., n. 95).

Fazendo referência aos pronunciamentos dos Papas Francisco (n. 99) e Paulo VI (n. 100) que ressaltam a presença e papel das mulheres na Igreja e na sociedade e “a sabedoria dos povos ancestrais afirma que a mãe terra tem rosto feminino” (n. 101), o Documento Final “pede que a voz das mulheres seja ouvida, que elas sejam consultadas e participem das decisões e, assim, possam contribuir com sua sensibilidade à sinodalidade eclesial” e que a Igreja “assuma em seu seio com maior força a liderança das mulheres,

e que as reconheça e promova, fortalecendo sua participação nos conselhos pastorais das paróquias e dioceses, inclusive nas instâncias de governo. (ASSEMBLEIA..., n. 101). Reconhecendo “a ministerialidade que Jesus reservou para as mulheres”, a Assembleia insiste na formação das mulheres e no acesso aos ministérios do Leitorado, Acolitado e do Diaconato (ASSEMBLEIA..., 102-103).

Na Exortação Pós-Sinodal, mesmo ressaltando a importância das mulheres para a manutenção das comunidades e a transmissão da fé (QA 99), com o argumento de que “Jesus Cristo apresenta-Se como Esposo da comunidade que celebra a Eucaristia, através da figura de um varão que a ela preside como sinal do único Sacerdote” (QA 101), o acesso aos ministérios ordenados é negado às mulheres (QA 103).¹

O Papa Francisco convida a “alargar o horizonte para evitar reduzir a nossa compreensão da Igreja a meras estruturas funcionais. Este reducionismo levar-nos-ia a pensar que só se daria às mulheres um status e uma participação maior na Igreja se lhes

1 Sobre a problemática da ordenação de mulheres ver o recente trabalho de CORPAS DE POSADA, Isabel. Ordenación de Mujeres? Un aporte al debate desde la eclesiología de Vaticano II y la teología feminista latino-americana. Bogotá: Corpas de Posada, 2020. O ebook pode ser baixado gratuitamente na loja da Amazon.

o Documento Final “pede que a voz das mulheres seja ouvida, que elas sejam consultadas e participem das decisões e, assim, possam contribuir com sua sensibilidade à sinodalidade eclesial” e que a Igreja “assuma em seu seio com maior força a liderança das mulheres, e que as reconheça e promova, fortalecendo sua participação nos conselhos pastorais das paróquias e dioceses, inclusive nas instâncias de governo. (ASSEMBLEIA..., n. 101).

fosse concedido acesso à Ordem sacra” que teria como consequência “clericalizar as mulheres, [e] diminuiria o grande valor do que elas já deram e subtilmente causaria um empobrecimento da sua contribuição indispensável” (QA 100).

Para o Papa Francisco, possibilitar o acesso de mulheres aos ministérios ordenados levaria a “fechar-nos em concepções parciais sobre o poder na Igreja” (QA 101). Assim como aos homens cabe imitar Jesus e, por isso, são possibilitados de aceder aos ministérios ordenados, às mulheres cabe imitar “a força e a ternura de Maria, a Mãe” (QA 101).²

2 A mesma argumentação já havia sido utilizada pelo Papa Francisco na Evangelii Gaudium 104.

Se, por um lado, o argumento de fundo é consistente e convincente – não convém integrar as mulheres em uma estrutura clericalista de poder -, por outro, não é apresentada nenhuma alternativa para a superação do clericalismo, uma das “maiores deformações que a América Latina deve enfrentar” que “não só anula a personalidade dos cristãos, mas tende também a diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo” e que tem como consequência a “instrumentalização do laicado, tratando-o como ‘tarefeiro’ limita as diversas iniciativas e esforços e, ousaria dizer, as audácias necessárias para poder anunciar a Boa Nova do Evangelho em todos os âmbitos da atividade social e, sobretudo, política.” (FRANCISCO, 2016).

Clericalismo que está na raiz dos “abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas” contra pessoas indefesas – crianças ou adultos vulneráveis e que se “manifesta num modo anômalo de entender a autoridade na Igreja” (FRANCISCO, 2018).

Sem a “reforma das estruturas que a conversão pastoral exige” (EG 27), entre elas, a ministerial, dificilmente se chegará, na Igreja, a uma convivência harmônica

entre homens e mulheres e os abusos continuarão acontecendo e a castidade continuará a ser posta em questão. Os religiosos e as religiosas não estão fora deste contexto, como mostram os inúmeros relatos de violência sexual, de consciência e de poder cometidos e sofridos por membros de diversas congregações ao longo e largo da América Latina.

É preciso, como indica o Papa Francisco, ir à raiz do problema. Mas, para ir a raiz, é preciso remover a terra e as pedras que sufocam a árvores. E isso ainda está por fazer no que tange às estruturas de poder na Igreja que geram relações assimétricas e de dominação entre homens e mulheres e das quais a VRC, tanto no interior das congregações como na relação com a hierarquia, não está isenta.

Solidários com as culturas oprimidas, com a criação explorada e destruída e com os homens e mulheres que sofrem em seu corpo as dores do abuso, religiosos e religiosas somos convidados a entregar toda nossa vida para que os outros tenham vida e Deus nela seja glorificado.

Concluindo

Para finalizar, duas observações mais. A primeira nasce do pedido da Assembleia Sinodal

para que a Igreja faça o esforço para “adaptar a liturgia valorizando a cosmovisão, as tradições, os símbolos e os ritos originais, incluindo dimensões transcendentais, comunitárias e ecológicas” (ASSEMBLEIA..., n. 116). Como VRC, podemos também pensar em um rito de profissão religiosa que fale a linguagem cultural dos povos de nosso continente. Como bem lembra a Assembleia (n. 117), na Igreja Católica Romana temos 23 diferentes ritos litúrgicos que expressam a única riqueza do mistério em diferentes linguagens. É possível, nessa lógica, também almejar a celebração do valor único da consagração a Deus de homens e mulheres com “cantos, danças, ritos, gestos e símbolos” (QA 88) das culturas das quais somos originários/as ou entre as quais nos cabe viver.

Em segundo lugar, e como apelo que paira sempre sobre o nosso horizonte, somos convidados/as a “aceitar corajosamente a novidade do Espírito capaz de criar sempre algo de novo com o tesouro inesgotável de Jesus Cristo” (QA 69). Os processos de

Como VRC, podemos também pensar em um rito de profissão religiosa que fale a linguagem cultural dos povos de nosso continente.

mudança, como lembra o Papa, muitas vezes são lentos e o medo nos paralisa demasiadamente. Para não terminarmos como “espectadores duma estagnação estéril” é preciso sempre proclamar: “Não tenhamos medo, não cortemos as asas ao Espírito Santo” (QA 69).

Referências

- AMAZÔNIA: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. *Instrumentum Laboris*. Disponível em: <http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html> Acesso em 12 de agosto de 2020.
- ASSEMBLEIA Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Documento Final do Sínodo para a Amazônia. Disponível em: <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html> Acesso em 30 de julho de 2020.
- CARDEAL BRANDUMÜLLER critica *Instrumentum Laboris* de Sínodo para Amazônia. *ACIDigital*, 28 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/cardeal-brandmuller-critica-instrumentum-laboris-de-sinodo-para-amazonia-69272> Acesso em 12 de agosto de 2020.
- CARDEAL MÜLLER: documento vaticano sobre a Amazônia contém heresia e estupidez. “Não tem nada a ver com o cristianismo”. 15 de julho de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590812-cardeal-mueller-documento-vaticano-sobre-a-amazonia-contem-heresia-e-estupidez-nao-tem-nada-a-ver-com-o-cristianismo> Acesso em 27 de julho de 2020.
- CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. São Paulo/Brasília: Paulus/Paulinas/CNBB, 2007.
- CORPAS DE POSADA, Isabel. Ordenación de Mujeres? Un aporte al debate desde la eclesiología de Vaticano II y la teología feminista latino-americana. Bogotá: Corpas de Posada, 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o Amor na Família. São Paulo, Paulinas, 2016.

- FRANCISCO, Papa. Carta ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina. Roma, 19 de março de 2016. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html Acesso em 13 de agosto de 2020.
- FRANCISCO, Papa. Carta ao Povo de Deus. Roma, 20 de agosto de 2018. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html Acesso em 13 de agosto de 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Christus Vivit*. Exortação Apostólica aos Jovens e a Todo o Povo de Deus. Brasília, CNBB, 2019.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual. São Paulo, Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*. Carta Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo, Paulinas, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Querida Amazonia*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao Povo de Deus e todas as Pessoas de Boa Vontade. Brasília, CNBB, 2020.
- JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Vida Consagrada e sua Missão na Igreja e no Mundo. São Paulo, Paulinas, 1996.
- LOPREZ OROPEZA, Maurício. *Sínodo Panamazônico: dimensão, temporalidade e reforma em marcha*. Fronteiras, Recife, v. 2, n. 2, p. 3-10, jan./jun., 2019.
- MAGISTER, Sandro. Cardeal Gerhard Müller acusa: este Sínodo expulsou Jesus. *IHU Online*, 08 de outubro de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593276-cardeal-gerhard-mueller-acusa-este-sinodo-expulsou-jesus> Acesso em: 12 de agosto de 2020.
- MOLTMANN, Jurgen. *Dios en la Creación*. Salamanca, Sígueme, 1987.
- NERY, Irmão. *Revisitando os três ciclos da História da Vida Consagrada*. Convergência, Brasília. Ano XXVXI, nº 339, 2001, p. 25-42.
- OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR. 71% das vítimas de tráfico humano são mulheres e meninas. 21 de agosto de

2018. Disponível em : <https://observatorio3setor.org.br/noticias/71-das-vitimas-de-traffic-humano-sao-mulheres-e-meninas-2/> Acesso em: 12 de agosto de 2020.

PAULO VI, Papa. *Perfecta Caritatis*. Decreto sobre a conveniente renovação da Vida Religiosa. Roma, 28 de outubro de 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/>

archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html Acesso em 13 de agosto de 2020.

SANTOS, Adelson Araújo. O Sínodo antes, durante e depois da sua realização: impressões pessoais de um teólogo da Amazônia. *Fronteiras*, Recife, v. 2, n. 2, p. 270-283, jul./dez., 2019.



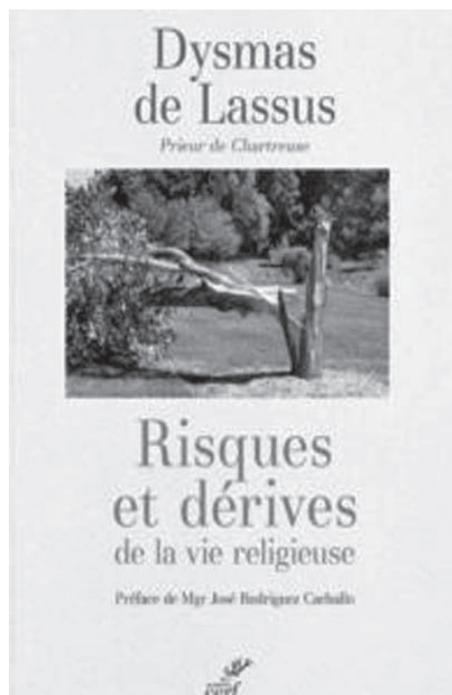
RESENHA

RISCOS DA VIDA RELIGIOSA

GIOVANNI CUCCI S.I.

TRADUÇÃO: P. GERALDO MARTINS LISBOA, SDB

Um livro de dom Dysmas de Lassus, recentemente publicado, apresenta uma pesquisa acurada sobre alguns desvios da vida religiosa. No prefácio da obra precisa-se que é o fruto de quatro anos de encontros com as vítimas que nas Ordens religiosas sofreram abusos de diversos tipos (psicológico, sexual, espiritual) e, ao lhes dar a palavra, procuram individualizar os desvios comunitários e institucionais que lhes foram possíveis. A pesquisa foi promovida pelo presidente da conferência monástica da França, dom François You, com a colaboração de alguns teólogos e canonistas, religiosos/as, um abade e uma abadessa, psicólogos e



psiquiatras, e traz o prefácio do secretário da Congregação para os Institutos da vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, mons. José Rodríguez Carballo. O curador da pesquisa, p. Dysmas, atual prior e ministro geral dos cartuxos, nota a grande escassez de cada uma dos estudos voltados a reconhecer as causas destes desvios: estudos que, na maioria das vezes, detêm-se nas vicissitudes das vítimas.

Por que tanta insistência sobre os aspectos doentios da vida religiosa?

Na introdução, o curador põe explicitamente este interrogativo. E ao responder, toma como exemplo quanto acontece a algumas companhias aéreas: apesar dos sinais de estragos e mal funcionamento, os dirigentes ignoraram as advertências para manter o bom nome da empresa. As consequências foram catastróficas: centenas de mortos, processos, falências da sociedade, despedidas às centenas e a perda de confiança da parte do povo. Daí a importância de uma revisão contínua para o bem de todos. As comunidades religiosas são chamadas também a um trabalho semelhante, a uma periódica “revisão”, de acordo com o convite à vigilância

evangélica. Por isso é importante indagar-lhes o “funcionamento”. A semelhança recorrente de tais situações leva a concluir que a responsabilidade não pode ser simplesmente atribuída à “maçã podre de colheita”.

Censurando algumas categorias sociológicas, o livro procura individuar as características das “comunidades destrutivas” (Sennett) e as defesas privilegiadas que permitem às comunidades permanecerem em boa saúde, continuando a encarnar o carisma recebido. Os autores, dando a palavra às vítimas, identificaram alguns “vírus” recorrentes que, se não identificados e combatidos, podem se tornar mortais. Esses não são sempre fáceis de se reconhecer, porque se apresentam, como diria santo Inácio, “sob a aparência de bem”. Examinamos alguns, que certamente não fazem a riqueza das análises do livro, que oferece também um rico panorama da tradição teológica e do ensinamento dos mestres espirituais em consideração.

O uso instrumental da autoridade

A irmã Chantal-Marie Sorlin, membro da Comissão sobre desvios sectários nas comunidades católicas, na sua pesquisa

sobre o tema (publicada pelo Secretariado geral dos bispos franceses) mostra as características de uma autoridade que prende a consciência: 1) a ascendente sedução; 2) o culto da personalidade; 3) isolamento do externo; 4) a espiritualidade como forma de manipulação; 5) a incoerência com a vida. Esses podem conduzir às tentações presentes no Evangelho: “As três tentações do poder, do ter e do gozar são universais. Mas a presença destes desvios é ainda mais grave lá onde se pensaria encontrar testemunhos de Deus e dos frutos de santidade”.

A isso acrescenta-se a contribuição de uma comunidade sectária que, em nome da unidade, sufoca qualquer pensamento que não se limite a repetir a voz da autoridade. Daqui, a dificuldade de reconhecer, antes ainda de exprimir, as perplexidades de tal estilo de vida: a pessoa se sente diferente, marginalizada, inimiga da Congregação e, nos casos mais extremos (mas não igualmente raros), súcuba do demônio. E quanto mais o grupo se fecha, tanto mais os inimigos parecem aumentar, porque considerados incapazes de compreender o estilo de vida da comunidade e o carisma do chefe.

O livro cita o exemplo de duas Congregações religiosas: a Família de Nazaré (surgiu com grande fervor missionário em

1961, para depois romper com a Igreja em 1974), e a mudança do fundador dos Legionários de Cristo, o qual em 1956, dando-se conta de que os seus abusos podiam ser revelados, introduziu um “voto privado de caridade”, como qual o membro da Congregação se comprometia não fazer nada que pudesse desacreditar o superior, e vigiar para que outros não o fizessem. Frente a uma tal decisão, “é difícil dizer que coisa seja mais espantosa: que um superior possa emitir tal regra, ou que um instituto possa aceita-la e se submeter supinamente por 50 anos, sem compreender o seu significado evidente”. Põe-se a silenciar toda possível crítica, uma coisa que “não tem nenhum valor religioso ou teológico (...), não tem nada a ver nem com o respeito ao superior, nem com a unidade da Igreja”. Desse modo, a personalidade do fundador tende a plasmar a comunidade de acordo com sua imagem e semelhança.

Os grupos sectários se tornam, sobretudo, incapazes de uma reforma interna, a partir do momento em que os desvios são tão difundidos e praticados de tal modo que não são advertidos como se deve. Quando se cria um clima de medo e de incerteza, a pessoa “é pronta para aceitar tudo para evitar o pior” (p.77). Mas um preço muito pesado, sobretudo do ponto de vista

psicológico e psiquiátrico: insônias, pesadelos, somatizações, atos de violência pessoalmente infligidos, breakdown, tentativas de suicídio.

Uma psicóloga, que prefere permanecer anônima, conta ter acompanhado cerca de 15 irmãs contemplativas demitidas por impulsos suicidas. Elas não apresentavam sinais de desequilíbrio psíquico ou de grave depressão. As causas eram ligadas ao estilo de vida: “Parecia que tudo quanto pudesse contribuir para o alívio das suas pessoas, seus centros de interesse, seus talentos, lhes fosse pedido de despojar. Tinham procurado se tornar a perfeita religiosa santa, renunciando tudo a que aspiravam. As diretrizes comunitárias indicavam um modo, por outro lado o seu íntimo lhes pedia outro. E quanto mais se conformavam, mais as dúvidas, os conflitos e a imagem ruim de si se ampliavam, até cancelarem a sua identidade de filhas de Deus, e julgar serem presas do demônio... Somente a morte podia libertá-las destes tormentos” (p.234).

A estrutura piramidal

Os obstáculos ao processo de renovação não estão presentes somente nas comunidades

patológicas, mas se encontram em não poucas Congregações nas quais a informação – em particular os documentos do magistério, o direito canônico, os critérios estabelecidos pelas Constituições e pela regra – é censurada e falta a possibilidade de um confronto. Assim, “se recusa a obediência à Igreja em nome da obediência ao fundador e ao “carisma do qual se julga depositário” (p. 108; cfr p. 106).

Um abade, encarregado de estudar as divisões sectárias, notava um aspecto recorrente: a estrutura piramidal, isto é, a tendência a proibir a comunicação horizontal entre os irmãos ou irmãs, a fim de manter somente aquela vertical, com a autoridade superior, que decide o que que é oportuno fazer saber, sem medo de ser contradito: “Assim, uma parte da verdade fica escondida e todos acabam acreditando numa mentira. Mais se mente, mais se torna prisioneiro do sistema, para procurar conservar um mínimo de coerência, e tudo se torna uma prisão da qual não é possível sair” (p.74). É aquilo que p. Dysmas chama “a cultura da mentira”, praticada em nome da unidade. Preservar o bom nome do Instituto prevalece sobre prestar auxílio a quem sofre e se encontra em dificuldade. A falta de escuta das vítimas de abusos sexuais de padres por parte das

autoridades eclesiásticas – uma dor ainda mais grave do que a violência sofrida – tem na base esta mentalidade “piramidal” que sacrifica o mais fraco.

Como sabemos, pelas indicações sobre a correção fraterna (Mt 18,15-20), um relevo crítico pode dar tédio, mas também constituir um auxílio indispensável para o arrependimento e a tomada de consciência de situações distorcidas, que em caso contrário, por medo ou pela vida tranquila, arriscam levar a consequências destrutivas: “Vindo tudo da cabeça, o corpo e as personalidades, sobretudo aquelas mais capazes, serão logo sufocadas” (p.104).

Uma ex-religiosa confienciava que, por ocasião das visitas dos superiores, era-lhes recomendado não falar da comunidade, mas somente de si e dos próprios defeitos para corrigir-se: “E assim por toda a minha vida não ousei dizer uma só palavra que pudesse ir contra aquilo que vejo ou vivo, até à minha saída (...). Se estas pessoas que falam em nome de Deus mentem, que fé depositar no Deus que representam?” (p.69).

A dialética superior-comunidade

Revelar tais desvios mostra a necessidade de uma escuta nas

duas direções, horizontal e vertical, para que a Congregação não termine progressivamente fora de direção. A saúde espiritual (e humana) da relação se joga nesta troca recíproca – e difícil – entre instituição e comunidade, uma permuta indispensável para conservar a fidelidade ao carisma: “A instituição representa o necessário contra poder que permite a um poder evitar a tentação de sair do seu domínio legítimo” (p.82). O cargo ocupado pode diversamente dar acesso a perigosos mal-entendidos, identificando a categoria com o valor de si.

O voto para a eleição de um abade ou de uma superiora geral, por exemplo, não pode ser interpretado como uma declaração de afeto, assim como não se devem sentir obrigados a reeleger a mesma pessoa “porque do contrário se sofreria”: é ao invés do reconhecimento de algumas qualidades necessárias para governar e, entre estas, sobretudo a capacidade de consentir à Congregação – salvando-se sempre a graça de Deus – uma continuidade no tempo. É por isso que, também, as pessoas capazes não devem permanecer muito tempo no governo: o critério é o bem da comunidade. Em diversos casos, a mesma presença de um superior capaz e brilhante tornou mais difícil um seu revezamento, arriscando bloquear o necessário processo de atualização.

A comunicação em duplo sentido entre superior e comunidade garante também o significado autêntico da obediência. O capítulo dedicado à vida comum, muito rico e pormenorizado (cfr pp.89-134) entra em mérito com a dimensão teológica, canônica e espiritual desse voto tão importante para a vida religiosa. A sua má interpretação está muitas vezes na base da grave despersonalização notada acima: “O superior deve exercer a sua autoridade sobre os seus irmãos como filhos de Deus. Isto significa que, quando se diz que o superior tem o lugar de Deus, esta fórmula deve ser completada por uma outra: para o superior aquele que obedece tem o lugar de Cristo (...); por isto comanda com amor e respeito; em caso contrário, é Cristo que ele maltrata” (p. 97).

A recusa de toda possível crítica é uma forma de presunção, assim como não dispensa da obediência àquele o qual é obrigado a fazer qualquer coisa com que não concorda (a menos que não se trate de coisas imorais ou contrárias à doutrina da Igreja; veja-se a ampla discussão que o livro dedica a este tema, em nível teológico, canônico e espiritual, nas páginas 147-198). A obediência todavia diz respeito às ações,

não pode coagir a pensar diversamente: isto seria uma grave violação da consciência. (nota n. 4- como notava um ex-religioso: “Me sentia anulado” p. 296)

A autoridade como privilégio

Uma outra consequência da relação distorcida entre superior e inferior é o privilégio: manda-se a mensagem de que qualquer coisa que seja dada a um membro da comunidade (uma viagem à casa, um cargo de responsabilidade, uma recarga telefônica) seja um prêmio especial pela sua fidelidade. Um prêmio que se torna em seguida chantagem afetiva: “Depois de tudo aquilo que fiz por você, poderia bem...”. De tal modo, rendem-se as pessoas dependentes, manipulando-as também por meio de imprevisíveis botes de humor – “o quente e o frio” -, que fazem sentir-se em culpa e impelem a encontrar todo modo de entrar nas graças da autoridade, até se tornar para ela a preocupação principal: “Estas comunidades perderam o contato com o real, o verdadeiro; seus membros provam uma enorme necessidade de justificar-se, não para tranquilizar os outros, mas a si mesmas. Mas a verdade de per si não sente tal necessidade: ela basta a si mesma” (p. 73; cfr p. 281).

“A Estrutura Piramidal, no momento em que se torna a norma da relação, se presta facilmente para o abuso”

Nessa visão, a vontade do superior tende a se tornar o único critério de conduta, é colocada acima da lei, está em grau de se conceder tudo. Com o grave risco de usar dos bens da comunidade e da Congregação como propriedade pessoal, e por em prática comportamentos que escapam a todo controle, como aconteceu por ocasião da mudança – que fez muito barulho faz alguns anos na Itália – que envolveu o abade de um célebre mosteiro. (nota n.5 – Trata-se do abade de Montecassino, que utilizou em diversas ocasiões as receitas do 8 por mil para se pagarem custosos weekend em giro pelo mundo, gastando até 30.000 euros). O caso, certamente clamoroso, é todavia revelador da mentalidade piramidal, no qual quem está no cume pode se permitir tudo, pelo simples fato de ocupar aquela posição: “Se o superior não vive como os seus irmãos, uma dimensão essencial da vida religiosa está em perigo (...). O ministério do exemplo tem um lugar muito importante na missão dos superiores. Os Estatutos dos cartuxos aconselham o prior que não está mais em grau de dar o exemplo

de pedir para ser aliviado do cargo” (p.113).

O abuso espiritual e sexual

A estrutura piramidal, no momento em que se torna a norma da relação, presta-se facilmente para o abuso, porque é uma forma de anulação do outro. Os episódios de violência sexual foram em grande parte perpetrados por pessoas com um forte sentido carismático e uma modalidade de gestão de poder que não tolerava pontos de vista diferentes, incapazes de escuta, de empatia e extremamente rígidas na maneira de propor a sequência evangélica.

Por isso, o Papa Francisco, na Carta ao povo de Deus a caminho no Chile (31 de maio de 2018) e na Carta ao povo de Deus (20 de agosto de 2018) não fala simplesmente de “abusos sexuais”, mas sempre de “abusos de poder” e de consciência, no contexto sistêmico mais amplo das relações que existem na comunidade eclesial e da sua corrupção, quando a autoridade é vivida como poder e não como serviço”. (Nota n. 6 – F. Lombardi, “Por ocasião do encontro dos Bispos sobre a proteção dos menores” in Civ. Catt. 2018 IV 545. Jacques Pujol define assim o abuso espiritual: “Quando alguém (pastor, padre, bispo, comunidade) aproveita da

sua posição de autoridade para controlar ou dominar uma ou mais pessoas (...). O abuso espiritual é um abuso de autoridade, tornado mais grave pela utilização da autoridade divina para dominar uma ou mais pessoas” (*Abus spirituels. S’affranchir de l’emprise*, Paris, Empreinte Temps Present. 2015, 10-12. La Commission SOS abus, instituída em 2015 pela comunidade Frères de Saint-Jean (em seguida às revelações, em 2013, de “atos contrários à castidade” cometidos pelo fundador, padre Marie-Dominique Philippe), mostrou na sua reportagem que os 80% dos casos de violência sexual (sobre adultos) aconteceram num contexto de acompanhamento espiritual (p. 339).

Essa dinâmica tem elementos comuns que podem ser identificados, permitindo desmascarar o abusador, sobretudo na parte espiritual. Um tema, reconhecer os autores, pouco explorado até agora mesmo se presente em todo tempo. Pode ajudar a experiência descrita de santa Joana de Chantal no século XVII. Ela encontra um diretor espiritual “de grande sucesso junto às pessoas devotas”, que a convida a colocar nas suas mãos a sua vida interior, ligando-se a ele com quatro votos: “O primeiro, que lhe obedecesse; o segundo, que não o trocasse nunca; o terceiro, que mantivesse segredo sobre tudo o

que lhe teria dito; o quarto, que não deveria abrir a ninguém o seu íntimo, mas somente a ele”. E assim, Joana, por dois anos, procurará agradar aquele diretor com grande sofrimento até que, não sem fortes resistências, decidirá confiar-se em São Francisco de Sales, que a libertará daquelas pressões (que não servem para nada a não ser destruir a paz de uma consciência).

Em seguida, Joana descreverá as características das extorsões afetivas próprias do abuso de consciência (porta de entrada para os outros abusos): 1) a relação espiritual entendida como processo do íntimo; 2) a manipulação do nome de Deus para anular a vontade do outro; 3) o pedido de uma submissão total; (Nota n.8 – Um noviço revela nestes termos as prescrições recebidas do padre mestre: “Isto que eu vos digo deveis aceitar sem alguma reserva interior. Eu sou para vós o representante de Cristo(...). Peço-vos trocar totalmente o vosso coração e o vosso espírito” (p.295 s). O autor comenta: “O que cria o abuso é a totalidade”) 4) a proibição absoluta, sob pena de pecado, de falar com outros, para ligar a si a pessoa.

Essas características, presentes também nas relações doentias com a autoridade, são na maior parte dos casos os degraus de ingresso ao abuso sexual, como

no testemunho reportado nas páginas finais do livro (pp. 429-439; cfr p. 288). No caso de Joana, tratava-se definitivamente de um “bom religioso”, mas ela viveu a relação com ele como uma “montanha que lhe esmagava o coração”. No abuso, os planos da relação se invertem: quem acompanha não está mais a serviço da pessoa que se abre, mas dela utiliza para satisfazer as próprias necessidades.

Joana, felizmente, encontrou São Francisco de Sales que a ajudou a “sair da jaula”. Mas quando isso não é possível, especialmente para quem se encontra nos primeiros passos da vida religiosa, podem surgir inquietações físicas e psíquicas, como aquelas descritas acima, com o agravante de que tudo isto vem apresentado como vontade de Deus. Daí, a deformação da imagem de Deus, a consequência mais grave do abuso espiritual, que acaba tornando impossível a vida de fé. Como nota São Tomás, “se a razão apresentasse a fé em Cristo como um mal, a vontade não poderia aceita-la a não ser como um mal; não porque seja um mal por si mesma, mas porque é um mal na consideração da razão” (*Summa Theologica* I-II. Q. 19, a.5). Daí a necessidade de recusar um ato considerado ofensivo também por Deus.

O livro, retomando os ensinamentos dos Padres da Igreja, fornece numerosas características do autêntico acompanhamento como exercício do foro interno (cfr pp. 255-293).

Os caminhos da cura

Pode surpreender que um livro, assim documentado sobre patologias da vida religiosa tenha sido escrito por um eremita, por um homem que leva vida erma e, por sua admissão, não gosta de escrever. Mas, justamente porque é eremita, p. Dysmas demonstra possuir uma capacidade de escuta não comum. Ele afirma que escreveu o livro depois de colóquios com pessoas “que não tinham encontrado ouvidos atentos. Diante da coerência entre as narrações de abusos acontecidos em comunidades muito diferentes, progressivamente tomei consciência de que estamos diante de um problema importante(...). Ouvi, da parte deles, esta terrível frase: “Não sei mais quem sou”. É totalmente anormal! Há altos e baixos na vida religiosa (como em todas), mas quando se diz que não se acha mais o sentido da vida, a urgência da situação deveria saltar aos olhos”.

Publicando essas experiências, fornecidas por análises sobre “o sistema de abuso” nas suas várias

formas (de poder, psicológica, espiritual e sexual), p. Dysmas se convenceu, como se recordava no início, que estes desvios, uma vez reconhecidos, podem ajudar as comunidades religiosas a se protegerem dos elementos negativos: “O primeiro passo da cura é compreender a doença com que temos de trabalhar. Técnico por temperamento, penso que mostrar os mecanismos abre a porta para uma tomada de consciência de quanto não é “normal”. Depois, precisa querer trocar. Os elementos de um desvio sectário se assemelham a uma teia de aranha, com os pontos de sustentamento cruzados: tira um e o resto desaparece. Por exemplo, para trocar uma estrutura piramidal nefasta, basta querer trocá-la, também, se as consequências de pequenas transformações em modos de ações sedimentadas, numa comunidade e nas pessoas, dão medo”.

Um passo indispensável, é justamente a escuta das vítimas, uma coisa que infelizmente é no mais das vezes desprezada. P. Klaus Mertes, reitor do colégio dos padres jesuítas de Berlim de 2008 a 2011, vindo a conhecimento os abusos praticados por alguns confrades sobre menores no curso de um decênio (1970-80), escreveu uma carta a todos aqueles que haviam frequentado a escola naquele período (cerca de 600), manifestando o desejo

de encontrar uma coisa que a maior parte deles não tinha nem sequer imaginado. Permanece, de fato, a sensação de não serem acreditados mesmo à luz de tentativas precedentes que acentuaram o sofrimento e o sentido de amargura. A falta de escuta, de atenção ou a desobrigação podem ser motivo de sofrimentos muito fortes do abuso sofrido. (Nota n.13.- Cfr por exemplo, a vicissitude narrada por SOPHIE DUCREY: *Récit d'un abus spirituel*, onde se descreve a grande frustração de frente à tentativa de quebrar o muro de solidariedade e pressões na comunidade eclesial que a impediram de esclarecer sobre abuso sofrido (justificado com motivações “teológicas” pelo próprio confessor) e, sobretudo, de colocar o depredador na condição de prejudicar. Para Sophie foi um grande sofrimento também no aspecto editorial: por sete anos, o livro foi recusado por seis editores, para ser depois publicado graças ao clamor levantado pela imprensa sobre a temática. Sophie esperou 35 anos antes de poder ser ouvida por parte da Igreja).

Por isso é importante que aqueles que encontram as vítimas tenham recebido uma formação adequada. (Nota n. 14. Também com esta finalidade foi fundado na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma o Centre for

Child Protection (CCP); partindo de pesquisas sobre o campo, são oferecidos cursos e seminários sobre como reconhecer o abuso e enfrenta-lo. Às vezes, passam anos para que a vítima possa dizer a si mesma primeiro do que a outros, a gravidade daquilo que sofreu, e passam muitos outros anos (ou talvez mais) para colocar juntos os pedaços da psique e da alma, para fazer calar os sentimentos de culpa (muito presente no abuso) e para recolocar no lugar certo a classe, o poder e a responsabilidade do predador. (Nota n. 15. Como se abre uma vítima: “Levei 15 anos para começar a sistematizar este estrago, para assumir o sofrimento de ver neste herói da minha vida um tão grande doente. Para entender que não se tratava de estupidez da minha parte mas de manipulação, de ascendente, e de lavagem de cérebro. E agora, a mais de um quarto de século, ainda me encontro mergulhada no pesadelo e sinto ainda mais a importância da entrega. Outras estão ainda sob aquela influência” p.335.)

Reforçar as defesas imunitárias

Toda Congregação tem a própria disposição “defesas imunitárias” para proteger-se de várias

maneiras destes desvios: a regra e as Constituições; a manifestação do próprio pensamento sobre as propostas de mudança, sobretudo se estas tendem a concentrar os cargos, a prolongá-los indefinidamente e a concentrá-los numa só pessoa; e o diálogo, dentro e fora, com as instituições eclesiais”. Uma outra ajuda é o capítulo ou o elenco dos assistentes e dos delegados. A Regra de São Bento (LXIV, 2-6; LXV, 18-21) concede, por exemplo, o poder de depor o abade ou o prior, se por acaso estes se tornem responsáveis por graves infrações.

É também importante que no curso da formação sejam apresentadas os tipos de desvios de relação e de acompanhamento; assim, será mais fácil percebê-los no momento oportuno. A grande parte das vítimas reconhece ter percebido muito tarde a rede na qual caiu – algumas vezes depois de muitos anos -, e que ocorria mais tempo para reconstituir o que foi sofrido.

Esses problemas mostram também a necessidade de uma formação integrada, humana e espiritual. Infelizmente a formação não raramente é de tipo intelectual, sem atingir os afetos e as paixões que constituem a energia indispensável para cumprir o bem. Assim, as palavras falam do Evangelho, mas os afetos não são evangelizados. Os testemunhos, à

propósito, mostram quanto tenha sido estado liberatório encontrar um padre/madre espiritual “integrados”, que consentem viver uma autêntica experiência de fé e transparência expressa destas características: 1) a total liberdade de dizer aquilo que se tem como importante, sem sentir-se constrangidos; 2) a pessoa não é forçada de modo algum; 3) exprimem grande compreensão e não manifestam alguma necessidade de controle. Em tal caso estes representam verdadeiramente um sinal da bondade e misericórdia de Deus (cfr p. 304).

Uma outra advertência, fundamental para quem ocupa o encargo de autoridade e acompanhador, é a perene verdade do segundo mandamento: “Não pronunciarás em vão o nome do Senhor, teu Deus, porque o Senhor não deixará impune quem pronuncia o seu nome em vão” (Ex 20,7). É significativo que a esta proibição se faça seguir a punição por parte de Deus para o transgressor, uma coisa que não se encontra nos outros mandamentos, reforçando a gravidade de tal ação. Pronunciar “em vão” o nome de Deus não diz respeito somente à blasfêmia: significa apropriar-se do seu nome para justificar interesses pessoais, violências, homicídios, atentados terroristas. O texto toma as dimensões de tais perversões, denuncia a sua

gravidade, mas ao mesmo tempo atesta sua presença no curso da história, que deforma gravemente a relação com Deus, talvez de modo irreversível. (Nota n. 18 – O papa emérito Bento XVI na carta A Igreja e os abusos sexuais de 11 de abril de 2019, recorda o trauma de uma ministra abusada pelo capelão, o qual “sempre introduziu o abuso sexual que estava cometendo contra ela com as palavras: “Este é o meu corpo oferecido por vós”. É óbvio que esta mulher não pode ouvir as mesmas palavras da consagração sem provar de novo toda a horrível angústia de seu abuso” (III,2)). Os abusos de consciência são em grande parte consequência do abuso do nome de Deus, instrumentalizado para agradar carências pessoais.

Uma religiosa confienciava que, quando noviça, ela e as companheiras eram repetidamente molestadas pelo padre fundador da sua congregação, justificando tais atos como “comunicação do amor de Deus”, que elas deveriam aceitar por obediência; caso contrário, seriam manchadas de uma grave culpa. Isso foi para elas motivo de um tremendo conflito de consciência entre a castidade e a obediência: “O medo de que acabaria no inferno se tivesse desobedecido era mais forte, e acabei cedendo”. (Nota n.19- J. Poujol, *Abus spirituel...*, cit., 38. Mons. Luc Ravel,

arcebispo de Estrasburgo, reconhece que o sentir-se culpada por parte da vítima é tão forte e duradouro no tempo quanto a negação obstinada por parte do abusador (Como um coração que escuta. A palavra verdadeira de um bispo sobre os abusos sexuais, Paris, Arrége, 2019, 68). A ocorrência de tais modalidades manipuladoras para prender a vontade do fraco requer que se explicita mais ainda a gravidade do abuso do nome de Deus por parte de quem tem o pesado dever de representá-lo.

Ecclesia semper reformanda. Alguém poderá sair perturbado desta leitura, como se relevar tais coisas viesse emporcalhar a vida religiosa. Na realidade

quem experimenta a beleza da chamada evangélica não pode se eximir desta fadiga, por todos os dias de sua vida terrena: “A análise de tais questões poderá inquietar alguém. Mas se contribui para tornar a vida religiosa mais segura, para evitar certos desvios, nos tempos longos ganhará em termos de imagem e de vida interior” (p. 19).

Referência

Revista *Civiltá Cattolica*, 19/12/2020. Título original: *Rischi della vita religiosa*. Autor: Giovanni Cucci, SJ - Tradução: P. Geraldo Martins Lisboa, sdb



CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA

ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2020



“Fazei tudo o que
ele vos disser”
(Jo 2,5)

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:

Congregação:

Endereço:

CEP (código postal):

Nova assinatura () Renovação ()

Telefone: ()E-mail:

Forma de pagamento:

Efetivo () Depósito Bancário () Agência:..... C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).